

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**  
**NÍVEL MESTRADO**

**VIVIAN RODRIGUES JORGE**

**DOUTRINAÇÃO *versus* LIBERDADE DE CÁTEDRA:**  
**Mediatização e disputas de sentidos em torno do Escola sem Partido**

**São Leopoldo**

**2020**

VIVIAN RODRIGUES JORGE

**DOCTRINAÇÃO *versus* LIBERDADE DE CÁTEDRA:  
Midiatização e disputas de sentidos em torno do Escola sem Partido**

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do título de Mestre em Comunicação,  
pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências  
da comunicação da Universidade do Vale do  
Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Antônio Fausto Neto

São Leopoldo

2020

J82d Jorge, Vivian Rodrigues.  
Doutrinação versus liberdade de cátedra : mediação e  
disputas de sentidos em torno do Escola sem Partido / por  
Vivian Rodrigues Jorge. – 2020.  
178 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio  
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da  
Comunicação, São Leopoldo, RS, 2020.  
“Orientador: Dr. Antônio Fausto Neto”.

1. Mediação. 2. Disputas de sentidos. 3. Circulação  
mediática. 4. Educação. 5. Política. 6. Escola sem Partido.  
I. Título.

CDU: 659.3:372.83

*If i have seen further it is by standing on the shoulders of giants.*

(Isaac Newton).

## AGRADECIMENTOS

Pedro Henrique, meu filho, eu jamais imaginaria que íamos juntos vencer este obstáculo. Jamais imaginei cursar o mestrado com um filho no ventre e depois nos braços. Hoje, graças a ti, chegamos aqui! Desculpa pelos dias em que senti minha falta, pois eu estava a me dedicar a esta pesquisa. E obrigada, muito obrigada por ser essa criança carinhosa, compreensiva e amável. Obrigada por todas as vezes que ficou ao meu lado enquanto eu escrevia essa dissertação (até quando comia as páginas dos meus livros, rsrs) espero que os mesmos sirvam de incentivo para tua educação. Obrigada por existir e por me escolher como mãe. Tu me incentivaste e incentivas todos os dias, a ti dedico todo meu esforço, toda minha gratidão e meu amor.

Ao Rafael, meu amor, companheiro e melhor amigo, gratidão é pouco por todo esforço e incentivo que me proporcionou. Obrigada por toda ajuda, em casa, com o PH e nos dias em que me acalmou de toda “pressão” pessoal e profissional que passei. Tu és uma pessoa muito iluminada, que tem o coração mais bondoso que já conheci. Que Deus te abençoe sempre e com saúde realize todos os teus sonhos. Amo-te!

Aos meus pais, Sérgio e Jussara, meu amor incondicional! A vocês meu eterno agradecimento, pela minha educação, pela mulher e mãe que me tornei. Obrigada mãe, por largar tua casa e cuidar da minha e da minha família. Obrigada por cuidarem do Pedro quando nasceu e agora nesta reta final para que eu conseguisse entregar esta pesquisa. Obrigada por toda dedicação de vocês, como sempre. Eu tenho sorte! Minha base, amo muito vocês.

Por dias também precisei da ajuda dos meus sogros, Carlos e Marlisa, para cumprir os deveres da pós-graduação. Obrigada por todo cuidado, carinho e o tempo em que se dedicaram com o neto para eu cumprir com as obrigações do curso. Todo meu respeito a vocês.

Agradeço também aos demais familiares que me ajudaram, obrigada!

Este trabalho também só se concretiza porque tive muitos colaboradores, pessoas que acreditaram na proposta, que generosamente me auxiliaram com diálogos e teorias, como os professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, em especial meu orientador, Fausto Neto, que aprendi muito com seus ensinamentos, paciência e empenho à produção acadêmica. Muito obrigada!

Obrigada aos colegas da pós-graduação os quais dividimos dúvidas, medos, alegrias, risadas e muito aprendizado.

Por fim, realizo um sonho e concluo mais um ciclo.

## RESUMO

Optar pela investigação comunicacional de um objeto que galgou seus primeiros passos dentro da escola envolvem relações que são marcadas pelos processos de circulação na internet, bem como ações que se manifestam no cenário educacional e político do país. No entanto, esta pesquisa se desenvolve no âmbito dos estudos em midiatização e tem como foco as disputas de sentidos a partir de estratégias comunicacionais entre instituição e atores sociais.

Diante disso, desenvolvemos um estudo de caso midiatizado de natureza comparativa, envolvendo ações comunicacionais do movimento Escola sem Partido (ESP) e do grupo Professores Contra o Escola sem Partido (PCESP), a fim de entender como esses discursos operam sentidos. O processo de análise é realizado a partir de 54 materiais, no período de 2015-2019, através de imagens e vídeos veiculados em sites e Facebook do objeto – constituindo as estratégias que apontam as principais ações comunicacionais em lutas de sentidos.

Contudo, o estudo do corpus se deu a partir de acionamentos teóricos da midiatização propostas por (GOMES, 2016, 2017; FAUSTO NETO, 2010) sendo possível a partir dos apontamentos da circulação (FAUSTO NETO, 2012; FERREIRA, 2013; VERÓN, 2012) a qual afeta o discurso imagético (ROSA, 2013, 2016) e os circuitos (BRAGA, 2017, 2012) os quais as ações comunicacionais com as contribuições de (RODRIGUES, 2001); geram diante das disputas/produção de sentidos (VERÓN, 1983).

Os resultados da investigação indicam que tanto o ESP quanto o PCESP desenvolvem ações e processos idênticos, mas também algumas operações diferenciadas. A análise mostra articulações de discursos midiáticos e escolares envolvendo práticas sociais cada vez mais entrelaçadas por operações de midiatização e ações comunicacionais. Destacamos ainda operações que envolvem aspectos de doutrinação e liberdade de cátedra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Midiatização. Disputas de sentidos. Circulação midiática. Educação. Política.

## ABSTRACT

Choosing the communicational investigation of an object that reached its first steps within the school involves relationships that are marked by the circulation processes on the internet, as well as actions that are manifested in the educational and political scenario of the country. However, this research is carried out within the scope of mediatization studies and focuses on the disputes of meanings based on communication strategies between the institution and social actors.

Therefore, we developed a comparative mediatized study case, involving communicational actions by the movement School without Party (Escola sem Partido - ESP) and the group Teachers Against the School without Party (Professores Contra o Escola sem Partido - PCESP), in order to understand how these discourses operate meanings. The analysis process is carried out from 54 materials, in the period 2015-2019, through images and videos posted on the object's websites and Facebook - constituting the strategies that point out the main communicational actions in disputes of meanings.

However, the study of the corpus was based on theoretical mediatization actions proposed by (GOMES, 2016, 2017; FAUSTO NETO, 2010) being possible from the circulation notes (FAUSTO NETO, 2012; FERREIRA, 2013; VERÓN, 2012) which affects the imagetic discourse (ROSA, 2013, 2016) and the circuits (BRAGA, 2017, 2012) which the communicational actions with the contributions of (RODRIGUES, 2001); generate face the disputes/production of meanings (VERÓN, 1983).

The results of the investigation indicate that both ESP and PCESP develop identical actions and processes, but also some differentiated operations. The analysis shows articulations of media and school speeches involving social practices increasingly intertwined by media operations and communication actions. We also highlight operations that involve aspects of indoctrination and freedom of professorship.

**KEYWORDS:** Mediatization. Disputes of meanings. Media circulation. Education. Politics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Presença da midiaticização na página do site escolasempartido.org .....	29
Figura 2 – Resgate da primeira imagem do site do movimento ESP .....	36
Figura 3 – Homepage do site do movimento Escola sem Partido .....	40
Figura 4 – Novo <i>layout</i> do site e sua estratégia exortativa.....	45
Figura 5 – Site do PCESP e a adesão às lógicas de midiaticização .....	47
Figura 6 – Escola sem Partido tematizado segundo pesquisas.....	54
Figura 7 – Mapeamento dos Projetos de Lei do Programa ESP em tramitação no Brasil .....	58
Figura 8 – Página do site escolasempartido.org .....	78
Figura 9 – ESP compartilha e expõe em seu <i>Facebook</i> professora como objeto de estratégia denunciativa.....	80
Figura 10 – ESP expõe e denuncia em <i>Facebook</i> perfil de professor .....	81
Figura 11 – Circuitos da ação denunciativa.....	82
Figura 12 – Banner dos deveres dos professores.....	84
Figura 13 – Banner dos deveres dos professores segundo via PCESP.....	86
Figura 14 – Deveres do professor e efeitos de sentidos .....	87
Figura 15 – Fluxo de circulação do banner .....	90
Figura 16 – Site ESP – Quem Somos .....	91
Figura 17 – Site do ESP: metas e objetivos.....	93
Figura 18 – Site do ESP – item Condições de Uso .....	95
Figura 19 – Votação do PL em 2016.....	98
Figura 20 – Site do Programa ESP: Politização .....	99
Figura 21 – <i>Fanpage</i> do ESP: enlaces entre escola e política.....	100
Figura 22 – Enlaces entre escola e política: candidata como apoiadora do movimento .....	101
Figura 23 – Enlaces com a política: professor usa camiseta de apoio a Jair Bolsonaro.....	103
Figura 24 – Transformação da sala de aula em ambiente político: atores sociais comentam no <i>Facebook</i> foto de professor sobre apoio a Bolsonaro.....	104
Figura 25 – Politização segundo modelos de escola: do PT e do ESP.....	106
Figura 26 – Esfera política afeta todos os campos direta/indiretamente .....	108
Figura 27 – Vídeo no <i>Facebook</i> : professora fala amordaçada ensejando a montagem de uma estratégia <b>audiovisual</b> .....	109
Figura 28 – Estratégia de comercialização do Escola sem Partido .....	111
Figura 29 – Página da loja do ESP na internet .....	112

Figura 30 – Mídiação e estratégia de adesão ao ESP : “Colabore” .....	113
Figura 31 – Ambiente midiático: página Apoia-se.....	114
Figura 32 – Usos e apropriações do ESP no Facebook .....	117
Figura 33 – Menino vestido de noiva encenando a ideologia de gênero.....	118
Figura 34 – Contraposições Deveres vs Direitos dos professores .....	120
Figura 35 – PCESP apropria-se banner ESP para fazer comparativo .....	123
Figura 36 – Banner dos Professores Contra o ESP .....	125
Figura 37 – Traços denunciativos por parte do grupo PCESP .....	127
Figura 38 – Apoiadores do grupo PCESP apontam perfis <i>fakes</i> em comentários.....	129
Figura 39 – Professores e a dupla oposição.....	130
Figura 40 – Site do Professores Contra o ESP .....	132
Figura 41 – Postagem compartilhada na página dos Professores contra o ESP.....	133
Figura 42 – Síndrome de Estocolmo – imagem compartilhada pelo PCESP no <i>Facebook</i> ...	135
Figura 43 – Menino vestido de princesa.....	137
Figura 44 – Meme de combate ao ESP.....	138
Figura 45 – PCESP compartilha meme ofensivo e autoritário do ESP.....	139
Figura 46 – PCESP compartilha perfil de Miguel Nagib .....	140
Figura 47– Circulação da bandeira do ESP em manifestação pró-Bolsonaro.....	142
Figura 48 – PCESP compartilha opinião de apoiador no <i>Facebook</i> .....	143
Figura 49 – PCESP compartilha comentário de Boulos durante as eleições 2018.....	144
Figura 50 – Estratégia de captação de apoiadores do PCESP .....	145
Figura 51 – Operação singular de mídiação: tuitaço #escolasencensura.....	146
Figura 52 – PCESP compartilham resultado do tuitaço .....	147
Figura 53 – PCESP compartilha matéria do Estadão .....	148
Figura 54 – <i>Facebook</i> do PCESP atenta para postagem do ESP no <i>Twitter</i> .....	149
Figura 55 – PCESP indicam leituras .....	150
Figura 56 –Professores Contra o ESP divulga conta no Benfeitoria.....	153
Figura 57 – Ambiência/circuito do caso.....	154

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Mapa das obras científicas acerca dos objetos de análise do ano de 2016.....	61
Tabela 2 – Mapa das obras científicas acerca dos objetos de análise do ano de 2017 .....	62
Tabela 3 – Mapa das obras científicas acerca dos objetos de análise do ano de 2018.....	63
Tabela 4 – Principais ações e produtos comunicacionais do ESP vs PCESP.....	159

## LISTA DE SIGLAS

ALRS	Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul
BBC	British Broadcasting Corporation
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COMPÓS	Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
EAD	Ensino à Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ESP	Escola sem Partido
FAQ	Frequently Asked Questions
FGV	Fundação Getúlio Vargas
INTERCOM	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MP	Ministério Público
MPF	Ministério Público Federal
MBL	Movimento Brasil Livre
MEC	Ministério da Educação
MED	Movimento Educação Democrática
MESP	Movimento Escola sem Partido
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
PCESP	Professores Contra Escola sem Partido
PESP	Programa Escola sem Partido
PL	Projeto de Lei
PNE	Plano Nacional De Ensino
RS	Rio Grande do Sul
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
TIC	Tecnologias da Informação e da Comunicação

TV	Televisão
UNB	Universidade Federal de Brasília
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USA	United States of America

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 CONSTRUÇÃO DO OBJETO E DO PROBLEMA DE PESQUISA .....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 Breve Histórico do Movimento Escola sem Partido .....</b>	<b>33</b>
<b>2.2 Breve histórico do grupo Professores Contra o Escola sem Partido .....</b>	<b>46</b>
<b>3 O OBJETO SEGUNDO ÂNGULO DA COMUNICAÇÃO MUDIATIZADA.....</b>	<b>51</b>
<b>3.1 Pesquisas, tensões e articulações em torno do objeto .....</b>	<b>52</b>
<b>4 O OBJETO À LUZ DE PERSPECTIVAS CONCEITUAIS DE MUDIATIZAÇÃO....</b>	<b>66</b>
<b>5 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS E AÇÕES DE MUDIATIZAÇÃO.....</b>	<b>75</b>
<b>5.1 Descrição dos aspectos metodológicos .....</b>	<b>76</b>
<b>5.2 Das estratégias de denúncia a ações de combate ao Escola sem Partido.....</b>	<b>78</b>
<b>5.3 Apresentando Inferências .....</b>	<b>155</b>
<b>6 INFERÊNCIAS TEÓRICAS E CONCLUSÃO .....</b>	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA VIA FACEBOOK COM O GRUPO PCESP .....</b>	<b>177</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os processos de midiatização tornaram-se fundamentais no âmbito de diferentes práticas sociais da sociedade, pois ações comunicacionais de várias naturezas atravessam, com suas operações, estratégias de contato que envolvem as relações entre as instituições e a sociedade.

Hoje, vivemos em uma sociedade altamente midiatizada, atravessada por ações que operam a partir de meios em suas variadas formas e modalidades. Contudo, observamos os debates contemporâneos no país transcendendo os meios de comunicação (redes sociais e a internet em geral) a ponto de se tornarem em campo de batalha na esfera midiática. Sobre tal deslocamento, Verón (2012) enfatiza a expressão “campo de batalha” a partir dos processos de circulação na internet, pois ocorre na medida em que o dispositivo da rede permite a qualquer usuário produzir conteúdo em modo público ou privado.

Sob esse ponto de vista, a internet possibilitou uma reconfiguração da vida social, cultural, política e educacional com reflexos nos comportamentos e hábitos da sociedade, a partir da participação on-line.

A fim de entendermos a natureza deste trabalho, levamos em conta a transformação dos meios de comunicação que é fundamental nos ambientes institucionais. Nesse caso, as interações entre instituições e a sociedade dependem de uma variedade de mediações através dos meios, onde as afetações de diversas ordens se projetam particularmente sobre as práticas educacionais, e a comunicação se insere ao produzir novos sentidos que dão origem a novas interações.

Meu percurso de pesquisa se caracterizou a partir do tema da educomunicação quando entrei no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, com o objetivo de estudar práticas sociais inseridas em um ambiente digital educacional voltado para o público infantil. Porém, no contexto eleitoral do ano de 2018 me deparei com uma série de casos que me recordaram outras possibilidades de investigação midiática, e que contemplavam o estudo da midiatização e das práticas sociais nos âmbitos da educação/política, deslocando a pesquisa para a possibilidade de estudo de outro objeto.

Logo, nessa ambiência midiatizada, manifestações de atores sociais (pais, alunos e sociedade em geral) geravam na internet o acirramento das atividades docentes. Visualizávamos embates/disputas nas redes sociais sobre como os professores atuavam

em sala de aula, ou melhor, deveriam atuar. De um lado, uma parte denunciava a doutrinação no ambiente escolar, onde professores supostamente usavam de seu conhecimento para catequisar os alunos acerca de suas posições políticas e ideológicas. Por outro lado, outra parte defendia a liberdade de cátedra enquanto a liberdade de ensinar, modos de pesquisar, aprender e divulgar a arte e o saber.

Em relação ao conceito de doutrinação, diferentes autores trabalham a partir dos termos como ensino, aprendizado ou manipulação. No entanto, Constant *et al* (2005) apresentam o conceito como “convencer” alguém a um determinado ponto de vista. Para tanto Constant suscita estudos de Ivan Snook (1974), que contempla o conceito como uma relação pessoal quando algum indivíduo tem posição de autoridade. Por exemplo, o método de ensino e de conteúdo ministrado em sala de aula. “A doutrinação não acontece em qualquer interação de ideias [...] se o doutrinador ensina com a intenção de que o aluno “acredite” é porque existe uma “crença””. (CONSTANT *et al.*, 2005, p. 179).

Os autores também trazem a ideia de Olivier Reboul (1980), afirmando que “pessoas “bem-intencionadas” ou que acreditam no que estão falando também podem estar doutrinando”. (CONSTANT *et al.*, 2005, p. 180).

Por outro lado, a liberdade de cátedra diz respeito à liberdade de ensinar enquanto liberdade docente, segundo perspectivas de Rodrigues e Marocco (2014) ao referenciar a Constituição Federal.

É possível visualizar a liberdade de cátedra também dentro do artigo 206, que dispõe acerca dos princípios orientadores do ensino e da liberdade de transmissão e recepção do conhecimento, especificamente no inciso II no qual está contida a liberdade de ensinar, ao lado da liberdade de aprender e de pesquisar e divulgar o saber, o pensamento e a arte. Esse dispositivo é complementado com o conteúdo do inciso III que contém o pluralismo de ideias e o pluralismo de concepções pedagógicas. Esses princípios inseridos no texto do artigo 206 e seus incisos devem ser contextualizados no âmbito do direito maior, que é o direito à educação (artigo 6º da Constituição Federal). Uma educação que, de acordo com o texto constitucional, em seu artigo 205, garanta o “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (RODRIGUES; MAROCCO, 2014, p. 8).

Nesse embate de exteriorizar seus ensinamentos aos alunos ou restringir suas ideias diante dos conteúdos, buscamos examinar determinado processo de midiaticização na área educativa a partir do estudo de ações comunicacionais que envolvem disputas de sentidos desencadeadas pelo *Movimento Escola sem Partido (ESP)*, criado em 2004, com o objetivo de combater o que chama de “doutrinação político-ideológica” em sala

de aula, bem como a ideologia de gênero e religião no espaço educacional. Também examinamos o grupo *Professores Contra o Escola sem Partido (PCESP)*, criado em 2015, via perfil no *Facebook*, visando a inconstitucionalidade do movimento denunciante e de suas práticas, em oposição aos projetos de lei que tramitam em várias casas legislativas no país.

As ações que envolvem estes coletivos, em momentos e motivações distintas, se fazem em disputas de sentido entre os dois universos, que se manifestam básica e especificamente, através de ações/estratégias comunicacionais midiaticizadas a partir de diversas peças comunicacionais, particularmente, nos perfis no *Facebook*. Tais materialidades nascem em momentos distintos, a partir de complexas relações que se travam visando aprovação do Programa Escola sem Partido (PESP) no cenário educacional do país, bem como sua contrariedade. Além desse núcleo de ação, outras manifestações compõem as estratégias comunicacionais do movimento e do grupo, como por exemplo, os sites de ambos com capacidades comunicativas que envolvem o ator social desde seu primeiro contato.

Nessa ambiência os dois coletivos desenvolvem articulações e práticas de midiaticização conforme mostraremos e que nos permitem apresentar a formulação do problema da nossa pesquisa: **Como se desenvolvem as disputas de sentidos entre o movimento institucional Escola sem Partido e o grupo Professores Contra o Escola sem Partido a partir das lógicas de mídia e midiaticização?**

A partir de um episódio de caráter interpessoal envolvendo o advogado Miguel Nagib e o professor de história de sua filha, que no ano de 2003, uma carta inserida no ambiente escolar foi escrita e publicizada por Nagib ao criticar o professor por ele comparar Che Guevara a São Francisco de Assis em questões políticas e religiosas. Na época, 300 cópias da carta aberta ao professor foram distribuídas no estacionamento da escola pelo advogado. “Foi um bafafá e a direção me chamou, falou que não era nada daquilo que tinha acontecido. Recebi mensagens de estudantes me xingando. Fizeram passeata em apoio ao professor”. (BEDINELLI apud MOURA, 2016).

Não obtendo resultados, mas recebendo reações negativas da escola e outros pais de alunos, Nagib tomou conhecimento da iniciativa estadunidense *NoIndoctrination.org*<sup>1</sup>, criada no ano de 2002 como reação a “práticas ilegais” que se disseminaram por todo o sistema educacional dos Estados Unidos da América (USA).

---

<sup>1</sup> Site ficou no ar de 2002 a 2010, destinado a estudantes que se sentiam doutrinados pelos professores, cursos e atividades que estivessem fazendo ou participando. Criavam-se fóruns de discussões, onde os

Inspirado nesse canal, no mesmo ano o advogado funda o movimento Escola Sem Partido (ESP), e conseqüentemente, no ano seguinte, em 2004, Miguel Nagib cria o site [escolasempartido.org](http://www.escolasempartido.org)<sup>2</sup>, no intuito de divulgar testemunhos de alunos que se diziam “vítimas de doutrinação ideológica”. Aqui, observamos a primeira marca de midiaticização do movimento, a partir de uma série de circuitos e ações do que viria desencadear, posteriormente, a institucionalização do ESP. Desde o momento em que Nagib escreveu a carta, a distribuiu no estacionamento, instituiu o site, publicou a carta neste portal do movimento – bem como recebeu as reações de pais e alunos que lhe enviaram outras cartas também publicizadas no site – acabou gerando outros sentidos e novos efeitos desse episódio.

Diante da constituição do objeto ser motivado a partir de um episódio dentro do ambiente escolar, sua amplificação se dá através da materialidade política e comunicacional que foi dinamizada por processualidades e estratégias de midiaticização complexas. Estas desencadearam diferentes produções de sentidos e interações em rede, demonstrando as primeiras marcas de ações institucionais, como por exemplo, a própria história do episódio com o professor e a filha veiculado no site, e a questão de a carta gerar circuitos que migraram para o ambiente midiaticizado. Aqui enfatizamos a questão dos processos comunicacionais como referência, reflexões de Braga (2006, p. 2), quando nos explica que a partir das lógicas de midiaticização os processos sociais da mídia “passam a incluir e abranger os demais processos que não desaparecem, mas se ajustam”. O que queremos dizer é que o caso inicial atravessa às fronteiras da escola e ganha força na esfera da comunicação, ou seja, ao produzir materiais em que os circuitos em articulação desenvolvem através de lógicas que resultam em estratégias a partir de novas ações envolvendo outros meios e práticas de midiaticização. Como por exemplo a primeira denúncia<sup>3</sup> recebida pelo ESP no mesmo ano, em 2004, de um aluno da Universidade Federal Fluminense (UFF) contra uma professora do departamento de História.

Nessa interação, se faz necessário destacar alguns aspectos históricos e contextuais para que se entenda a escolha deste novo objeto e a respectiva formulação do problema de pesquisa. Nesse caso, a partir de vários relatos discursivos construídos ao longo dos anos, atentamos para um cronograma de ações, muitas delas

---

alunos relatavam a não liberdade intelectual “politicamente correta”, bem como realizavam denúncias de professores.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3bN8Aw1>. Acesso em: 30 out. 2019.

comunicacionais, que antecedem o período por nós delimitado para o processo observacional das estratégias e ações comunicacionais.

Um deles é o resgate de um depoimento<sup>4</sup>, em 2005, de um aluno que leu a carta de Nagib e lhe escreveu para contar suas experiências “doutrinológicas” durante o ensino médio. O nome de Miguel Nagib aparece também ligado<sup>5</sup> ao Instituto Millenium, também criado em 2005, e denominado como primeiro grupo *Think-tank*<sup>6</sup> de direita e brasileiro. Já, outras três denúncias<sup>7</sup> em 2006 constam no site do Movimento ESP, dentre elas a de um professor universitário que denunciava o “ativismo esquerdista” na instituição que lecionava.

Além disso, encontramos mais três denúncias<sup>8</sup>, do ano de 2007, que intensificam os processos de midiaticização no site do movimento ESP, assim como o registro na mídia, com uma matéria<sup>9</sup> sobre o sistema Colégio Pentágono/COC de ensino, acerca de seu material didático que abordava temáticas sobre escravidão e desigualdade. A repercussão desse registro compartilhado no site do ESP resultou em uma reportagem na revista *Veja*<sup>10</sup>. Conforme Katz (2018), nesse período o *escolasempartido.org* reproduziu, ainda, dois editoriais dos jornais *O Estado de São Paulo*<sup>11</sup> e a *Folha de São Paulo*<sup>12</sup> que faziam alusão à esquerda e ao autoritarismo. “Críticas aos programas que começavam a ser executados pelo Governo Lula no que se refere às universidades públicas. [...] Assim como uma crítica ao tema da redação do Enem”. (KATZ, 2018, p. 12-13).

Em 2008, o site do movimento conta novamente com denúncias e postagens sobre doutrinação; entrevista<sup>13</sup> com o fundador do ESP ao site *PortaAberta* sobre a criação e objetivos do ESP, o qual Nagib se refere ao movimento “como reação ao fenômeno da instrumentalização do ensino para fins político-ideológicos e partidários”. Além disso, no mesmo ano, o site do ESP divulgou uma matéria<sup>14</sup> publicada pelo jornal

<sup>4</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2V7ILRw>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>5</sup> Matéria publicada no site <https://bit.ly/2P9zwwn>, em 2015. Nela a autora traz resgate histórico sobre o fundador do ESP acerca de algumas denominações que o ESP faz, como ser “apartidário”; não ser “ideológico”; não ter “vínculos políticos”; etc. No texto, a autora fala do ano de 2005 e da ligação de Nagib com Instituto Millenium – grupo liberal brasileiro criado por intelectuais e empresários.

<sup>6</sup> Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Think\\_tank](https://pt.wikipedia.org/wiki/Think_tank). Acesso em: 26 out. 2019.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://bit.ly/329PkEB>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2uZa4D0>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://bit.ly/329VeWe>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://bit.ly/39Tzzod>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://bit.ly/38FME4g>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2V7KhDc>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2v2MqWf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://bit.ly/38ID2pk>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Zero Hora, em 18 de janeiro de 2008, referente a uma questão da prova de vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre neoliberalismo na América Latina.

No entanto, as observações acerca do movimento ESP nos indicaram, no período de 2009, marcas do início das disputas/lutas de sentido ao encontrarmos referência ao ESP no site da Conjur<sup>15</sup>. O site fala de um processo movido contra o fundador do movimento por publicar no site [escolasempartido.org](http://escolasempartido.org) um artigo escrito por outra pessoa sem sua autorização. Logo, o site do movimento compartilhou reportagem do jornal Gazeta do Povo/Paraná, sobre a ideologia infiltrada na educação. No mesmo ano, em 2009, o ESP criou a conta no *Twitter*, ampliando suas redes de divulgações e de contatos.

Já em 2010 e 2011, o site do ESP traz poucas denúncias de doutrinação e compartilhamentos de matérias e artigos da grande mídia; em 2011 o movimento criou um canal inscrição no *Youtube*.

Em 2012, em especial, foi o ano em que havia mais postagens<sup>16</sup> referentes a denúncias no site do Movimento ESP, com referência ao Partido dos Trabalhadores (PT) ou de “esquerda”. Exemplo disso é a denúncia<sup>17</sup> a um “professor esquerdista”, de geografia, que supostamente abordou Che Guevara como um “herói dos oprimidos”. Ou, ainda, postagem de uma matéria<sup>18</sup> escrita pelo Ucho.info sobre ameaça de agressão a um docente que não aderiu a uma greve “esquerdista” de professores da Universidade de Brasília (UNB). Já, em 2013, dentre as postagens no site do movimento ESP, há compartilhamento de uma notícia<sup>19</sup> da Folha de São Paulo<sup>20</sup> sobre decisão judicial onde o próprio movimento é citado como réu.

Em 2014, com a criação de sua página no *Facebook*, o ESP ganha notoriedade, especialmente com o auxílio das redes sociais que funcionam como um canal de interlocução e midiatização entre o fundador e os sujeitos. Ao debater a “ideologia de gênero” nas redes sociais, o ESP tem apoio de instâncias políticas, como o Movimento Brasil Livre (MBL). Nesse efeito, a esfera política passa a influenciar a educação inferindo novas produções de sentidos em disputa através da área da comunicação.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2QUaS2I>. Acesso em: 06 abr. 2019.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://bit.ly/38ID3JU>. Acesso em: 22 nov. 2019.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://bit.ly/38CYTOV>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2TbnyUr>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2v2pQwK>. Acesso em: 22 nov. 2019.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2P7Mpa9>. Acesso em: 22 nov. 2019.

Na ocasião, Flávio Bolsonaro, deputado estadual na época, sugeriu ao coordenador do movimento a criação de um Projeto de Lei, a fim de colocar em prática as propostas do ESP. Assim surge o Projeto de Lei (PL) n° 2.974/2014, que propõe a criação do Programa Escola sem Partido (PESP) no âmbito do sistema de ensino do Estado do Rio de Janeiro.

Em 2015, o vereador Carlos Bolsonaro, irmão de Flávio, apresentou à Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro um projeto quase idêntico, o PL n° 867/2015. Unindo forças para divulgar os projetos de lei e implementar o Programa ESP, foi criado o site do Programa Escola sem Partido<sup>21</sup> ([www.programaescolasempartido.org](http://www.programaescolasempartido.org)), no intuito de disponibilizar dois anteprojetos de lei, um estadual e outro municipal, bastando a deputados e vereadores de qualquer lugar do Brasil acessar o site, copiar a proposta e apresentá-la nas câmaras municipais e estaduais.

Nesse sentido, visualizamos ações de campos e de atores políticos que desencadeiam a midiaticização do movimento institucional, seja por meio da aprovação de projetos que criam o movimento e pelo site, como dispositivos de estratégias de comunicação.

Contudo, a partir desse episódio da possível criação do Programa ESP, em 2014 ocorre o primeiro registro de midiaticização do grupo *Professores Contra o Escola sem Partido (PCESP)*, através de uma página no *Facebook* comandada por atores sociais (professores, estudantes e sociedade) como uma reação contrária ao Programa Escola sem Partido. Dentre as primeiras postagens<sup>22</sup> os PCESP fazem referência relativa à contrariedade do movimento ESP, e a publicação de imagens de “violência moral e censura” promovida pela página do ESP na rede social, além de outras ações midiáticas que veremos no desenvolvimento desta pesquisa.

Em entrevista<sup>23</sup>, via *Facebook*, com os administradores do perfil PCESP, na época da criação do grupo, estudantes de história da UFF mobilizaram-se quando o ESP começou a ganhar projeção por meio do projeto de lei, havendo então, uma organização a fim de publicizar o debate acerca do tema. “Com o ganho de escala, o ESP, enfim, se fez presente no espaço nacional e passou a causar preocupação em associações e confederações de professores”. (PINHEIRO, 2017, p. 83).

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.programaescolasempartido.org/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://bit.ly/39Q0CAq>. Acesso em: 25 out. 2019.

<sup>23</sup> Entrevista descrita no apêndice

A partir dessa iniciativa, em 2016 os PCESP criam um marco importante das disputas de sentidos com o site [profcontraoesp.org](http://profcontraoesp.org), que reúne publicações e documentos relacionados aos temas de enfrentamento ao ESP, e contas no *Twitter* e no *Youtube* a fim de divulgar suas frentes de combate. Por outro lado, o movimento ESP cria um perfil no *Instagram* e trabalha para concretizar as aprovações dos projetos em tramitação no país; compartilha no *Facebook* e no site imagens denunciativas de professores; postagens de atores sociais contra o movimento; alunos e trabalhos escolares; matéria<sup>24</sup> sobre o Ministério Público Federal (MPF) ao dizer que os projetos que visam à instalação do Programa ESP são inconstitucionais; entrevista<sup>25</sup> de Nagib em programa de TV, no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT); bem como a foto da página do perfil dos PCESP com texto que diz que os professores que são contra o movimento querem “manipular intelectualmente” os alunos.

Já em 2017, os PCESP ampliam seus círculos e se institucionalizam através da criação de uma associação, com o objetivo de reunir pessoas e grupos em todo o país que defendam a escola pública e a educação democrática, denominada Movimento Educação Democrática (MED). O ESP passou frequentemente a participar de entrevistas ao vivo no *Facebook* com políticos ligados à direita, continuou a compartilhar as estratégias denunciativas de professores e alunos, a denunciar universidades, a participar de palestras e debates acerca do tema, etc.

Em 2018, os PCESP buscam dinamizar o trabalho de combate em função das eleições e criam um perfil no *Instagram*. Já o movimento ESP busca apoio em seus canais (site e redes sociais) para candidatos de direita para as eleições 2018. Neste ano travamos nosso reencontro com o tema, via entrevista televisiva no Programa Mariana Godoy Entrevista<sup>26</sup>, na Rede TV, que no contexto eleitoral e midiático de 2018, o então candidato a presidência da República, Jair Bolsonaro, declara apoio publicamente ao Movimento ESP, afirmando um marco político já existente na disputa de sentidos. Nesse contexto, buscamos informações sobre o tema, com o intuito de entendê-lo, pois apesar de “ouvir falar”, nunca havíamos pesquisado profundamente a respeito.

Após o encerramento da entrevista na TV nos debruçamos no mundo virtual e acessamos o site do movimento ESP pela primeira vez, onde nos chamou atenção em

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://bit.ly/32brvMA>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2v1xRID>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2ueYT1b>. Acesso em: 22 maio 2019.

sua *homepage* o link “Corpo Delito” que trazia inúmeras denúncias<sup>27</sup> de perfis de professores (com foto e nome) se pronunciando contra a proposta do ESP. Notamos, então, que estes circuitos midiáticos se engendravam em práticas no contexto educacional, geravam disputas entre ações comunicacionais nas redes, nos levando a conhecer o grupo contrário ao movimento ESP: o grupo dos PCESP no *Facebook*.

Como toda pesquisa necessita de pré-observações, fomos a campo e nos deparamos com diferentes casos e objetos. Alguns nos instigaram sob o prisma da comunicação nos levando a reconhecer apenas o *Movimento Escola sem Partido* como objeto de pesquisa, via site do movimento e programa, bem como o *Facebook*. Apesar de elegermos o movimento ESP em 2018, em meio ao cenário eleitoral pelo fato da comunicação estar em sintonia e também ser afetada pela esfera educacional e política, nosso olhar sobre este objeto vem de conhecimento de ações e práticas sociais que circulavam em diferentes contextos anteriores a 2018, ainda que precárias ou sem pesquisa.

No entanto, após as primeiras especulações sobre a candidatura de Jair Bolsonaro para concorrer à presidência da república, o tema ganhou força no país, embora o site do movimento já trouxesse traços de midiaticização e publicização envolvendo o acontecimento do professor em sala da aula; a distribuição da carta no estacionamento; o site americano contra instrumentalização ideológica; a criação do site do ESP no ano de 2004; a criação de um programa com apoio político; a criação de outro site informacional do programa ESP; o deslocamento das ideias para as redes sociais para aproximar os sujeitos adeptos às ideias do movimento; a criação de um novo coletivo contrário a partir de fenômenos institucionais; um site com informações de oposição, etc. Segundo observações do objeto, nosso olhar propriamente analítico, no sentido de transformar o movimento ESP em nosso objeto de estudo, ocorre de materialidades textuais e imagéticas que aparecem no contexto histórico a partir de 2014, justamente pela ascensão que o movimento ganha com apoio da direita conservadora na internet.

Porém, na medida em que a construção desta pesquisa avançou – e após a primeira fase de apresentação no exame de qualificação – observamos que o caso fazia referência a duas estratégias, duas lógicas e duas dinâmicas distintas que travavam suas lutas comunicacionais. Assim, tomamos algumas decisões envolvendo a problemática

---

<sup>27</sup> Os conteúdos destas mensagens estão apresentados com detalhes na página 29.

suscitada no âmbito do contexto escolar. A primeira foi na reformulação do problema de pesquisa, envolvendo a existência de duas estratégias distintas com disputas de sentidos. Estas acontecem por meio de ações que se manifestam, de modo intenso e frequente, em práticas comunicacionais criadas sob a responsabilidade institucional para apoiar o ESP, e outras dinamizadas pelos professores; e a segunda decisão foi em optar pelo estudo comparativo, elegendo também o grupo *Professores Contra o Escola sem Partido* como caso de análise.

Diante disso, para entendermos as práticas comunicacionais que tornam o ESP e o PCESP um fenômeno produtor de sentidos, reenfaticamos as evidências que destacam o objeto, no ano de 2014, enquanto marco de observação: o movimento ESP ganha notoriedade política e midiática em grande escala e uma ação contrária toma força com o grupo dos *Professores Contra o Escola sem Partido*, em 2015.

Vale ressaltar que, mesmo que façamos referência ao ano de 2004, data de criação do movimento e do site, nosso marco de pesquisa se inicia em 2014. Assim, uma vez que os traços de midiaticização se apresentavam fortemente nos casos diante dessas observações, a análise comparativa se dá de 2015 a 2019, ano em que surge o PCESP e que as ações em disputa de sentidos das estratégias desenvolvidas pelo objeto começam a se travar no âmbito do cenário escolar, político e educativo. Tais disputas ocorrem por meio de estratégias que envolvem operações midiáticas desenvolvidas institucionalmente e por sujeitos/atores sociais, e que serão objeto de análise nesta dissertação. Nesse contexto se dá o aparecimento das primeiras temáticas que envolvem as pesquisas científicas acerca do ESP, onde algumas serão por nós comentadas.

Entendemos que muitos tensionamentos apontados nas redes do ESP e do PCESP resultam de disputas no campo educacional, uma vez que seus atores sociais têm liberdade de escolher como se relacionar e o que fazer com tais informações. Pois, como sugere Verón (2012), na relação de conhecimento e sua relação com o outro na rede, muitos sentidos e discursos sobre processos educativos se manifestam no âmbito da midiaticização. Porém, o que parece pertinente aos interesses desta pesquisa é justamente descrever como as disputas de sentidos, travados segundo motivações do âmbito da educação, se manifestam exteriorizando segundo lógicas de mídia e de midiaticização.

Diante da natureza dos materiais e da existência dessas duas estratégias de comunicação – (pró e contra) do ESP e do PCESP – destacamos que o universo é palco dos fenômenos de sentidos por nós examinado para a descrição das ações de

mediatização em disputa nos sites do movimento ESP e do PCESP, e nas páginas do *Facebook* do movimento ESP e do PCESP.

É evidente que a natureza das estratégias aparece em perspectivas distintas e tempos diferentes, mas em convergência e com coerência com os objetivos de cada um deles quando os dados emergiam segundo observações de práticas comunicacionais distintas. Para tanto, Peirce (2003) apud Ferreira (2009, p. 3) diz que “a indução é o plano de “observar esses fenômenos, a fim de ver quão de perto concordam com a teoria”. Ou seja, ao adotar as lutas de sentidos como aspectos centrais para construção do nosso objeto de pesquisa, observamos que muitos materiais desenvolvidos no universo estudado, “como palco de estratégias”, corporificam ações midiáticas em disputas, processualidades temporais e aspectos específicos segundo duas dinâmicas conduzidas sob lógicas diferentes e, ao mesmo tempo, dinamizadas por estratégias muito específicas, o que requer estudar de modo comparativo as duas estratégias em curso.

Durante o processo de elaboração e construção do problema de pesquisa, observamos que os objetivos do ESP e dos PCESP não se explicitaram de forma imediata, mas em tempos distintos e tomando como referência ações comunicacionais específicas e de caráter midiático, conforme observações feitas nos contatos com o universo da investigação. Entretanto, a partir dessas observações entendemos que o objetivo desta pesquisa é fazer um estudo comparativo das duas estratégias de mediatização, a do *Movimento Escola sem Partido* e dos *Professores Contra o ESP*, a fim de entender como os discursos implementados por ambos operam sentidos e produzem efeitos na sociedade.

Essas ações manifestam-se nas interfaces de práticas de comunicação segundo operações de mediatização e de processos de aprendizagens, conforme propõe Braga (2002, p. 9). O autor relaciona a aprendizagem social e os processos mediáticos como novas situações de interação em um mundo largamente mediatizado. “Diz respeito, a mediatização enquanto uso das tecnologias, no impacto sociocultural, na produção de sentidos, na vida de cada um, ou mesmo, em forma de linguagem na perspectiva comunicacional das mídias”.

Nessa relação, Fausto Neto (2010) explica que a mediatização se manifesta de modo relacional no funcionamento das instituições e de suas práticas. Estas são afetadas tanto pelas lógicas quanto pelas operações dos meios segundo as estratégias, cujos contextos foram desencadeados. Nessas condições, um campo de batalha resulta no

âmbito em que os processos de circulação se fazem presente na relação das práticas dos atores sociais com os meios e com o tecido social.

Ainda da perspectiva dos primeiros interesses da comunicação e educação na sociedade midiaticizada, destacamos a importância de algumas processualidades interacionais que versam sobre o estrito relacionamento entre essas esferas. Tais processualidades acontecem a partir das lógicas midiáticas tensionadas por esse novo objeto em formação, uma vez que são duas práticas sociais que se contatam no âmbito de inúmeros circuitos midiáticos que se produzem na sociedade.

Conforme citado anteriormente, este trabalho busca examinar o funcionamento de ações dos processos de midiaticização na área educativa. Para tanto, partimos da premissa que estabelece a educação como processo social de inserção do ser humano na sociedade. Pois, “através da Escola, a Educação é o processo institucionalizado especificadamente com este objetivo de nos formar para a Sociedade e de formar esta através de sistematizações da aprendizagem”. (BRAGA, 2002, p. 2).

Nesse sentido, a participação dos pais no processo educativo dos filhos é de suma importância, bem como a relação família e escola. Nos últimos anos, a educação mundial passou por diferentes processos: curriculares; *homeschooling*<sup>28</sup>; colégios militares; ensino a distância (EAD); etc. Cada vez mais as metodologias de ensino vêm sofrendo transformações e com isso implicam as relações humanas. Essa relação é vivenciada hoje, por exemplo, através dos canais de comunicação, onde os aparatos digitais potencializaram uma participação online, que traz empoderamento, autonomia e voz aos sujeitos conectados.

No entanto, não é de hoje que a educação é atravessada pelo cenário e ações comunicacionais, pois desde as últimas décadas vivenciamos a era da informação marcada pelas tecnologias, cujas manifestações fazem parte do dia a dia de crianças, adolescentes e adultos, impactando diretamente a relação do professor e do aluno em sala de aula. Hoje, tablets, lousas digitais, celulares, aplicativos e acesso à internet permitem que as aulas de muitos professores ganhem vida nova, apresentando conteúdos aos seus alunos por meio de plataformas atraentes ou recursos didáticos digitais.

Anos atrás nas escolas, os recados e assuntos à comunidade eram expostos em murais, hoje se ampliam e circulam em perfis institucionais ou grupos de pais e alunos

---

<sup>28</sup> É a prática de Educação que não acontece na escola, mas em casa. <https://homeschoolingbrasil.info/>. Acesso em 25 de outubro de 19.

no *Facebook* ou *WhatsApp*. Braga (2002), ao destacar os processos mediáticos como novas situações de interação em um mundo largamente mediatizado, contextualiza as interfaces comunicação e educação enquanto processos e práticas sociais que se fazem na sociedade midiaticizada por meio da aprendizagem.

Dessa nova arquitetura midiaticizada emergem articulações que criam espaços para que a comunidade escolar interaja no debate público, alcançando os muros extracurriculares. Para Michel Silva (2016), a relação entre as esferas da comunicação e educação faz-se necessária no momento em que as tecnologias “invadiram” não somente o ambiente escolar, por meio das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs<sup>29</sup>), mas também no entendimento que todo esse processo produz na sociedade e em outros campos, como o político, social e econômico. Contudo, a partir da apropriação das TICs, o autor destaca que as tecnologias facilitaram diferentes manifestações em rede, onde “uma nova espécie de ativismo, em que coletivos organizam movimentos, disseminam opinião e informação, agregam pessoas, articulando ações físicas ou virtuais em relação aos problemas cotidianos”. (SILVA M, 2016. p. 35).

Nesse âmbito, pensando a comunicação e a educação a partir do ESP, a escola enquanto local de dinamização de saberes, também vira palco de disputas de saber, no momento em que a própria tecnologia usada pelos atores sociais produz novos sentidos e discursos, como por exemplo, os inúmeros vídeos gravados dentro de salas de aulas e compartilhados no perfil do *Facebook* institucional, conforme descrito no Capítulo 5. Como se o não saber produzido na sala de aula tivesse “mais” relevância na vida ao invadir a internet, do que o próprio saber transmitido no ato de aprendizagem no ambiente escolar.

---

<sup>29</sup> Tecnologia da informação e comunicação (TIC) pode ser definida como um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, com um objetivo comum. As TICs são utilizadas das mais diversas formas, na indústria (no processo de automação), no comércio (no gerenciamento, nas diversas formas de publicidade), no setor de investimentos (informação simultânea, comunicação imediata) e na educação (no processo de ensino aprendizagem, na Educação a Distância). O desenvolvimento de hardwares e softwares garante a operacionalização da comunicação e dos processos decorrentes em meios virtuais. Através da internet, novos sistemas de comunicação e informação foram criados, formando uma verdadeira rede. Criações como o e-mail, o chat, os fóruns, a agenda de grupo online, comunidades virtuais, web cam, entre outros, revolucionaram os relacionamentos humanos. Novas formas de integração das TICs são criadas. Uma das áreas mais favorecidas com as TICs é a educacional. Na educação presencial, as TICs são vistas como potencializadoras dos processos de ensino – aprendizagem. Além disso, a tecnologia traz a possibilidade de maior desenvolvimento – aprendizagem - comunicação entre as pessoas com necessidades educacionais especiais. Fonte: <https://bit.ly/328Q78V>. Acesso em: 04 jan. 2020.

Apesar disso, diálogos entre comunicação e educação ainda não avançam de modo satisfatório nos campos institucionais que tratam dessas políticas. Exemplo disso são os níveis conflituais que envolvem as práticas de educação ao serem permeadas por elementos de comunicação, como a televisão ao ser inserida no espaço escolar, por exemplo. “A tecnologia ainda é vista como um “ente a distância” nas rotinas das escolas”. (FAUSTO NETO, 2001, p. 75).

Nessa perspectiva do autor, as lutas de sentidos já existiam no espaço educacional mesmo antes da internet ser inserida no território escolar. Contudo, o pesquisador atenta para operações que necessitavam o uso de aparelhos tecnológicos na escola, bem como os circuitos que o aparelho percorria (direção, biblioteca, funcionários, secretaria etc.) até ser autorizado para uso em sala de aula. “Às vezes os professores são indiferentes aos equipamentos. Noutras situações, atestam sua importância diante deles por não saber utilizá-los”. (FAUSTO NETO, 2001, p. 75).

No entanto, esses processos comunicacionais no espaço educacional, como passar um vídeo a fim de exercer o raciocínio dos alunos via comunicação, por exemplo, tendem a preconizar o processo de modernização da escola, segundo Fausto Neto (2001).

Mesmo que esse processo descrito pelo autor se de há quase 20 anos, observamos que o embate e lutas de sentidos se faziam em agentes de um mesmo universo recorrendo a processos de mediação. Por isso hoje, a necessidade de debater este tema sobre a perspectiva da interface comunicacional, atentando não somente às tecnologias em sala de aula ou aos métodos de ensino aprendizagem, mas sim da mediação que permeia a construção de novos saberes a partir das estratégias de interrelação entre essas duas áreas.

No entanto, o desentranhamento dessa relação, comunicação e educação, faz-se necessária diante de uma realidade que tem afetado a sociedade como um todo. Isso se dá a partir das estratégias comunicacionais, conforme apresentada pelas práticas sobre o objeto em análise, onde as tensões e embates entre segmentos do universo escolar, por nós estudados, são dinamizados por lógicas de mídia e de mediação.

Esta pesquisa visa contribuir para o campo das Ciências da Comunicação ao reconhecer duas modalidades de estratégias discursivas em embate no campo educacional, a partir de manifestações de sentidos e práticas sociais, as quais buscamos entender e esclarecer a partir da perspectiva da mediação.

Diante disso, a organização e os conteúdos da pesquisa estão constituídos por este capítulo introdutório, que apresenta reflexões acerca do apoio político ao movimento institucional, o contexto de seus objetos e do problema, as características comunicativas do movimento ESP anteriores a 2014, e uma breve reflexão da esfera educacional inserida no universo da midiatização da atualidade.

Organizamos a sua estrutura em torno dos seguintes capítulos: no segundo, apresentamos a construção do objeto, sua natureza, justificativas, a caracterização do problema de pesquisa segundo fundamentos teóricos, e os aspectos históricos institucionais do movimento do ESP e do grupo dos PCESP.

No capítulo três abordamos o “estado da arte” sobre o objeto, segundo o estudo de natureza comparativa, da perspectiva comunicacional adotada pelo Movimento ESP e o grupo PCESP. Identificamos cerca de 40 obras científicas sobre o tema, exploradas em vários sites como Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), bibliotecas universitárias etc., escritas por pesquisadores universitários/acadêmicos, sob perspectivas de várias áreas (educação, história, direito, ciências, comunicação e psicologia etc.). São pesquisas publicadas entre 2016 a 2018, principalmente no universo acadêmico, por meio de revistas, periódicos, monografias, livros, congressos e sites. Os/as autores/as abordam assuntos como ideologia, políticas públicas, impactos da educação atual, práticas pedagógicas, doutrinação, apartidarismo, marxismo etc. Já, no que diz respeito aos ângulos comunicacionais, verificamos algumas articulações nesses estudos que dialogam com redes sociais, mídias, comunicação, site, discurso, circulação, sentidos, condições de acesso e midiatização. Esse aspecto contribui com índices analíticos em termos de processualidades e de aspectos comunicacionais, uma vez que há uma realidade tecno-comunicacional atravessando todos os campos, em especial a educação, pois é a partir dela que se geram novos saberes. Buscamos também, destacar ângulos que chamem atenção para perspectivas, fundamentos e dinâmicas dos processos comunicacionais observados pelos autores, valorizando esforço no sentido de captar óticas que mostrem aproximações e relações que estas pesquisas guardam com o fenômeno em estudo a partir da perspectiva da comunicação e dos processos sociais.

No quarto capítulo elaboramos, enquanto marco teórico, reflexões sobre conceitos de midiatização, interação, processos midiáticos, processos de interação e de

aprendizagem, estratégias de comunicação, práticas sociais. Exploramos também a noção de estudos de casos múltiplos que deverão tensionar o objeto de investigação, mas cabendo reconhecer graus dessas relações em capítulo posterior, onde são produzidas algumas inferências sobre o processo de desenvolvimento dos materiais em análise.

No capítulo cinco descreveremos e analisaremos, a partir de corpus específico, as estratégias de mediação, chamando atenção para as manifestações sobre o funcionamento de seus fundamentos, operações e trajetórias tendo em vista o mapeamento de lutas e disputas de sentidos que se manifestam entre o ESP e o grupo PCESP.

No capítulo seis apresentamos a conclusão. Nele trabalhamos com as inferências, retomando questões suscitadas pelos diferentes capítulos, especialmente, o problema, o estudo comparativo dos objetos e os conceitos mapeados. Esperamos que diante destas conclusões outras hipóteses emergentes possam enriquecer os processos observacionais para futuros estudos acerca do tema.

Ainda que este trabalho corresponda a um objeto em constante processualidade e circulação, a partir da perspectiva dos estudos em mediação apresentaremos os vínculos e mediações em que as disputas de sentidos nas redes do ESP e do PCESP se cruzam e afetam, segundo injunções de lógicas midiáticas. Já no próximo capítulo faremos uma melhor explicitação do problema da pesquisa, a partir de ângulos históricos e midiáticos que contribuíram para a construção do objeto e do problema desta investigação.

## 2 CONSTRUÇÃO DO OBJETO E DO PROBLEMA DE PESQUISA

Inicialmente, a motivação desta pesquisa veio do campo da Educomunicação<sup>1</sup>, por articular suas problemáticas em torno das esferas da educação e comunicação. Algo que sempre chamou minha atenção nessas interfaces são as (co)aprendizagens dos indivíduos a partir do uso das tecnologias comunicacionais. Em 1980, a partir das primeiras formulações, Mário Kaplún criou o termo que mais tarde Ismar Soares se apropriou e construiu conceitos básicos para descrever fenômenos relacionados a esse objeto.

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas com o uso dos recursos da informação nos processos de aprendizagem. (SOARES, 2002, p. 24).

Assim, compreendemos três conceitos onde as intervenções no espaço educacional, aliado aos processos comunicativos, servem de interfaces para esta proposta: comunicação, educação e ação.

Diante disso, ao escolhermos um tema que contemplasse comunicação e educação observamos na especificidade do cenário midiático eleitoral de 2018 o movimento Escola sem Partido. Este aparece no contexto educacional por meio de ações de combate a ideologia de gênero e religião, incentivando denúncias de professores e alunos contra a doutrinação político-ideológica em sala de aula e na internet.

Ressaltamos aqui que apesar do site existir desde 2004, nosso marco de análise da pesquisa é a partir de 2014, e nós elegemos o objeto apenas em 2018. Não acreditamos que apenas estes dois anos de contato direto com o objeto sejam prejudiciais à pesquisa, devido ao largo tempo de existência do movimento. Pelo contrário, nos últimos anos nos deparamos com vários elementos midiáticos que falavam sobre o ESP, porém, nunca observamos o caso de modo mais próximo e detalhado quanto agora. Entretanto, em função desse largo tempo de existência, quando fazemos a revisão de literatura nos deparamos com o conjunto de algumas obras com perspectiva de outras disciplinas e outros ângulos que também estudaram o movimento ESP.

---

<sup>1</sup> A Educomunicação define-se como um conjunto das ações destinadas a integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação, conforme o prof. Dr. Ismar Soares. Disponível em: <https://bit.ly/2rFLvq8>. Acesso em: 20 mar. 2019.

Provocada por um registro de entrevista de Jair Bolsonaro ao programa Mariana Godoy Entrevista, na Rede TV, em 2018, conforme descrito anteriormente, fomos instigados a buscar pistas e manifestações mais aprofundadas do objeto em construção na internet por meio de site do movimento ESP. Registramos, de modo colateral, que a participação de Bolsonaro configura, ao nosso entendimento, apoio político e conservador ao movimento institucional.

Retomando a construção do objeto, após esta entrevista buscamos na internet o site do movimento ESP. Nele navegando, um link na homepage nos chama a atenção com título “Corpo de Delito”. Ao clicarmos no link fomos direcionados para outra página dentro do próprio site que tinha por título: “Professores revelam-se no Facebook”, contendo inúmeras denúncias (com foto e nome) contra professores opostos ao movimento, conforme imagem e descrição a seguir.

Figura 1 – Presença da midiaticização na página do site [escolasempartido.org](http://escolasempartido.org)



Fonte: Escola sem Partido<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Disponível em: [www.escolasempartido.org](http://www.escolasempartido.org). Acesso em: 10 jun. 2018.

A imagem acima indica as primeiras marcas visuais de mídiatização no site do movimento. Nela observamos um deslocamento de elementos que circulavam no *Facebook* do ESP e foram inseridos no site do movimento. Já, no topo da imagem há o nome do site que acessamos ([escolasempartido.org](http://escolasempartido.org)) e identidade do link/corpo-de-delito. À esquerda outros links, entre eles, “Corpo Delito”, o qual contempla os primeiros protestos contra o movimento por meio de imagens localizadas no centro-direita da página. A imagem central contempla duas fotos de professores: Luciana Souza e Dorneles Rodrigo, e acima a chamada: “Professores revelam-se no Facebook” e uma mensagem do administrador do site (provedor)<sup>3</sup> que diz: “Nos prints abaixo, colhidos de postagens públicas no Facebook, professores revelam o uso que fazem da liberdade de ensinar”. Cabe ressaltar aqui que o *Facebook* é outra mídia usada pelo movimento ESP, conforme analisaremos adiante.

Ainda no contexto do site do movimento, a Figura 1 é uma denúncia por parte do ESP que traz a imagem do perfil pessoal do *Facebook* da professora Luciana Souza com a seguinte mensagem: “Como professora eu digo: Minha vingança a essa banca de direita será dentro da sala de aula. Golpista não passará. #nãoaogolpe”.

Abaixo da foto de Luciana, o outro caso de denúncia no site refere-se ao professor Dornelles Rodrigo com sua foto também retirada de seu perfil pessoal e com o seguinte texto: “sempre me posicionei em sala de aula. Meus alunos, especialmente na EJA, souberam da minha posição pública à esquerda (inclusive a este governo que ainda está aí). Contudo, a partir de amanhã, adotarei uma postura ainda mais radical. Sempre tive ressalvas com relação a metáforas bélicas. Mas agora será diferente. A partir de amanhã, eu vou para a guerra! E cada aula será uma batalha!” (sic.).

De imediato essa dinâmica durante o processo de observação nos trouxe referência sobre o conceito de circulação devido à repercussão da imagem compartilhada pelo movimento ESP, como também pelo grau de exposição pública das imagens provenientes de uma instituição. Logo, outra manifestação surgiu e nos direcionamos à página do movimento ESP no *Facebook* para observar essas postagens do site.

A partir desse circuito as imagens foram replicadas nas redes sociais do ESP com teor de uma ação em disputa, como veremos no Capítulo 5, com a análise das estratégias de mídiatização. Já o nome de quem capturou tais imagens a fim de replicá-las não aparece, tendo destaque na imagem apenas os atores envolvidos, no caso os professores denunciados.

---

<sup>3</sup> Ver explicação sobre provedor na página 95.

Nesse aspecto, lembramos Carlón (2015) ao relatar as fases de circulações discursivas quanto ao uso do direito de imagem e a singularidade do público, do pessoal e do privado. “As novas práticas sociais ampliadas na rede [...] estão mudando definitivamente a circulação discursiva e se deve ao fato de os sujeitos não serem mais reconhecidos enquanto público, pessoal ou privado”. (CARLÓN, 2015, p. 220).

De encontro com a citação acima e com o objeto de estudo, observamos que a questão do público e do privado, no caso do ESP, cria narrativas no espaço público, em que a mediação midiática produzida pelo movimento institucional resulta em práticas e ações que “desconhecem” o direito de imagem.

Nesse caminho, ainda em contato com o perfil no *Facebook* do movimento, outras inquietações surgiram a respeito do “apartidarismo” mencionado pelo movimento, que foi quando o ESP solicitava apoio na esfera do campo político junto a candidatos a deputados estaduais e federais durante as eleições de 2018.

No perfil da rede social dos Professores contra o Escola sem Partido (PCESP)<sup>4</sup> – criada após uma reunião e divulgação de notícias relativas aos avanços do movimento pró Escola Sem Partido – opiniões contrárias ao movimento ESP ensejavam algumas materialidades parecidas com o ESP. Principalmente em seus fluxos e circuitos provenientes de ações denunciativas, como por exemplo, exposições das denúncia, com uma diferença, o grupo dos PCESP não publicam os rostos e nomes dos sujeitos, conforme veremos descrição detalhada no Capítulo 5, na análise.

Os PCESP também contam com um site criado em 2016: [profscontraoesp.org](http://profscontraoesp.org), o qual se denomina como um grupo formado por estudantes e professores que se opõem aos projetos de lei do ESP e visa combatê-lo com produção de conteúdo.

Além dessas considerações que apontavam para escolher o objeto de investigação, outras inquietações acerca dos PCESP traziam marcas de práticas sociais ao coafetar as áreas da política, comunicação e educação em torno de estratégias de divulgação na rede. Ou seja, quando o grupo PCESP publica materiais em seu *Facebook* denunciando o ESP em passeata durante as eleições 2018, também analisados no Capítulo 5.

Ao longo do desenvolvimento dos primeiros observáveis mapeados, fomos elaborando a construção do objeto de pesquisa e as relações que o caso apresentava ao envolver operações de vários campos – escola, família, mídias, política etc., junto à tensão ensejada por contatos de lógicas midiáticas e suas dinâmicas envolvendo os campos social e educacional.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2txgwh1>. Acesso em: 12 jul. 2018.

Verón (2012) observa que dentro do processo histórico de midiaticização, o avanço da internet possibilitou aos sujeitos conectados alterações ao discurso midiático, desde o acesso à informação quanto ao uso dos dispositivos na relação do conhecimento e a relação com o outro. Ou seja, uma vez que esta pesquisa busca examinar um processo de midiaticização que se manifesta na área educativa, atentar-se-á para os discursos, bem como a circulação dos fenômenos, especificamente na esfera do cenário e meios digitais, algo que será fundamental para a problematização descrita a seguir.

É preciso esclarecer que neste item não estamos ainda fazendo análise das ações comunicacionais, mas apresentando indicações, algumas características e pistas do caso e do funcionamento das ações, visando à construção/delimitação do problema de pesquisa.

Nesse cenário, a partir dos indícios das ações acima aludidas e posteriormente descritas, o problema de pesquisa das observações preliminares é evidenciado pelos tensionamentos do funcionamento das estratégias no âmbito das redes, com repercussão consequente na sua formulação a dinamizar a condução desta pesquisa. Sendo assim, sua apresentação está de acordo com a seguinte formulação: Como se desenvolvem as disputas de sentidos entre o movimento institucional Escola sem Partido e o grupo Professores Contra o Escola sem Partido a partir das lógicas de mídia e midiaticização?

A partir da problematização constituímos dois coletivos que operam seus discursos e ações comunicacionais e que se manifestam na internet através de sites e do *Facebook*. Para tanto, procuramos investigar estas duas práticas midiaticizadas que envolvem um movimento que combate ideologias no espaço educacional, e outro, o grupo Professores Contra o ESP, que ao se sentir-se ameaçado constrói oposição a partir de estratégias comunicacionais, entre 2015 e 2019.

Devo acrescentar entre as reflexões sobre o objeto de pesquisa que tais práticas de combate à ideologia e doutrinação aproximam-se da iniciativa estadunidense *NoIndoctrination.org*<sup>5</sup>, mencionada anteriormente. Segundo a perspectiva do fundador do movimento, Miguel Nagib, o *Escolasempartido.org* foi inspirado nessas formulações e descreve-se como “único em língua portuguesa dedicado ao problema contra a instrumentalização do ensino para fins políticos e ideológicos”.

Já o movimento dos PCESP visibiliza suas ações através das redes sociais (*Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, *Instagram*) e *website*, semanalmente. A maioria de suas ações

---

<sup>5</sup> Site ficou no ar de 2002 a 2010, destinado a estudantes que se sentiam doutrinados pelos professores, cursos e atividades que estivessem fazendo ou participando. Criavam-se fóruns de discussões, onde os alunos relatavam a não liberdade intelectual "politicamente correta", bem como realizavam denúncias de professores.

comunicacionais são via matérias, *podcasts*, artigos, entrevistas etc., que visam combater e desarticular o movimento ESP. Entre os temas estão a educação democrática, censura, eleições, conservadorismo e demais temáticas acerca do ESP.

De modo geral, podemos dizer que ambas estruturas e estratégias comunicacionais são parecidas quando tentam desarticular a esquerda, no caso do ESP, bem como desarticular as ações do movimento, no caso do PCESP.

Uma vez que os debates contemporâneos no país transcendem o processo de apropriações de discursos e tomam forma de mobilização no contexto educacional contemporâneo no Brasil, utilizando-se de ações comunicacionais de inspiração midiática, nos parece que se trata de um indicador de empírico do fenômeno aqui estudado.

Para se entender com mais profundidade as estratégias comunicacionais de cada um dos coletivos, suas características e peculiaridades, a seguir apresentamos, inicialmente, algumas observações históricas sobre o objeto.

## 2.1 Breve Histórico do Movimento Escola sem Partido

A história do movimento ESP surge de um gênero textual no ano de 2003, após o advogado Miguel Nagib escrever uma carta<sup>6</sup> ao professor de história da filha – que comparou Che Guevara a São Francisco de Assis – ilustrando sua insatisfação por ideologia política e religiosa em sala de aula. Conforme descrevemos anteriormente, o advogado distribuiu cerca de 300 cópias da carta na entidade escolar. Para melhor entendimento, inserimos abaixo o conteúdo da carta escrita por Miguel Nagib ao professor de história de sua filha, em 19 de setembro de 2003. A estrutura da carta se pauta em marcas de uma estratégia religiosa, bem como seu discurso acerca da doutrinação ideológica.

*Carta ao Professor (...)*  
*Senhor,*  
*Faça de mim um instrumento de vossa paz !*  
*Onde houver ódio, que eu leve o amor,*  
*Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.*  
*Onde houver discórdia, que eu leve a união.*  
*Onde houver dúvida, que eu leve a fé.*  
*Onde houver erro, que eu leve a verdade.*  
*Onde houver desespero, que eu leve a esperança.*  
*Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.*  
*Onde houver trevas, que eu leve a luz !*  
*Ó Mestre,*  
*faça que eu procure mais*

<sup>6</sup> Carta ao professor, por Miguel Nagib. Disponível em: <http://twixar.me/FfYn>. Acesso em: 26 maio 2019.

*Consolar, que ser consolado.  
Compreender, que ser compreendido.  
Amar, que ser amado.  
Pois é dando, que se recebe.  
Perdoando, que se é perdoado e  
é morrendo, que se vive para a vida eterna !*

*Onde, Professor (...), pôde o senhor encontrar alguma semelhança entre o Santo a quem são atribuídos esses versos e o monstro que pronunciou as seguintes palavras: "O ódio como fator de luta. O ódio intransigente ao inimigo, que impulsiona além das limitações naturais do ser humano e o converte em uma efetiva, violenta, seletiva e fria máquina de matar. Nossos soldados têm que ser assim. Um povo sem ódio não pode triunfar sobre um inimigo brutal." ? Que diabos o senhor tinha em mente ao comparar São Francisco de Assis a Ernesto "Che" Guevara? O senhor enxerga, realmente, uma afinidade entre esses dois personagens, ou a tentativa de associá-los visou apenas a reforçar, na imaginação dos seus alunos, o estereótipo romântico do guerrilheiro comunista? Venho acompanhando há algum tempo o seu incansável esforço para doutrinar ideologicamente as crianças do colégio (...), impingindo às suas frágeis consciências a visão que o senhor tem do mundo; e sei que para atingir esse objetivo – que o senhor certamente acredita ser necessário para a “construção de um mundo melhor” –, o senhor não hesita em aplicar à complexa disciplina que leciona o modelo de narrativa das histórias infantis, onde o Mal jamais se confunde com o Bem. Assim, na história que o senhor ensina, a Idade Média é “do mal” e o Iluminismo é “do bem”; os capitalistas são “do mal” e os socialistas são “do bem”; os conservadores são “do mal” e os revolucionários são “do bem”; os Estados Unidos são “do mal”, a ONU e Cuba são “do bem”, e por aí vai. Ora, direis, se as crianças gostam e aprendem, por que não? Além disso, não podemos esquecer que o senhor é um idealista e que o seu objetivo não é propriamente transmitir aos alunos um conhecimento objetivo sobre o passado, mas capacitá-los a “transformar o mundo”, não é verdade? Daí a necessidade de fornecer-lhes aquele conjuntinho básico de certezas que eles mais tarde vão poder usar numa mesa de botequim, num almoço em família, ou quem sabe até na vida pública. O senhor pensa longe, Professor. Sei de tudo isso e se até hoje não procurei o senhor e a direção do colégio para discutir pessoalmente essa pedagogia de cabo eleitoral foi, primeiro, para não expor meus filhos a uma possível retaliação e, segundo, por estar ciente de que esse contato, afinal de contas, resultaria inútil, já que, na melhor das hipóteses, o senhor seria substituído por outro militante – a companheira (...), por exemplo, que tanto fez em sala de aula, no ano passado, pela eleição de nosso atual Presidente – e tudo ficaria na mesma, se é que não pioraria. Mas com essa absurda comparação o senhor, francamente, passou dos limites. Afirmar a existência de uma semelhança entre um dos santos mais amados da Igreja e um assassino frio e calculista, um apologista do ódio, do qual os seus pobres alunos – e talvez o senhor mesmo – não conhecem mais do que a foto de Alberto Korda e o meloso “hay que endurecerse...”, é ir longe demais; é abusar do direito, que o senhor decerto acha que tem, de mentir para os alunos a pretexto de forjar neles uma “consciência crítica” – que é como vocês, militantes, se referem ao processo de envenenamento das almas desses jovens mediante a inoculação do marxismo mais grosseiro – e contribuir, desse modo, para a tal “construção de uma sociedade mais justa”. “É*

*inevitável que haja escândalos”, advertia Jesus Cristo, “mas ai daquele que os causar! Melhor lhe fora ser lançado ao mar com uma pedra de moinho enfiada no pescoço do que escandalizar um só destes pequeninos. Acautelai-vos!” “Che” Guevara era tão parecido com Francisco de Assis quanto um discípulo de satanás se parece com um discípulo de Nosso Senhor. De família rica, São Francisco de Assis abraçou a pobreza para levar amor onde houvesse ódio; “Che” Guevara largou tudo para levar o ódio a toda parte. São Francisco olhava para o Céu; “Che” Guevara não olhava senão para sua utopia materialista. O Santo dedicou sua vida ao Evangelho; o guerrilheiro, à mais assassina das ideologias. Amigo de Deus, São Francisco ajudou a edificar o Seu Reino; amigo de Fidel – que o traiu, enviando-o para a morte na selva boliviana –, “Che” Guevara ajudou a implantar o único regime totalitário da história da América Latina e uma das ditaduras mais antigas do planeta. Professor (...), a despeito de sua militância e de seus compromissos político-partidários, que eu respeito, o senhor ainda é um educador e talvez conserve em sua alma um resto de amor à Verdade. Pois bem. Em nome desse sentimento, gostaria de pedir-lhe para dizer aos seus alunos apenas isto: que Ernesto “Che” Guevara não tem nada a ver com Francisco de Assis. Obrigado, Miguel Nagib. (NAGIB, MIGUEL, 2003).<sup>7</sup>*

A carta que começa com um discurso religioso traz em seu conteúdo tons de perguntas, ironias, interpelações, argumentações, xingamentos e denúncias. Contudo, Nagib faz uma comparação entre o que chama de “assassino comunista e santo”, além de afirmar que o professor era um militante idealista que visava descrever e doutrinar ideologicamente os alunos.

Nesse cenário observamos que o viés religioso e político ganharam espaço a partir das lógicas midiáticas dentro dos campos educacional, religioso e político pelas marcas de discussão tanto do professor ao comparar Che Guevara a São Francisco de Assis, quanto de Nagib ao escrever a carta alusiva à oração de São Francisco, assim como em suas falas ao questionar o professor enquanto “militante e comunista”. A partir do comparativo religioso e político que Nagib executa na carta, observamos também uma autonomização dessas práticas nos processos comunicacionais. Ou seja, essa percepção feita pelo advogado passa a circular e deslocar-se no site do movimento e na internet, a qual “passa a ser também uma ambiência social não apenas de vivência, prática e experiência da fé, mas também de circulação e reconstrução dos sentidos religiosos”. (SBARDELOTTO, 2016, p. 298).

A partir desse episódio, no ano seguinte, em 2004, Nagib reúne um grupo de pais e alunos e cria o movimento Escola sem Partido e com ele seu site oficial (escolasempartido.org) como suporte de comunicação e disseminação das ideias e denúncias contra “doutrinação ideológica”, o que concretiza seu primeiro gesto de midiatização.

<sup>7</sup> Carta ao professor, por Miguel Nagib. Disponível em: <http://twixar.me/FfYn>. Acesso em: 26 maio 2019.

Conseguimos resgatar, via ferramenta *Wayback Machine*<sup>8</sup>, a primeira imagem do site do movimento quando foi ao ar, em 2004. Podemos observar na imagem abaixo que desde o primeiro *layout* do site, em sua estrutura, já havia marcas denunciativas, as quais induziam o internauta/ator social, de fato, a interagir com as publicações.

Figura 2 – Resgate da primeira imagem do site do movimento ESP



Fonte: *Wayback Machine*<sup>9</sup>.

Mesmo que a Figura 2 acima preceda a observação analítica deste estudo, achamos necessário trazê-la, uma vez que sua estrutura confusa já apresentava mensagens com o senso de denunciamento do ESP, conforme texto da imagem descrito abaixo:

*Se você sente que seus professores ou os professores dos seus filhos estão comprometidos com uma visão unilateral, preconceituosa ou tendenciosa das questões políticas e sociais; se percebe que outros enfoques são por eles desqualificados ou ridicularizados e que suas atitudes, em sala de aula, propiciam a formação uma atmosfera de intimidação incompatível com a busca do conhecimento; se observa que estão engajados na execução de um projeto de engenharia social, que supõe a implementação de uma nova escala de valores, envie-nos uma mensagem relatando sua experiência (acompanhada, se possível, de elementos que possam comprová-la). Ajude-nos a promover a*

<sup>8</sup> O *Wayback Machine* ou Internet Arquivo é uma biblioteca digital de sites da internet e outros artefatos culturais em formato digital.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2wOtQyk>. Acesso em: 07 jul. 2019.

*liberdade de pensamento e o pluralismo de idéias nas escolas brasileiras.* (ESP, 2004).

A mensagem acima vai além de sua dimensão instrumental, reveste-se de outra pedagogia, pois funciona como um alerta instrucional de como alunos, pais e professores que acreditam na existência da “doutrinação” façam denúncias. O teor da mensagem aborda o papel do professor como um ser “ruim” perante a sociedade, uma vez que generaliza as visões “preconceituosas e tendenciosas”. A mensagem solicita, ainda, elementos como fotos, vídeos, mensagens que comprovem a denúncia, fazendo do ator social um papel de mediador e construtor de novos sentidos. A mensagem reúne conteúdos que são explicitados por vários “se”, se você acha, se você sente etc., deixando nas mãos dos atores sociais decidirem o que será publicizado ou não e o que gerará disputas de sentidos.

Retomando a cronologia histórica do movimento no ano de 2005, conseguimos registros de ações midiáticas, como um blog<sup>10</sup> que traz pistas sobre o envolvimento do fundador do ESP com representantes – da direita brasileira – do Instituto Millenium, criado no mesmo ano com vistas em promover “valores e princípios que garantem uma sociedade livre”. Além de depoimentos no site do ESP, como o de um aluno<sup>11</sup> que leu a carta de Nagib e lhe escreveu para contar suas experiências “doutrinológicas” durante o ensino médio. Em 2006, outras três denúncias<sup>12</sup> constam no site, dentre elas a de um professor universitário que denunciava o “ativismo esquerdista” na instituição que lecionava. Também encontramos mais três denúncias<sup>13</sup> no site do movimento ESP no ano de 2007, evidenciando a intensificação dos processos de midiáticação, e os registros midiáticos de uma matéria<sup>14</sup> sobre o Colégio Pentágono/COC de ensino, acerca de seu material didático que abordava temáticas sobre escravidão e desigualdade. A repercussão compartilhada no site do ESP partiu da denúncia de uma mãe, a qual a revista *Veja*<sup>15</sup> fez reportagem sobre o caso no mesmo ano. Conforme Katz (2018), neste período o *escolasempartido.org* reproduziu, ainda, dois editoriais dos jornais *O Estado de São Paulo*<sup>16</sup> e da *Folha de S. Paulo*<sup>17</sup> que faziam alusão à esquerda e ao autoritarismo. “Críticas aos programas que começavam a ser executados pelo Governo Lula

<sup>10</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2wxu3Jt>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2HDSyXE>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2V4vJ7j>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2P8UXO4>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2HFAWdP>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2HF00lm>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2SGwPob>. Acesso em: 30 out. 2019.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://bit.ly/32dZS5F>. Acesso em: 30 out. 2019.

no que se refere às universidades públicas. [...] Assim como uma crítica ao tema da redação do Enem”. (KATZ, 2018, p. 12-13).

Em 2008, o site do movimento conta novamente com denúncias e postagens sobre denúncias de alunos sobre doutrinação, entrevista<sup>18</sup> com o fundador do ESP ao site Portaaberta sobre a criação e objetivos do ESP, no qual Nagib se refere ao movimento “como reação ao fenômeno da instrumentalização do ensino para fins político-ideológicos e partidários”. Além disso, no mesmo ano, o site do ESP divulgou uma matéria<sup>19</sup> publicada pelo jornal Zero Hora, em 18 de janeiro de 2008, referente a uma questão da prova de vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre neoliberalismo na América Latina.

Em 2009, em especial, a partir das observações desta investigação contemplamos as primeiras marcas de lutas e disputas de sentidos acerca do ESP, principalmente ao encontramos referência ao movimento institucional no site da Conjur<sup>20</sup>. Tal referência fala de um processo movido contra o fundador do movimento por publicar no site *escolasempartido.org* um artigo escrito por outra pessoa sem sua autorização. Também tem compartilhamento de reportagem do jornal *Gazeta do Povo/PR* sobre a ideologia infiltrada na educação. Ainda em 2009, o ESP criou a conta no *Twitter*, ampliando suas redes de divulgações (@escolasempartid), que em fevereiro de 2020 possui mais de 107 mil seguidores.

Já em 2010 e 2011, o site do ESP traz poucas denúncias de doutrinação e compartilhamentos de matérias e artigos da grande mídia. Porém, em 2011 criou inscrição no *Youtube*, que até janeiro de 2020 tinha dois mil inscritos e 60 vídeos que abordam diferentes temas, como doutrinação em sala de aula, flagrantes e denúncias, regime militar, manifestações de professores, vídeos opinativos, etc.

Em 2012, em especial, foi o ano em que havia mais postagens<sup>21</sup> referentes a denúncias no site do Movimento ESP e com referência ao Partido dos Trabalhadores (PT) ou “esquerda”. Exemplo disso é a denúncia<sup>22</sup> a um “professor esquerdista” de geografia que supostamente abordou Che Guevara como “herói dos oprimidos”. Ou, ainda, uma postagem de uma matéria<sup>23</sup> escrita pelo Ucho.info sobre ameaça de agressão a um docente que não aderiu a uma greve “esquerdista” de professores da Universidade de Brasília (UNB). Em

<sup>18</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3282S3H>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2Vc0305>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>20</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2QUaS2I>. Acesso em: 06 abr. 2019.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2V68oC8>. Acesso em: 22 nov. 2019.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://bit.ly/39OmQCY>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://bit.ly/37Ko3tE>. Acesso em: 10 jan. 2020.

2013, dentre as postagens no site do movimento ESP, há compartilhamento de uma notícia<sup>24</sup> da Folha de São Paulo<sup>25</sup> sobre decisão judicial em que o próprio movimento é citado como réu.

Porém, é em 2014, com a criação na página do *Facebook*, que o ESP ganha notoriedade com o auxílio das mídias que funcionam como um canal de interlocução e midiatização entre o fundador e os sujeitos. O perfil no *Facebook* (*@escolasempartidooficial*) tem a mesma proposta do *Twitter*, ajudar nas estratégias de divulgação do movimento. Até o momento, fevereiro de 2020, a plataforma do *Facebook* tem cerca de 240 mil curtidas, e todo conteúdo postado ou compartilhado tem link direto com o *Twitter*. No *Facebook* a página conta como gerenciadores Miguel Nagib e Ruth Kicis.

“Com o ganho de escala, o ESP, enfim, se fez presente no espaço nacional e passou a causar preocupação em associações e confederações de professores”. (PINHEIRO, 2017, p. 83). Embora o site do movimento já trouxesse traços de midiatização e publicização desse acontecimento do professor com a carta em sua criação (2004) – segundo observações do objeto – nosso olhar analítico vai se manifestar 10 anos depois, em 2014, por duas razões: o movimento ESP ganha notoriedade política e midiática em grande escala e o outro nível do objeto de análise surge, o grupo PCESP, enquanto movimento de contra posição ao ESP, criado no ano seguinte em 2015, conforme veremos posteriormente.

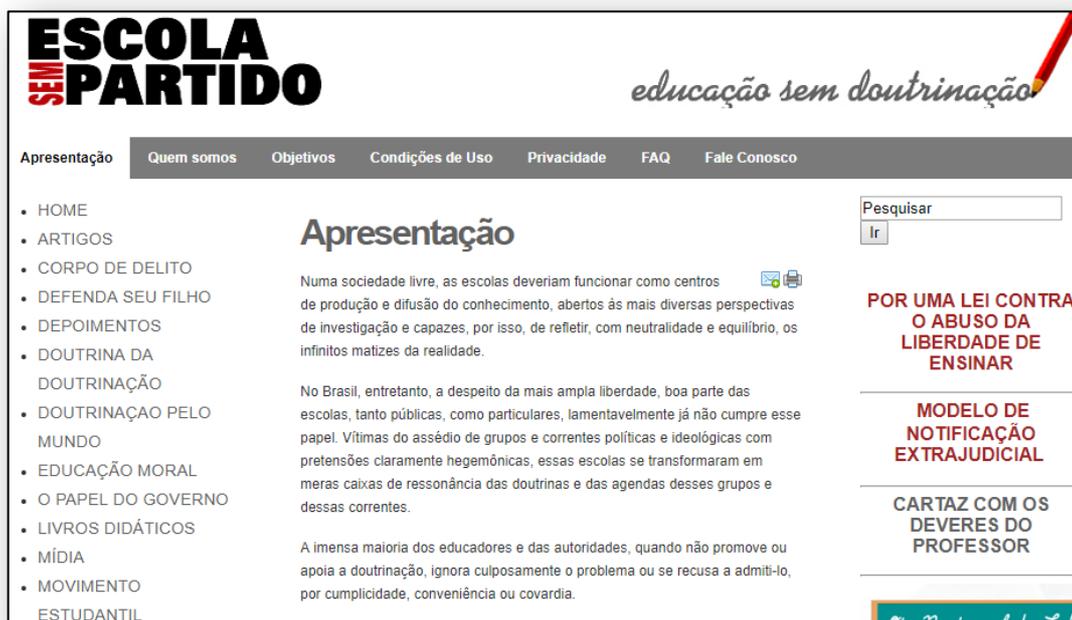
Contudo, o site do movimento passa pela segunda atualização em 2014, fazendo-nos eleger o ano enquanto marco observacional. Abaixo podemos notar que as condições de usos e links aumentaram e sua homepage conta com novas ramificações, subcategorias e enunciados diferentes da sua primeira versão.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://bit.ly/39L38In>. Acesso em: 22 nov. 2019.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://bit.ly/38LB5by>. Acesso em: 22 nov. 2019.

Figura 3 – Homepage do site do movimento Escola sem Partido



Fonte: Site Escola sem Partido<sup>26</sup>.

A estrutura organizacional do site contempla um logotipo posicionado acima e à esquerda, com fonte em negrito e caixa alta na horizontal, parte de um banner com link para o próprio site. No logotipo também tem a palavra “SEM” do Escola sem Partido, em vermelho e na vertical, chamando atenção para a ideia de proposta do movimento (não ter partido ou apartidário). No mesmo banner, alinha-se à direita a frase: “educação sem doutrinação”, que está em itálico com um lápis vermelho desenhado no final, subentendendo a esfera educacional, e complementando a logo inicial do “SEM”. Na sequência do banner, existe uma linha escura onde encontram-se os links para os menus: Apresentação, Quem somos, Objetivos, Condições de Uso, Privacidade, Frequently Asked Questions (FAQ) e Fale Conosco.

Podemos observar que o portal ficou “mais poluído”, com mais links, mensagens e diferentes linguagens que “tendem” a prender a atenção do internauta, porém, enquanto fomentador de estratégias de midiatização, a palavra doutrinação se faz presente no *layout*, textos, comentários, categorias, hiperlinks etc. A página reúne uma estrutura de contato, caráter de mediação jurídica, de viés jornalístico, teor de diferentes enunciados, interpelados entre as sessões a serem observadas pelos leitores que com ela desejam interagir. Mostra,

<sup>26</sup> Disponível em: <http://escolasempartido.org/apresentacao>. Acesso em: 18 maio 2019.

ainda, que o site desde o início não operava apenas como meio informacional, mas também como operador de funções conjunturais pré-organizadas que ditavam como os atores sociais poderiam ou deveriam interagir com o site. Por exemplo, o antigo menu, na Figura 3, tem links alinhados à direita e esquerda nos cantos da imagem que compõem links para condições de uso, político, doutrinação pelo mundo, didático etc. O que queremos destacar é que esse dispositivo interacional, a partir da estrutura da página, determinava as formas de usos.

No centro há um texto de abertura (sem assinatura e data), que fala sobre sociedade livre, as ideias do movimento, e faz um convite aos estudantes que se sentem vítimas de doutrinação para enviarem suas mensagens, relatando as experiências com elementos que possam comprová-la. Exemplo disso é o texto completo e a imagem ilustrativa, abaixo:

*Numa sociedade livre, as escolas deveriam funcionar como centros de produção e difusão do conhecimento, abertos às mais diversas perspectivas de investigação e capazes, por isso, de refletir, com neutralidade e equilíbrio, os infinitos matizes da realidade. No Brasil, entretanto, a despeito da mais ampla liberdade, boa parte das escolas, tanto públicas, como particulares, lamentavelmente já não cumpre esse papel. Vítimas do assédio de grupos e correntes políticas e ideológicas com pretensões claramente hegemônicas, essas escolas se transformaram em meras caixas de ressonância das doutrinas e das agendas desses grupos e dessas correntes. A imensa maioria dos educadores e das autoridades, quando não promove ou apoia a doutrinação, ignora culposamente o problema ou se recusa a admiti-lo, por cumplicidade, conveniência ou covardia. **O EscolasemPartido.org** – único site em língua portuguesa inteiramente dedicado ao problema da instrumentalização do ensino para fins políticos e ideológicos – foi criado para mostrar que esse problema não apenas existe, como está presente, de algum modo, em praticamente todas as instituições de ensino do país. Com esse objetivo, colocamos à disposição da comunidade escolar um acervo permanente de informações sobre o tema, e um espaço no qual estudantes, ex-estudantes e pais poderão expressar suas opiniões sobre professores, livros e programas curriculares que ignoram a radical diferença entre educação e doutrinação. Se você sente que seus professores ou os professores dos seus filhos estão comprometidos com uma visão unilateral, preconceituosa ou tendenciosa das questões políticas e sociais; se percebe que outros enfoques são por eles desqualificados ou ridicularizados e que suas atitudes, em sala de aula, propiciam a formação uma atmosfera de intimidação incompatível com a busca do conhecimento; se observa que estão engajados na execução de um projeto de engenharia social, que supõe a implementação de uma nova escala de valores, envie-nos uma mensagem relatando sua experiência (acompanhada, se possível, de elementos que possam comprová-la). Ajude-nos a promover a liberdade de pensamento e o pluralismo de idéias nas escolas brasileiras. (SITE ESP, 2019?).<sup>27</sup>*

---

<sup>27</sup> Disponível em: <http://escolasempartido.org/apresentacao>. Acesso em: 18 maio 2019.

Observamos que essa mensagem trata de um texto programático sobre o ESP, mas que apela para a adesão do aluno ou do professor de modo exortativo, como um dispositivo de caráter instrumental, pois convida ao interessado ir além do denunciismo apresentado pelo próprio aparelho escolar. Já no final do texto traz o seguinte enunciado: “*Ajude-nos a promover a liberdade de pensamento e o pluralismo de ideias nas escolas brasileira*”. Este trecho nos inquieta quando o ESP divulga, justamente, em seu banner<sup>28</sup> “Deveres dos professores” no 1º item: “*O Professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos, para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias*”. É aqui que entendemos a questão onde diz “*seus próprios interesses*”, porém da perspectiva macrossocial proposta por Braga (2006, p.3), onde “a sociedade constrói a realidade por meio de processos interacionais pelos quais os indivíduos e grupos e setores da sociedade se relacionam”. Por conta disso perguntamos: existe imparcialidade na neutralidade? O professor não teria de formar uma opinião ou ponto de vista sobre o que irá abordar? Há controvérsia na pluralidade proposta pelo movimento?

A segunda atualização do site, a qual nos inspirou para esta análise, traz evidências das observações do objeto 14 anos depois. É a partir de 2014 que nos auxiliou a perceber que as ações preliminares do site do movimento ESP, de 2004 a 2014, se restringiram a compartilhar denúncias de professores, alunos e pais, artigos de colaboradores e do fundador, matérias e reportagens de blogs e sites acerca do tema, entrevistas online com o fundador sobre o ESP etc., porém sem “grandes proporções”. Ou seja, o movimento tinha notoriedade, mas não em todo território nacional via grandes veículos da mídia (TV, rádio, jornais impressos) como a partir de 2014, ao contar com apoio político.

Nessa assertiva, ainda sobre o ano de 2014, Katz (2018) em seu estudo traz três fases do movimento ESP e seu desenvolvimento.

Uma fase reprodutivista na qual os textos são copiados de outras fontes e a identidade do movimento ainda está em construção; b) um segundo momento em que a organização começa a ser notícia e a repercutir negativamente por alguns blogs ou sites sindicais (MATA; AVILA, 2007), especialmente pelos imbróglis judiciais no qual Nagib acaba envolvido devido sua atuação no ESP; c) o terceiro e atual período iniciado em 2014 quando, a partir da primeira tentativa de propor a lei que modifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Escola Sem Partido fica bem mais conhecido e atuante, e quando o próprio Nagib passa a conceder diversas entrevistas em emissoras de televisão e rádio, além dos conteúdos destinadas à divulgação pela web. (KATZ, 2018, p.14).

---

<sup>28</sup> Ver página 84.

Essa relação que o autor faz de propor a lei que modifica a LDB se dá em 2014 quando o ESP ganha apoio de outras instâncias políticas, como o Movimento Brasil Livre (MBL). Este tenta combater a “ideologia de gênero” fazendo com que o movimento crescesse e engajasse muitos adeptos. “O crescimento da importância do MESP no debate público ocorre quando seu projeto conflui para o de outra vertente da agenda conservadora: o combate à chamada ideologia de gênero”. (MIGUEL; LUIS F. 2016, p. 595).

A partir disso, Flávio Bolsonaro, deputado estadual na época, sugeriu ao coordenador do movimento a criação de um Projeto de Lei, a fim de colocar em prática as propostas do ESP. Assim surgiu o Projeto de Lei (PL) nº 2.974/2014, que propõe a criação do Programa Escola sem Partido no âmbito do sistema de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Naquele período muitas câmaras municipais readaptaram o projeto de lei, conforme Lima, Silva e Júnior (2017), o município de Santa Cruz do Monte Castelo, no Paraná, tornou-se o primeiro município brasileiro a aprovar a Lei da Escola Livre.

No ano seguinte, em 2015, o vereador Carlos Bolsonaro, irmão de Flávio, apresentou à Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro um projeto quase idêntico, o PL nº 867/2015. Assim, unindo forças para divulgar os PLs e implementar o Programa foi criado o site do Programa Escola sem Partido<sup>29</sup> ([www.programaescolasempartido.org](http://www.programaescolasempartido.org)), com o intuito de disponibilizar dois anteprojetos de lei, um estadual e outro municipal, bastando aos deputados e vereadores de qualquer lugar do Brasil acessar o site, copiar a proposta e apresentá-la como proposta própria nas câmaras municipais e estaduais. O site do Programa mantém informações sobre os PLs em andamento no país, sobre leis municipais, estaduais e federais, a proposta do Programa (o que é, para que serve, pena aos professores que desobedecerem ao que diz no cartaz do ESP, valores, ideologias), fontes Constitucionais e Normativas, um item de faça sua parte, e link para o site do movimento.

Com o uso das tecnologias como canal de informação, o tema retornou com força ganhando simpatizantes e adeptos em 2016 e 2017, quando seu fundador virou figura pública em todos os cantos do país. Inclusive, no mês de dezembro de 2016 foi criada uma conta no *Instagram* que até fevereiro de 2020 possuía mais de 44 mil seguidores. No entanto, diferentes mídias já publicavam notícias acerca do ESP, em sua maioria mostravam os impactos na educação com a aprovação do Programa.

Em 2017, pelo menos quatro cidades brasileiras já haviam aprovado o Programa ESP, entre elas Jundiaí, Campo Grande, Santa Cruz do Monte Castelo e Picuí.

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.programaescolasempartido.org/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

Em 2018, desde as especulações de Jair Bolsonaro como candidato à presidência, apoiadores do movimento ESP se lançaram na esfera digital divulgando o tema, compartilhando notícias, entrevistas, vídeos de doutrinação, imagens de professores contra a instalação do programa ESP no país, como também solicitando apoio ao candidato à presidência.

É importante destacar que o site do Programa ESP inseriu o item “Eleições 2018” como uma temática diretamente associada à finalidade educativa. Mas ao clicarmos, ela direcionava a outra subpágina que trazia links dos candidatos a presidente da República, senador, deputado federal, governador e deputado estadual que se comprometeram publicamente a apoiar a proposta do Movimento Escola sem Partido, conforme descrição detalhada no Capítulo 5.

Aqui, podemos observar formas de avanço na midiatização e de aprofundamento da politização do movimento, pois a política passa a se constituir um operador no movimento ESP.

O projeto que anteriormente tinha o combate ao que classifica como “ideologia de gênero” e “preferências político-partidárias”, também direcionado a livros didáticos e paradidáticos, visaria, futuramente, atingir os conteúdos curriculares e planos educacionais em uma perspectiva estrutural e abrangente, segundo observações do objeto a seguir.

Cerca de 160 projetos de leis foram criados nos moldes do anteprojeto do ESP até hoje em todo o país, e apresentados às Assembleias Legislativas dos Estados e às Câmaras de Vereadores dos Municipais. Ambos alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e incluem o programa Escola sem Partido nas salas de aulas em todo o país. Se aprovados, os projetos contemplarão o ensino fundamental e médio.

Para tanto, os projetos de lei sugerem que fossem afixados nas paredes das salas de aulas, se aprovados, um cartaz onde estarão escritos os deveres dos professores e o direito dos alunos para que “não sejam doutrinados”, explicitando outros níveis de midiatização a suas práticas comunicacionais. A descrição e a imagem do banner encontram-se no Capítulo 5, da análise, porém não encontramos evidências da origem deste banner, em que foi baseado ou quem de fato o articulou.

Sobre a disseminação dos valores pregados pelo projeto, vale salientar que no Rio Grande do Sul (RS), o PL 190/2015 de autoria do ex-deputado estadual Marcel Van Hattem (PP/RS), visava a implantação do Programa ESP no âmbito estadual. Porém, o projeto foi arquivado em 6 de outubro de 2016, segundo a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (ALRS), em contato via telefone, quando um deputado retira um projeto não precisa dar

justificativa, apenas envia um memorando. Entretanto, em 2017 Van Hatten reapresentou o PL 163/2017, mas foi arquivado novamente porque ele era suplente de um deputado e saiu para ceder a vaga.

Notamos aqui, que ao mesmo tempo em que o discurso do ESP se faz presente na esfera midiática, ele é veiculado na esfera política trazendo novamente a transversalidade a partir da circulação, afetando diversos campos.

Alguns municípios do RS discutem projetos semelhantes aos existentes, como em São Lourenço do Sul, que em 2018 se tornou a primeira cidade do RS a aprovar uma lei municipal baseada nas diretrizes do movimento. Porém, no mesmo ano o prefeito do município vetou o projeto. De acordo com um mapa interativo criado pelo *Movimento de Professores Contra o Escola Sem Partido* no RS, há em torno de dez propostas municipais, além da estadual.

Fora isso, o Projeto Escola sem Partido foi aprovado, em primeiro turno de votação, na Câmara Municipal de Belo Horizonte, em 15 de outubro de 2019, sendo a primeira capital a aprovar o projeto. Já em demais locais, como Espírito Santo e Paraná, o projeto foi à votação e não foi aprovado.

Em novembro de 2019, o site do movimento passou pela terceira atualização, deixando-o com um aspecto mais organizado e limpo para o internauta.

Figura 4 – Novo *layout* do site e sua estratégia exortativa



Fonte: escolasempartido.org.

Observamos na Figura 4 uma estrutura visual limpa, bem diferente das outras versões. Apesar do menu estar mais enxuto, os textos explicativos continuam os mesmos. Inclusive, no item Blog, encontra-se todo material antigo da segunda versão. Como novidade, essa nova versão traz link para o *WhatsApp* na página do movimento ESP, e um item abaixo, em verde, que fala em “contribuir” – financeiramente – com o ESP.

Após este breve histórico, abordaremos aspectos sobre a criação do grupo *Professores Contra o Escola sem Partido*.

## 2.2 Breve histórico do grupo Professores Contra o Escola sem Partido

Como vimos anteriormente, o grupo *Professores Contra o Escola sem Partido* foi criado um ano depois do movimento sugerir a criação do Programa ESP, em 2015, como uma reação ao Programa Escola sem Partido. Desde então trabalha de maneira informacional com divulgação em site e redes sociais de notícias relativas aos avanços do movimento ESP, mais precisamente, como uma reação de combate aos projetos de lei em tramitação no país. Em entrevista<sup>30</sup>, via *Facebook*, com os administradores do perfil PCESP, na época da criação do grupo, estudantes de história da Universidade Federal Fluminense mobilizaram-se quando o ESP começou a ganhar projeção através do projeto de lei, havendo então, uma organização a fim de publicizar o debate acerca do tema.

Contudo, o primeiro registro de midiaticização sobre os PCESP se dá através de uma página no *Facebook*, também em 2015, desenvolvida por atores sociais (professores, estudantes e sociedade). Dentre as primeiras postagens<sup>31</sup> na página do *Facebook* dos PCESP há referências das razões relativas à contrariedade do movimento ESP e outras ações midiáticas que veremos a seguir.

Até fevereiro de 2020, o *Facebook* do grupo contava com cerca de 100 mil curtidas e, conforme informações no perfil, há regras de convivências que os visitantes que interagem devem respeitar: “comentários devem dialogar com o tema do post; educação nos debates travados; agressões de qualquer tipo não serão toleradas; discursos de ódio e/ou apologias a discursos de ódio não serão tolerados”. (FACEBOOK PCESP, 2015).

Os administradores da página são professores e/ou pesquisadores do campo da educação, que destacam sua atenção.

---

<sup>30</sup> Entrevista descrita no Apêndice A.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3bTge8l>. Acesso em: 25 out.2019.

Atualmente, nossa atuação tem sido prioritariamente online, através da produção de materiais de formação política e divulgação a respeito não só do Escola Sem Partido e o tipo de ameaça que ele representa, mas também sobre outros ataques à educação (censura a debates de gênero, militarização, privatização, etc.). (FACEBOOK PCESP, 2019).

Em 2016, o grupo cria um marco importante das disputas de sentidos em torno das estratégias, pois vários canais são adotados como ação de combate, como o site [profescontraoesp.org](https://profescontraoesp.org)<sup>32</sup>, que reúne ações e práticas sociais que circulam no ambiente midiático, conforme imagem abaixo.

Figura 5 – Site do PCESP e a adesão às lógicas de midiaticização



Fonte: Professores Contra o ESP<sup>33</sup>.

A Figura 5 é do site do grupo PCESP, e podemos observar que no topo há uma foto que remete a um quadro verde de sala de aula, com o logotipo do grupo centralizado em preto, branco e vermelho (mesmas cores do ESP). Abaixo traz o nome do coletivo, seguido da frase: “*Educadoras, educadores e estudantes contra a censura na educação*”. Logo, centralizado à direita, ficam os botões do menu, os quais trazem ações comunicacionais que serão analisadas no capítulo empírico.

O site conta também com *podcasts*, informações, dicas, referências acadêmicas e diversos artigos, alguns destes exploramos no estado da arte. Conforme os PCESP, os

<sup>32</sup> Disponível em: <https://profescontraoesp.org/sobre/>. Acesso em: 23 ago. 2019.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://profescontraoesp.org>. Acesso em: 20 jan. 2020.

materiais são colaborativos, no caso dos *podcasts*, por exemplo, o grupo cuida da parte de edição e distribuição, “mas estamos sempre abertos a participações de convidados e projetos colaborativos”, ressalta PCESP.

Pensando em combater o retrocesso na educação, o grupo divulga em suas reflexões o acompanhamento dos Projetos de Lei, a fim de fundamentar argumentos para desconstruir o apoio que o ESP conquistou nos últimos anos.

No site dos PCESP há dois links com os quais é possível interagir, via assinatura digital, de uma “Carta ao Senado” em Defesa da Liberdade de Expressão em Sala de Aula. Outro acesso possibilita ao internauta preencher um formulário de Mobilização Contra o Escola Sem Partido, o qual coleta informações a respeito de como andam a resistência e oposição ao ESP no país. Ambos estão detalhados na análise empírica.

Caldas (2018) observa que o PCESP assume um lugar de fala em defesa da profissão docente e autonomia do professor.

O movimento PCESP, desde o início da sua militância até os dias atuais, tem produzido materiais que servem de base para a luta contra o ESP: textos, artigos, vídeos de apresentações e palestras públicas, notas e cartas de repúdio, mapas com identificações dos Projetos de Lei do ESP em todo o Brasil, transmissões online de vídeo na página do *Facebook* para discussão sobre o ESP, entre outros. (CALDAS, 2018, p. 17)

A fim de intensificar as mobilizações e debates contrários acerca do ESP, os PCESP criaram perfis no *Twitter* e *Youtube*. O canal no *Youtube*, criado em 2016, visa reunir materiais de referência para todos que se mobilizam contra o Programa Escola Sem Partido e em defesa da autonomia docente e de uma educação democrática. O último acesso, em janeiro de 2020, mostrava que o canal tinha mais de mil inscritos e conta com 55 vídeos que falam sobre ideologia, censura, violência, ódio aos professores, doutrinação, religião, caso Marielle Franco etc. O *Twitter* (@profscontraoesp), também criado em 2016, tem mais de 20 mil seguidores e *tweets* quase diários sobre diferentes assuntos e postagens envolvendo a educação no país.

Apuramos, a partir da investigação, que no mesmo ano, a partir das ações do PCESP, novas frentes foram criadas em oposição, a favor dos PCESP: o “Escola sem Mordça”, que destaca a censura e repressão de alunos e professores pelo ESP; “Frente Nacional Escola sem Partido”, e logo mais tarde passou a “Frente Escola sem Mordça”. No RS, por exemplo, em 2016 um grupo de educadores criaram a “Frente Gaúcha Escola Sem Mordça”, com o intuito de promover debates e manifestações em defesa da democracia e da justiça social, sobretudo no que diz respeito à Educação. Lançada em um perfil na página do *Facebook*

(@frentegauchaescolasesemmordaca), a *fanpage* conta com cerca de duas mil curtidas, até última visualização, em janeiro de 2020, faz compartilhamentos, publica notícias, reportagens, eventos, opiniões e vídeos de oposição às propostas do movimento ESP. Na página não há descrição de quem administra as postagens.

Diante desse cenário, onde novos coletivos se organizam a partir de articulações em rede, como o movimento ESP e o grupo PCESP nos trazem acima, cabe aqui dissertar com Castells (2013) e sua teoria sobre os movimentos sociais e suas práticas comunicativas na internet. O autor aborda como muitas manifestações e movimentos são expressões legítimas de caráter político, pois projetam uma nova utopia de democracia em rede, baseada em comunidades locais e virtuais em interação. Ou seja, essas novas articulações de enfrentamento de ambas as partes surgem como uma política de protesto, que usam do engajamento digital para proliferar ideias e debates.

Já em 2017, os PCESP ampliam seus círculos e criam uma associação a fim de reunir pessoas e grupos em todo o país que defendam escola pública e a educação democrática, denominada Movimento Educação Democrática (MED). Em 2018, os PCESP buscam dinamizar o trabalho de combate em função das eleições, criam perfil no *Instagram* que reúne mais de 20 mil seguidores, e em resposta ao movimento ESP, criam um banner com os direitos dos professores. Porém, este circulou somente nas redes sociais (sua descrição e análise estão no Capítulo 5).

Em 2019, após as eleições o grupo focou em manifestações, rodas de conversas, entrevistas, palestras, trabalhos científicos e *podcasts* que fomentam a inconstitucionalidade do Programa ESP. Interessante ressaltar que o site e as redes sociais dos PCESP também recebem denúncias de perseguições, por parte de professores. “*Sempre que recebemos denúncias de perseguição, indicamos às pessoas que nos contatam buscar apoio jurídico dos seus respectivos sindicatos e associações, tendo em vista que não podemos dar esse suporte*”, explica o grupo PCESP.

Quanto à exposição dos professores compartilhada pelo movimento ESP, o grupo relatou que sempre busca antecipar esses tipos de situações. No perfil do *Facebook*, por exemplo, eles preferem vir a público a expor algum colega sem sua autorização, “*nunca sofremos ataques diretos do ESP da mesma forma que eles praticam com professores gravados sem autorização, por exemplo*”, observa PCESP.

Esses registros históricos servem para compreendermos a especificidade do objeto de pesquisa, as contribuições que dele resultam na medida em que é atravessado por várias ações comunicacionais.

O próximo capítulo buscará desenvolver pesquisas em torno do estado da arte do ESP e do PCESP, trazendo contribuições científicas segundo literatura por nós visitada e conforme descreveremos a seguir.

### 3 O OBJETO SEGUNDO ÂNGULO DA COMUNICAÇÃO MUDIATIZADA

A partir da interface comunicação e educação, em consonância com o problema e os objetivos de pesquisa, este capítulo visa mapear estudos específicos em torno do objeto de investigação. Ressaltamos que os ângulos específicos, por nós examinados, contemplam trabalhos que dão ênfase ou são próximos às questões de processos comunicacionais, alguns de caráter midiático e de natureza midiaticizante. Alguns deles também versam sobre aspectos da midiaticização.

Para isso, esclarecemos que fizemos um levantamento quantitativo do estado da arte em instituições como Compós, Scielo, CAPES, Intercom, bibliotecas universitárias etc., onde localizamos 76 trabalhos abrangentes (gerais) sobre o ESP, escritos por pesquisadores universitários/acadêmicos das áreas da educação, história, direito, ciências, comunicação, psicologia etc. São pesquisas publicadas entre 2016 e 2018, principalmente no universo acadêmico, por meio de revistas, periódicos, monografias, livros, congressos e sites.

Dado esse passo, selecionamos aqueles que abordavam explicitamente em seu título o tema relacionado com o Escola sem Partido, resultando da triagem 57 obras, destas 36 são específicas e examinadas no corpo deste capítulo. Dentre as selecionadas emergem questões das áreas da Educação, História, Ciências, Direito e Comunicação, e possuem como objetivo, desmentir, desvendar ou desmontar os discursos produzidos pelo movimento e o programa Escola sem Partido. Muitos autores abordaram, ainda, assuntos como ideologia, políticas públicas, impactos na educação atual, práticas pedagógicas, doutrinação, racismo, preconceito, gênero, religião, apartidarismo, pensamento freireano, marxismo, tecnologia, empreendedorismo, conforme apresentaremos a seguir.

No que diz respeito aos ângulos comunicacionais, verificamos nos estudos articulações que dialogam com redes sociais, mídias, comunicação, site, discurso, circulação, sentidos e midiaticização, mas sem ter relação direta com nossa proposta.

Contudo, quando nos debruçamos sobre os elementos que dizem respeito a relação do objeto e a interface comunicação/educação, notamos limites de trabalhos, pois apenas três obras foram mapeadas com tais características. Nesse sentido, julgamos que nossa pesquisa pode contribuir para esses índices, uma vez que há uma realidade tecno-comunicacional atravessando todos os campos, em especial a educação, pois é a partir dela que são gerados novos saberes. Para tanto, a comunicação e a educação andam cada vez mais lado a lado, desde os primeiros níveis escolares do aluno em sala de aula até as aprendizagens em casa. O ambiente educacional também não é mais visto apenas como local de aprendizagem – no

momento em que os processos midiáticos se instalaram na ambiência escolar – pois oportuniza e articula discussões aos meios de comunicação que provém de interações e práticas sociais extracurriculares. Ou seja, com este estudo podemos entender como a sociedade e os aspectos de mediatização se configuram e são afetados na atualidade a partir dos processos midiáticos.

Já, em consonância com o tema, objeto e problema de pesquisa, encontramos trabalhos acadêmicos que valorizam especificamente o ESP da perspectiva comunicacional. Ou seja, os estudos que virão no próximo item situam no âmbito da oferta comunicacional, pois destacam com ênfase as informações sobre as redes, blogs, sites e internet etc,

### **3.1 Pesquisas, tensões e articulações em torno do objeto**

As observações inseridas neste item têm o objetivo de identificar e examinar algumas características dos 36 estudos que tem como objeto o ESP e o PCESP, do ponto de vista comunicacional. Trata-se de uma tentativa de fazer um mapeamento analítico de como esses trabalhos têm relação com o nosso objeto de investigação, em termos de processualidades e de aspectos comunicacionais, não se tratando, portanto, apenas de identificar “coisas” e “temas”. Visamos destacar ângulos que chamem atenção para perspectivas, fundamentos e dinâmicas comunicacionais, valorizando o esforço no sentido de captar pistas que mostrem aproximações e relações com o fenômeno, aqui, em estudo, da perspectiva da comunicação e dos processos sociais, em geral pela ótica de distinção do fenômeno (BRAGA, 2011).

Partindo da análise de discursos nas redes do ESP versus PCESP, quatro estudos contemplam os aspectos metodológicos: Pinheiro (2017) e Caldas (2018), por exemplo, analisaram os discursos e tensionamentos do ESP e do PCESP. Pinheiro por sua vez, analisou e comparou os processos discursivos do objeto a partir de um suposto processo de doutrinação ideológica. O trabalho não parte do campo da comunicação, pois provém do campo educacional, porém essas similaridades sobre escolhas de ângulos nos parecem próximos da nossa pesquisa. Além disso, em sua tese do doutorado Pinheiro (2017) usou da pesquisa comunicacional para problematizar o fenômeno trazendo exemplos de mediatização, como o discurso ao valorizar “práticas outras de formação e resistência no campo da Educação”. Na obra, o autor relata que o ESP começou a ganhar impulso a partir de setembro de 2007, quando o ex-diretor-executivo de Jornalismo da Globo, Ali Kamel, publicou três artigos de opinião fazendo crítica aos livros didáticos distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC), no jornal O Globo, e o ESP replicou no site do movimento. Ou seja, notamos nesta ação entre

o ESP e a reflexão midiática, estratégias de midiaticização e critérios de noticiabilidade. Caldas (2018) buscou analisar as narrativas entre os sujeitos do ESP versus PCESP a fim de confrontá-las. Conforme o autor, para contemplar o caso do movimento ESP foram investigadas as redes sociais, institucionais e parlamentares, com o objetivo de entender o universo por onde se daria o seu crescimento e difusão da problemática. No caso do PCESP foram apuradas questões históricas, de identidade, história oral e de vida e relações com outros movimentos.

Outro exemplo é o artigo de Lima e Tavares (2017), que parte do estudo sobre as mídias do ESP e PCESP para mapear tensões nas redes envolvendo, segundo as autoras, posições ideológicas – “esquerda versus direita”. Este estudo nos lembra das relações de disputas de sentidos por nós observados. Conforme apontam diferentes investigações, a referência sobre a inserção de questões relativas ao objeto se faz presentes nas diferentes mídias sociais, através de estudos e ângulos por nós examinados. Para tanto, Lima e Tavares (2017) observam que muitos enunciados, linguagens, imagens e ideias de um determinado grupo “parecem ditar a direção e o expediente inicial com os quais o grupo tenta se acertar com o não-familiar”. A partir de uma análise qualitativa as autoras construíram um quadro comparativo sobre ambos os movimentos, conforme imagem a seguir.

Figura 6 – Escola sem Partido tematizado segundo pesquisas

<b>Contra o projeto de lei – Maiores frequências de emissão sobre seu próprio grupo de pertencimento</b>	<b>A favor do projeto de lei – Maiores frequências de emissão sobre seu próprio grupo de pertencimento</b>
Criticidade Liberdade de expressão Manifestação Movimentos sociais Esquerda Ocupa Tudo Prática Democracia Direito Público Debate Paulo Freire Emancipação Empoderamento Asas Luta	Pluralidade de ideias Liberdade de ensinar Direito e Deveres Regras Direita Desocupação Teoria Política Moral Objetividade Privado Convicção religiosa Neutralidade Imparcialidade Impeachment Meritocracia
<b>Contra o projeto de lei – Maiores frequências de emissão sobre o grupo de oposição</b>	<b>A favor do projeto de lei – Maiores frequências de emissão sobre o grupo de oposição</b>
Repressão Lei da mordaza Censura Neoliberalismo Conservadorismo Fascismo /Nazismo Imposição Intolerância Autoritarismo Manipulação “Coxinha” “Reaças” ou reacionários Gaiolas	Partidarismo Doutrinação Ideologia Comunismo Anarquismo Marxismo Vandalismo Politicamente correto Populismo Manipulação “Esquerdopatas” “Petalha”

Fonte: Lima e Tavares (2017)<sup>1</sup>.

A partir da análise comparativa, as autoras capturaram esses discursos que se proliferam nas mídias sociais e são utilizados para propagar ideias e valores, tornando-se referências como formadores de opinião em ambas as redes.

Nessa perspectiva de discurso e análise, França e Gugliano (2018) usam de sites da internet para captar entrevistas e reportagens eletrônicas acerca do ESP. Penna e Almeida (2018) buscam no site do movimento do ESP e nas mídias uma reflexão sobre o ESP, a fim de entender os processos do movimento pró Escola sem Partido.

Demais trabalhos por nós estudados apenas fazem análise do site no intuito de dialogar com fundamentos de outros autores. Mesmo assim, devido às aproximações e funcionamento dos discursos em redes, selecionamos o trabalho de Yamauchi (2018), que traz um diálogo entre os fundamentos bakhtinianos e freireanos na formação crítica docente ao exercer uma postura ética, crítica e íntegra, no caso do Escola sem Partido. Katz e Mutz (2017) avaliam

<sup>1</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2volHR1>. Acesso em: 22 fev. 2019.

enunciados acerca do pensador Paulo Freire a partir de uma análise do site do movimento. Souza e Gonçalves (2016) abordam a questão por meio de uma reflexão crítica do site do movimento do ESP, e o papel da mídia na produção de diferentes possibilidades e posicionamentos na sociedade. Santos (2017) aborda conceitos de corpo, sexualidade e as relações de poder em Foucault. Caldas (2017) problematiza o que chama de antimovimento social Escola sem Partido, e a negação da produção de subjetividades nos espaços públicos proposto pelo sociólogo Alain Touraine. Penna e Salles (2017), Penna e Almeida (2018); Brait (2016); e Miguel (2016) trazem as observâncias e análises de discursos existentes no site do movimento como temas e links sobre “doutrinação ideológica”; “ideologia de gênero”; “Flagrando o doutrinador” e “Artigos”. Além disso, o site serviu de investigação biográfica para Salles (2017) ao traçar a trajetória pessoal e acadêmica do professor e escritor, Nelson Lehmann da Silva, um dos colaboradores do site do ESP.

Ao fazerem uso das mídias em seus objetos com viés educacional, selecionamos Freitas (2016), Macedo (2017), Cara (2016), Gonçalves (2017), Ratier (2016) e Picolli (2017). São trabalhos que abordam sobre questões do ensino médio, fundamental, investigações acerca dos Projetos de Lei em tramitação, sexualidade no ambiente escolar e ponte com o campo político. Moura e Salles (2018) analisam o discurso do ESP em movimentos políticos de caráter conservador, fundamentalista e religioso.

Até o momento, observamos entre as obras referidas acima, diferentes peculiaridades, objetivos e áreas distintas. E além do uso das mídias sociais e os sites (institucional e grupo PCESP) que servem de apoio informacional e comunicacional, a questão do discurso em diferentes esferas e formas se apresenta na maioria dos trabalhos. Contudo, alguns ângulos nos aproximam de ações e metodologias comunicacionais, principalmente quando os autores usam dos discursos nos ambientes digitais os quais, a partir do viés comunicacional, nos chamaram a atenção desde as primeiras investigações em curso, para identificarmos o porquê de disputas de sentidos no site e *Facebook*.

Quanto a questão do discurso ser produzido na esfera institucional, Carlón (2012) nos chama atenção ao falar da internalização da lógica da mídia, onde as instituições, ao administrar suas próprias mídias (sites, blogs, *Facebook*, *Twitter*, etc.), permitem circular tais discursos no espaço público a ponto de gerar diferentes questões. Nesse contexto, grande parte dos estudos nos deu pistas que o foco do discurso circula, de fato, nas redes sociais, enquanto narrativas entre sujeitos, ou por parte da grande mídia, com objetos midiáticos inseridos na obra de Bárbara, Cunha e Bicalho (2017), por exemplo. Esta enfatiza o discurso midiático como emancipador do movimento ESP, 11 anos após sua criação. Aqui, os autores

relatam as manifestações de alunos e professores no ano de 2016 com cartazes escritos: “Chega de doutrinação marxista, basta de Paulo Freire”; e as passeatas cobertas pela imprensa a favor do impeachment de Dilma Rouseff; como também o pedido de retorno dos militares e a ditadura, e as próprias práticas de discurso do ESP na esfera midiática fortaleceram os movimentos conservadores. Para tal, Colombo (2018) analisa práticas de discursos do ESP com os campos das políticas públicas, e em consonância com páginas (Revoltados Online, Vem Pra Rua e o Movimento Brasil Livre (MBL).

Katz (2017) trabalhou os enunciados do ESP a partir do site do movimento junto às análises de poder, e se pautou no desenvolvimento de três aspectos: acadêmico, político e o imperativo social, avaliando o ESP como “obscurantista, indigente, partidário, conservador, antidemocrático, inconstitucional, doutrinador, retrógrado,” nos aproximando alusivamente das estratégias observadas no empírico. Além de Silva (2016), que buscou usos e possibilidades da área da história levando em conta o Projeto “Escola sem Partido”, a fim de entender as afirmações e posições na mídia sobre o movimento. Nesse viés midiático, Algebaile (2017) busca as principais características de atuação em rede do ESP, destacando representantes e conexões com a mídia, partidos políticos e instituições.

Nos aproximamos, ainda, do estudo de Penna (2016) ao enfatizar as agressões e discursos de ódio nas redes sociais na forma de memes, fazendo uso do instrumento comunicacional para identificar quatro diferentes ângulos discursivos que vêm sendo compartilhados desde 2004. Segundo o autor são: a concepção de escolarização, as estratégias fascistas discursivas, desmoralizar a profissão do professor, e a defesa do poder total dos pais sobre os filhos.

Outro vínculo comunicacional nos aproxima de Espinosa e Queiroz (2016), pois mapearam as conexões em rede do ESP, ou seja, os autores fazem um mapeamento dos membros do movimento Escola sem Partido com grupos políticos, incluindo partidos, líderes, *think-thank* e organizações religiosas. Dentre elas, igrejas e plataformas de mobilização para descobrir quais outras vertentes foram criadas a partir de uma análise das redes sociais e suas relações com atores defensores do ESP.

Moura (2016) traz contribuições diretas acerca do tema da midiatização, fazendo referência sobre o conceito. Sua pesquisa é dividida em três capítulos que trazem uma breve análise dos sites do movimento, com o objetivo de “entender o lugar de produção do discurso” e o “campo da disputa midiática”. Para tanto, a autora suscita Grigoletto (2003), ao ilustrar movimentos católicos e evangélicos na disputa por fiéis, que ao apontar demais movimentos como o ESP, que ganharam visibilidade com os meios de comunicação de

massa, a partir de diferentes enunciados. Também, refere-se ao uso das mídias digitais e das novas tecnologias para mobilizar a sociedade, outro aspecto que converge com a midiaticização. Ao fazer um levantamento no site, a autora pontua as ações divulgadas na página do [escolasempartido.org](http://escolasempartido.org), como por exemplo, o histórico do ESP, o contexto das propostas, artigos com críticas a educação, e demais seções ou links que abordam o tema da “doutrinação”. Ainda valorizando o comunicacional, a autora usa de imagens para exemplificar suas falas, e do discurso midiaticizado ao falar do viés conservador usado pelo movimento ESP como forma de interpretação das mensagens/meios, acionados pelo domínio discursivo dos fatos, fenômenos, grupos e ações sociais.

Na questão da midiaticização, Moura parte de uma citação de Hartog, ao elucidar a descolonização dos movimentos na contemporaneidade.

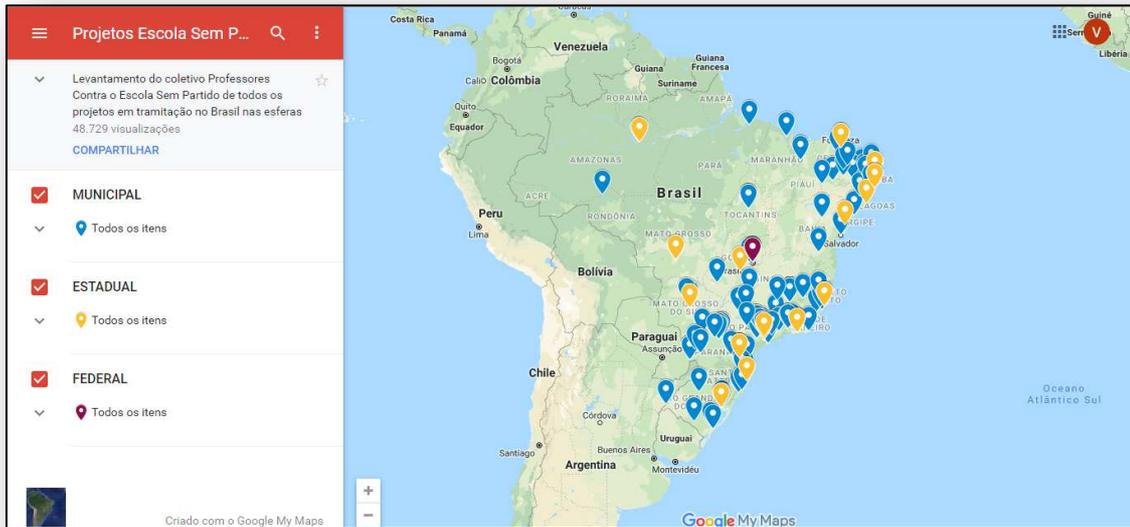
As décadas seguintes não são tão mais tranquilas, com os movimentos de descolonização, a crise do petróleo seguida de crise geral da economia, a guerra fria, os debates cada vez mais amplos sobre o holocausto (numa onda comemorativa dos aniversários relacionados a ele) e a denúncia dos crimes do stalinismo; o progresso tecnológico, que não parava de crescer; a revolução da informática; a globalização; a economia mundo; o desemprego em massa; o avanço da midiaticização. Assim, Hartog vai identificar neste final do século XX outra possível brecha no tempo, outro momento de crise que poderia estar nos levando a um novo regime de historicidade a que ele chama de presentismo, ou “o presente único: o da tirania do instante e da estagnação de um presente perpétuo”. (HARTOG, 2013, p.15 apud MOURA, 2016, p. 106).

O estudo de Moura resultou em um produto: um blog “*Pensando o Escola sem Partido*”<sup>2</sup>, com o intuito de mapear projetos de lei idênticos ou semelhantes ao Programa Escola Sem Partido. Atualizado permanentemente, em novembro de 2019 contabiliza cerca de 163 projetos em tramitação no Brasil: 124 municipais, 25 estaduais e 14 federais. O blog é mantido por Moura e outros integrantes do grupo Professores contra o Escola Sem Partido.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://pesquisandooesp.wordpress.com/>. Acesso em: 03 maio 2019.

Figura 7 – Mapeamento dos Projetos de Lei do Programa ESP em tramitação no Brasil



Fonte: Google Maps<sup>3</sup>.

Ainda em sintonia com o conceito de midiaticização, Katz e Mutz (2018) trazem a produção de sentidos e disputas em torno do papel da escola pública no Brasil a partir do site do movimento, destacando alguns momentos: um primeiro período reprodutivista do movimento, no qual os textos são copiados de outras fontes; um segundo momento em que o ESP começa a tornar-se notícia e passa a repercutir em alguns blogs ou sites sindicais; e a terceira fase inicia-se em 2014 quando o ESP fica conhecido e atuante, e o próprio Nagib passa a se automidiaticizar concedendo entrevistas em emissoras de televisão, rádio e web. Conforme os autores, na análise de discurso, ao contrário das simplificações presentes nas mídias jornalísticas, a trajetória do movimento mostra que suas enunciações se ligam diretamente aos jogos de poder e demais práticas não discursivas, as quais propagam uma cultura de crise por meio de inúmeras enunciações de maneira singular e situada historicamente.

Nesse contexto midiático, Lima, Silva e Júnior (2017) analisam documentos escritos e imagéticos produzidos pela grande mídia (Folha de São Paulo, O Globo, Carta Capital, Sul 21, Revista Época, entre outros). Esses documentos são publicados em artigos de opinião, livros, redes do ESP, jornais, em site e revistas, a fim de entender a atuação do movimento. Desse modo, os autores realizaram uma análise documental à luz de teorias de referência da Linguística Aplicada e da Ciência da Educação.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://twixar.me/zCRn>. Acesso em: 03 maio 2019.

Observamos, também, aproximações com o texto de Rosa e Marroni (2017) ao investigar a formação continuada dos professores das escolas públicas com o uso das mídias e tecnologias para a construção de saberes, que permitem ao aprendiz ser autônomo, criativo, reflexivo e crítico. O texto aborda os conceitos por meio de um estudo bibliográfico e discute o uso das TICs como recursos de aprendizagem nos cursos: Mídias na Educação, Tecnologia da Informação e Comunicação em Educação.

Nessa relação de mídia e dispositivo, Cingolani (2015) recorda, a partir de Verón, (1983) que ambos nasceram distintos, mas foram reunidos por interesses e necessidades na transição das sociedades midiáticas para sociedades em vias de midiaticização.

Do total dos 36 trabalhos selecionados sobre o ESP ou PCESP provenientes de diferentes áreas, conforme descrevemos anteriormente, apenas três pesquisas trabalham as interfaces comunicação/educação: Lima, Silva e Júnior (2017), que vem das letras, pedagogia e comunicação, e outras duas obras produzidas estritamente na área da comunicação.

Ambos os textos acima nos aproximam da perspectiva comunicacional, pois tem foco no estudo de caso do movimento Escola Sem Partido, corroboram com o conceito de midiaticização por nós estudados, fazem uso das redes sociais para análise do estudo, e fazem análise da produção de conteúdos pelos usuários.

Apesar dos dois trabalhos migrarem da esfera comunicacional, não há indícios de pesquisas, até o momento, com o mesmo foco, construção, e análise em termos convergentes com nosso estudo. Conforme já citado, nossa pesquisa visa auxiliar e fomentar as áreas de conhecimento em que o tema se insere, a partir das tensões e disputas de sentidos dos objetos.

Retomando, o texto de Romancini (2018), publicado no site da Compós, combina análises da cobertura noticiosa e da atuação de indivíduos e instituições que utilizam a rede social, ao envolver o conceito na questão política e do ativismo digital contemporâneo, a partir do *Twitter* (da *hashtag* #*escolasempartido*). O artigo tem como objetivos principais: analisar como os órgãos noticiosos têm feito a cobertura do ESP, e perceber quais são os indivíduos e instituições que participam da conversação sobre o movimento. Para chegar aos resultados, o estudo de caso foi realizado a partir de informações bibliográficas sobre o Escola Sem Partido, por meio da coleta de conteúdos jornalísticos e de *tweets* sobre o movimento. Conforme o autor, no total foram coletados 8.365 *tweets* a fim de extrair dados para a análise, a qual resultou das 8.365 mensagens, 5.662 *retweets*, 1.692 *tweets* originais e 1.011 *@mentions* (*tweets* com menções a outros usuários). Já, 4.574 perfis participaram ativamente da mediação via *hashtag*.

O autor revela, ainda, que das 100 matérias da imprensa sobre o ESP analisadas, no período de 30 de junho de 2016 a 19 de dezembro de 2017, a categoria mais comum foi a grande mídia (Folha de S. Paulo, ou portais como o G1), com 33 matérias, sendo seguida pelas publicações em veículos alternativos de alcance variado (por exemplo, Carta Maior) com 29 publicações. Matérias em veículos regionais (Diário do Grande ABC, Portal Paraná etc.) somam 23 e, por fim, os conteúdos em mídias especializadas (principalmente em educação) foram 15. Em termos de resultados, Romancini (2018) destaca que a cobertura dos meios informativos é geralmente neutra ou desfavorável ao ESP; a discussão no *Twitter* é realizada majoritariamente pelos apoiadores da causa, com uso significativo de meios de comunicação de baixa qualidade, e muitos *tweets* utilizam técnicas da mídia participativa.

No artigo, o autor trabalha um ângulo na perspectiva de Stromback (2014), na questão sobre a “mídiatização da política” que pode ser definida, de maneira sintética, como um processo pelo qual as instituições e os atores deste universo passam a ser cada vez mais referidas pela mídia.

Por último, o artigo de Castilho e Dalmolin (2017) visa discutir teoricamente o movimento Escola Sem Partido e suas implicações nos campos sociais do país. As autoras relacionam os discursos de Marco Feliciano e os conceitos de circulação midiática e biopolítica em articulação com processo de mídiatização e a sua atuação. Neste, as autoras abordam a questão do ativismo digital ao enfatizar a relação mídia-política-religião a partir de uma discussão teórica acerca do PL 867/2015, que institui o “Programa Escola sem Partido” nos níveis Federal, Estadual e Municipal, assim como do empreendedorismo moral observado pela figura de Marco Feliciano sobre os temas que tangem o Programa. A partir disso, foi realizado um mapeamento discursivo e presencial on-line de Marco Feliciano, no *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*. Apesar de não embasarem referencialmente o significado de mídiatização, dá-se a entender que a presença aliada ao uso e discursos do ex-deputado foi considerada uma atuação mídiatizada.

Dos trabalhos apresentados até o momento, há vários ângulos e diferentes indícios midiáticos que cercam o objeto de pesquisa que nos servirão, segundo a peculiaridade de cada um, para construção de nossa investigação.

No viés interdisciplinar proposto por Braga (2011), podemos discutir as práticas comunicacionais do ESP e do PCESP enquanto produção de conhecimento. Assim, vale destacar e problematizar as práticas humanas existentes nos canais de comunicação do objeto enquanto fenômenos comunicacionais.

A fim de entendermos melhor os desdobramentos comunicacionais dos 36 trabalhos consultados, criamos tabelas separadas por ano, área de origem, técnica de observação metodológica, objeto de estudo e contexto midiático.

A Tabela 1 traz um mapeamento referente ao ano de 2016, o qual contempla 10 autores divididos em seis áreas.

Tabela 1 – Mapa das obras científicas acerca dos objetos de análise do ano de 2016

<b>Matriz de Origem</b>	<b>Técnicas de Observação</b>	<b>Objeto de estudo</b>	<b>Contexto Midiático</b>
<b>Ciências Políticas</b>	Discurso, análise de discurso e site	ESP	Redes Sociais e Site Movimento
<b>Direito</b>	Análise das redes	ESP	Redes Sociais
<b>Educação</b>	Análise do site e análise das redes	ESP	Site e Redes Sociais
<b>História</b>	Análise das redes, análise do site, discursos e disputas midiáticas e discurso nas redes	ESP	Site do Movimento e Redes Sociais
<b>Letras Políticas</b>	Discurso e análise do site	ESP	Site do Movimento
<b>Públicas</b>	Análise das redes	ESP	Redes Sociais

Fonte: Elaborada pela autora.

Partindo dos elementos referentes à Tabela 1, em suma todos têm como objeto de estudo o movimento Escola sem Partido. A tabela contempla informações de 10 autores, onde três analisam o discurso do movimento nas redes sociais, e os demais focam na análise do site e das redes sociais, em especial o *Facebook*. Apenas um trabalha a questão das disputas midiáticas, que é foco deste estudo.

Durante a triagem desses observáveis nos chamou atenção que apenas três estudos trabalham diretamente o movimento ESP e o grupo PCESP, um de modo comparativo e os outros a técnica do discurso também nas redes sociais. Dois desses pesquisadores estão inseridos na tabela abaixo referente ao ano de 2017.

Tabela 2 – Mapa das obras científicas acerca dos objetos de análise do ano de 2017

<b>Matriz de Origem</b>	<b>Técnicas de Observação</b>	<b>Objeto de estudo</b>	<b>Contexto Midiático</b>
<b>Ciências Sociais</b>	Análise das redes	ESP	Redes Sociais e Site Movimento
<b>Comunicação</b>	Análise das redes Análise das redes e discurso midiático	ESP	Redes Sociais, Site Movimento e Jornal
<b>Educação</b>	Discurso nas redes, Discurso do Movimento e Análise do site	ESP PCESP	Redes Sociais e Site Movimento
<b>Geografia</b>	Análise comparativa das redes	ESP PCESP	Redes Sociais
<b>História</b>	Análise do site e discurso site	ESP	Site do Movimento
<b>Letras</b>	Análise das redes e Análise comparativa das redes	ESP PCESP	Redes Sociais
<b>Linguística</b>	Análise das redes	ESP	Redes Sociais
<b>Pedagogia</b>	Análise das redes	ESP	Redes Sociais
<b>Políticas Públicas</b>	Discurso nas redes	ESP	Redes Sociais
<b>Psicologia</b>	Discurso nas redes	ESP	Redes Sociais

Fonte: Elaborada pela autora.

Dezesseis trabalhos compõem a tabela do ano de 2017, conforme observamos anteriormente, sendo que dois analisam o grupo *Professores Contra o Escola sem Partido*. Nessa assertiva, esse recorte dos mapas nos auxilia a compreender as técnicas específicas das pesquisas, bem como a circulação destas obras coletadas em diferentes canais on-line.

O próximo mapa é do ano de 2018 e explicita informações das 10 últimas obras analisadas.

Tabela 3 – Mapa das obras científicas acerca dos objetos de análise do ano de 2018

<b>Matriz de Origem</b>	<b>Técnicas de Observação</b>	<b>Objeto de estudo</b>	<b>Contexto Midiático</b>
<b>Administração</b>	Discurso e análise comparativa	ESP	Sites do Movimento, Entrevista e Reportagens eletrônicas
<b>Ciências Políticas</b>	Discurso e análise comparativa	ESP	Sites do Movimento, Entrevista e Reportagens eletrônicas
<b>Comunicação</b>	Análise das redes, cobertura midiática e discurso midiático	ESP	Site do Movimento, Redes Sociais e Jornal
<b>Educação</b>	Análise de discurso e produção de sentidos; Discurso nas redes	ESP	Site do Movimento e Redes Sociais
<b>História</b>	Análise do site; discurso; tensionamentos nas redes; discurso site; análise das redes e produção de sentidos	ESP PCESP	Site do Movimento e Redes Sociais
<b>Psicologia</b>	Análise do site	ESP	Site do Movimento

Fonte: Elaborada pela autora.

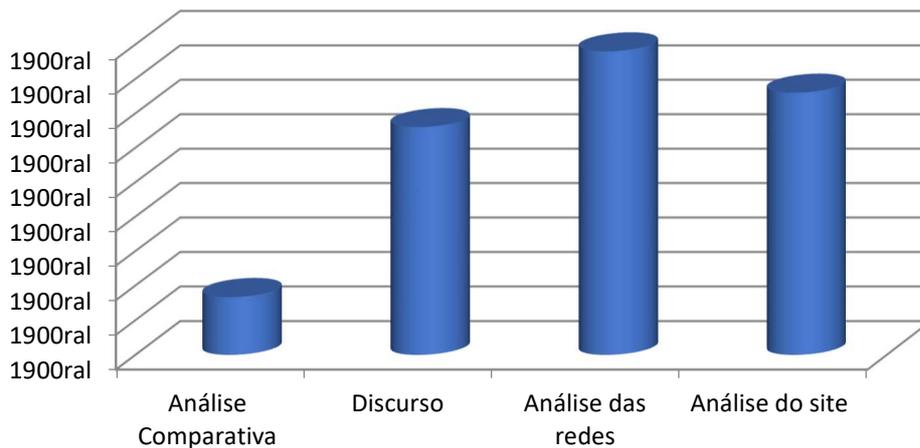
Apesar da temporalidade dos materiais, podemos observar nas tabelas acima que, dos 36 trabalhos, 8,33% fazem análise comparativa dos dois coletivos: ESP x PCESP, mas nenhum deles trabalhos tem ligação com a área da comunicação. Nessa projeção, as pesquisas com foco no discurso midiático e produção de sentidos se apresentam ambas em 2018, contemplando diferentes campos científicos. O que queremos dizer é que outras áreas despertaram seu interesse metodológico nos processos midiáticos. Ou seja, apontam processos de abdução, conforme nos esclarece Ferreira (2012, p. 168), ao enfatizar o movimento de abdução como “índícios (resultados) relevantes para a pesquisa, mas, associados, nem antes, nem depois, a regras pertinentes para, com os mesmos, compor o caso”.

Já, 47% analisam as redes do ESP, 33% trabalharam a questão do discurso. Enquanto 38% analisam o site do movimento.

O gráfico abaixo demonstra de forma quantitativa essas caracterizações:

Gráfico 1 – Análise quantitativa do Estado da Arte

### Análise quantitativa Estado da Arte



Fonte: Elaborado pela autora.

Diante desta análise quantitativa, é interessante observar que a questão do discurso no site do movimento vem despertando curiosidade de outros campos, como pesquisas científicas, assim como a análise das redes sociais enquanto fonte de dados. Entendemos aqui que o *Facebook* se tornou um grande banco de dados onde suas práticas e seu metadiscurso articulam e atravessam diferentes esferas.

Dado esse passo, onde realizamos a pesquisa da pesquisa – o estado da arte – captamos indícios nos processos das análises dos autores que nos levam a novas características inseridas em nossa pesquisa. Ou seja, por meio das tabelas e do gráfico acima fica evidente que os principais canais de informação e construção de saberes do movimento ESP são o site e as redes sociais, devido a possibilidade de publicização de suas ideias. Contudo, a partir desse gráfico, a pesquisa nos gerou uma auto-observação dos fenômenos em disputas. Isso quer dizer que a partir do ponto de vista de outras pessoas, nosso processo observacional ampliou o olhar e com ele as dúvidas que cercam o problema da pesquisa.

De encontro com este novo olhar, notamos que o movimento institucional usufrui das plataformas digitais possibilitando aos usuários diferentes formas de inserção e interação, de modo que possam produzir, replicar ou criar textos, novas imagens, vídeos etc., que afetam a sociedade e os meios.

Nesse percurso operacional de investigação científica, os pesquisadores são instigados a buscar constantemente novas referências e autorreflexões sobre os rumos da pesquisa. Desse modo, destacamos que as observações acerca do estado da arte nos auxiliaram a entender e compreender melhor o nosso objeto, cada uma com sua peculiaridade, investigação e mapeamento dos dados.

Apesar de serem produzidas em diferentes campos, essas pesquisas nos fizeram rever alguns ângulos do processo de construção, principalmente, em optar por uma análise comparativa, método pouco explorado nas obras compiladas. No mais, tais contribuições também nos fizeram ampliar o olhar de pesquisador, explorar novas inferências.

Por último, as contribuições dessas observações nos proporcionaram a identificar, também, algumas afetações a partir dos circuitos percorridos pelos autores, bem como os dados apurados são capazes de modificar as relações em sociedade.

Assim, o capítulo a seguir visa apresentar um conjunto de conceitos que se apresentam como componentes de um quadro teórico, que indicam processos observacionais sobre o funcionamento das duas estratégias desencadeadas pelo ESP e o seu oponente, no contexto de lutas e sentidos. Descreveremos também tais conceitos, pois eles nos ajudam a descrever algumas características dos processos de mediação do objeto a partir das lógicas de interação, processos midiáticos, processos de interação e de aprendizagem, estratégias de comunicação, bem como a noção de estudos de casos múltiplos.

#### 4 O OBJETO À LUZ DE PERSPECTIVAS CONCEITUAIS DE MIDIATIZAÇÃO

Entendemos o processo de midiática dessas duas estratégias comunicacionais como um fenômeno em construção, o qual acontece no ambiente propriamente dito da escola, desdobrando-se nas redes sociais (*Facebook, Twitter e Instagram*). Nessa especificidade, a constituição do ESPxPCESP transcende também “os muros” das escolas no momento em que algumas ações tornaram-se públicas, ou melhor, no momento em que a divergência no ambiente escolar superou as velhas práticas de comunicação, migrando com força total para a esfera midiática afetando, inclusive, outras práticas sociais como a política, por exemplo.

Nessa ambiência, quando o professor visto como mediador e construtor de conteúdo é questionado fora da esfera educacional, Braga (2006, p. 2) nos lembra que “a midiática não acontece só quando se está produzindo e se está recebendo informação”. Ou seja, quando os meios afetam a sociedade, por meio dos aparatos tecnológicos, transformações e impactos culturais são produzidos na vida de cada um a partir das interações sociais.

Contudo, a partir dos dispositivos vivemos em um ambiente midiático que produz inúmeros circuitos, opiniões e críticas sociais vindas de práticas de diferentes áreas, entre as quais: política, educação e comunicação. A fim de compreendermos melhor as ações comunicacionais desenvolvidas pelos nossos objetos, bem como as vias e fluxos que eles percorrem, elaboramos inferências teóricas no próximo item abaixo.

Em função disso, neste item trabalharemos o conceito de midiática, segundo construções de diferentes autores, buscando pensar sobre o campo e suas lógicas: midiática e práticas sociais, midiática e processos interacionais, e estratégias de midiática.

Neste capítulo, também abordaremos hipóteses de porque o *Facebook* se tornou uma rede de investigação avançada dos processos em midiática, inclusive que se valem algumas estratégias de disputas de sentido entre o movimento ESP e os PCESP.

Para tanto, os primeiros debates que precedem a sociedade em midiática envolvem explicação sobre a noção de sociedade dos meios, a qual Verón (2004) nos propõe uma passagem progressiva das tecnologias de comunicação ao identificar a existência de dois períodos: sociedade dos meios e sociedade em midiática. Conforme conceitua o autor, a sociedade dos meios se caracteriza como a época em que os meios de comunicação de massa surgiram nas sociedades industriais com o jornal impresso, o rádio, a televisão. Já a passagem para a sociedade midiática veio com o avanço das práticas das instituições democráticas

industriais às mídias, ou seja, quando a sociedade percebe a importância das tecnologias comunicacionais enquanto formas de uso e de referências nas práticas de diversas instituições.

Na relação específica entre o campo educacional e comunicacional, onde a instituição educativa pode intervir no modo de operação do sujeito com a mídia, como no site do movimento ESP e do PCESP, Fausto Neto (2006, p. 11) nos explica que “as operações de midiatização afetam largamente práticas institucionais que se valem de suas lógicas para produzir as possibilidades de suas novas formas de reconhecimento nos mercados discursivos”. Ou seja, vários campos usam da midiatização para pôr em prática suas próprias estratégias discursivas, transformando, de fato, seus protocolos, bem como os seus modos de atuação e de funcionamento.

Nesse cenário, pensando a partir do nosso objeto, as práticas comunicacionais desenvolvidas pelo ESP e o PCESP se caracterizam como mediadoras de disputas de sentidos entre os campos sociais ao serem atravessado pela mídia. “Isto é, a mídia, os processos de significação, os processos socioculturais influenciam-se mutuamente gerando o fenômeno dos processos midiáticos”. (GOMES, 2016, p. 16).

Gomes (2016) também avalia essas práticas afetadas na sociedade em midiatização como uma matriz capaz de justificar os modos de interação e conexão a partir dos meios, como o modo de ser, pensar e agir em sociedade.

Uma vez que a midiatização nos traz uma multiplicidade de efeitos e sentidos, é importante ressaltar sua importância na construção da pesquisa, por nos permitir dialogar e compreender algumas características do tema proposto, como por exemplo, novas produções midiáticas a partir das ações comunicacionais.

Nessa multiplicidade também é possível visualizar as ações comunicacionais em disputa, além do que o conceito de midiatização expõe quanto ao uso tecnológico, ampliando nosso campo de visão e compreensão para além das práticas, no intuito da construção de processos de aprendizagens.

Entre os diversos fenômenos que transformam a sociedade e derivam de processos sociais, faz-se emergir novas realidades e diretrizes ao cruzarmos o termo com os processos interacionais de referência propostos por Braga (2006). São processos em curso, que não estão “completados”. Para o autor, “um processo interacional por referência dá o tom aos processos subsumidos – que funcionam ou passam a funcionar segundo as lógicas”. (BRAGA, 2006, p. 2). Ou seja, hoje atores/sujeitos sociais envolvidos midiaticamente com as redes do ESP e do grupo PCESP possibilitam uma nova reflexão da ambiência a partir da vivência interacional entre os dispositivos.

Sempre que temos um circuito instituído ou em experimentação social, um encadeamento de dispositivos interacionais parcialmente relacionados, podendo envolver manutenção, modificação, contraposição e acréscimo de ações, encaminhamentos e objetivos – de tal forma que o conjunto “circuito” elabora e exerce processos interacionais, repercutindo uma ação comunicacional em transformação, em fluxo contínuo. Lembrando que um mesmo dispositivo interacional pode estar inscrito em diferentes circuitos (ou trabalhar diferentes circuitos). (BRAGA, 2017, p. 45).

Entendemos então, que uma estratégia discursiva dos objetos, ao circular nas redes e no site, pode alterar a percepção e construção social a partir de sua matriz informacional, causando efeitos em forma de *feedbacks*, opiniões, novos diálogos, debates etc.

Para tanto, esses efeitos em produção podem tomar forma, levando em conta as transformações na sociedade, onde os dispositivos não se referem apenas às tecnologias, mas também aos métodos e outras dimensões que envolvem diferentes práticas sociais. É exemplo, o Programa Escola sem Partido, que nessa perspectiva, a comunicação é sempre uma ação entre participantes em contato onde, a partir de seus tensionamentos em rede, teremos um episódio interacional do próprio dispositivo em realização.

Uma vez que os modos de interações podem ter controle sobre os espaços via sujeito/receptor, muitas práticas sociais, ao serem afetadas pelos meios, se destacam, com singularidade na esfera midiaticizada. Para entendermos melhor essa afirmação partiremos da premissa de prática social – prática de sentido, enquanto transversalidade discursiva na midiaticização, a qual ultrapassa o território específico dos meios enquanto limites explicativos, mas retoma os meios no interior de uma nova complexidade (FAUSTO NETO, 2006), envolvendo ações mais complexas em termos das práticas sociais.

Fausto Neto (2006) explica como a característica de transversalidade afeta o próprio campo, o das instituições, suas práticas e os seus usuários. Ou seja, por exemplo, todas as ações produzidas na ambiência escolar e digital poderiam contribuir com a problematização exposta do objeto, gerando outros processos e sentidos nos meios devido os modos de funcionamento da midiaticização.

Dentro do quadro teórico das práticas sociais, Heberlê (2012) nos traz a relação da mídia e da ciência no tocante reconhecimento de fenômenos que cercam os campos. Apesar de um campo trabalhar em longo prazo as informações e o outro a instantaneidade, esse campo científico (comunicação e ciência) contribui com muitos sentidos discursivos no âmbito de tecnologias, desenvolvimento, saúde, cultura etc.

Em outro dado momento, importante para a sociedade, são os avanços da ciência e tecnologia, e os meios usufruíram dessas operações no processo industrial. “É improvável que

o campo científico seja imune às tensões na modernidade, ao cruzar com o campo midiático”. (HEBERLÊ, 2012. p. 131).

O autor também nos faz refletir sobre práticas de pesquisas, as quais precisamos da ciência para obter resultados de forma direta ou indireta. Podemos citar como exemplo as pesquisas científicas observadas por nós no capítulo referente ao estado da arte. Dos 36 trabalhos, quatro se relacionam com o campo das ciências, que se faz necessário por aproximar-se da mídia em questões de interesse público como: cumprir metas pessoais e institucionais, conhecimento, atualidade, ineditismo, resultados, marketing etc.

Nessa perspectiva, a ciência e a mídia têm interesse social que “dependem” da sociedade, uma vez que a busca pelos fatos, mesmo que em diferentes processos, são necessários. O jornalismo científico, por sua vez, necessita de práticas e ações de pesquisa que afetam os dois campos que chegam à sociedade por meio da circulação. Ou seja, “a circulação da ciência no espaço social solicita ações que, ao revestirem das características de cada campo específico, sejam capazes de atravessá-los, produzindo nesse espalho o movimento circulatório caracterizado pelo uso social da informação”. (LEITE, 2012, p. 244).

Outro fator exponencial engendrado pelo aparecimento de tecnologias dentro do processo social é a questão política na educação. Nesse processo, durante a observação dos trabalhos científicos, e dos vários exemplos de casos que construíram o universo da nossa análise, observamos a presença do campo político constantemente na esfera educacional. Exemplo disso, podemos citar a questão do fenômeno do pensamento conservador da extrema direita ser aliando-se à crise estrutural e ideológica no país.

Nesse âmbito das práticas sociais, como a comunicação e a política, vamos ver dinamizado cada vez mais pesquisas buscando os efeitos e conexões da midiaticização na sociedade, em que tais intervenções buscam produzir tensionamentos e disputas entre diferentes campos. Para Rubim (2000), tais tensões não são oriundas apenas dos dois campos quando em disputa, mas sim quando há pluridiversidade nas ações e nas práticas sociais, ou seja, quando outros campos entram em confronto ou formas de disputas com as temáticas, como a educação por exemplo.

Na relação da mídia x política, a midiaticização “institui um novo ‘feixe de relações’, engendradas em operações sobre as quais se desenvolvem novos processos de afetações entre as instituições e os atores sociais”. (FAUSTO NETO, 2008. p. 96).

Por um lado, a caracterização no espaço comunicacional entre os sujeitos das práticas educacionais e políticas se confundem ao antagonismo político-partidário difundido em rede. Daí a razão de o ponto de partida da problematização na prática social ser compreendida na

dimensão midiática por meio de estratégias em disputas enunciativas, envolvendo dois segmentos da realidade institucional educativa, o movimento ESP e o grupo PCESP.

Rubim (2000) nos lembra de que a política nasce como uma prática específica do poder, a qual sujeitos/cidadãos usam da comunicação como possibilidade estratégica. Já, Massoni (2016) relaciona a comunicação estratégica a partir de visão crítica do objetivo no ambiente tecnológico.

Porém, no instante que nossos objetos adentram a esfera midiática e circulam nos espaços comunicacionais dos campos, as práticas sociais são exercidas de forma experienciada a partir de um conjunto de mutações significantes de ordem interacional.

Não distante, as práticas sociais ao serem afetadas pelos campos corroboram os processos midiáticos via notícias, estudos, campanhas etc. A saúde, por exemplo, também é uma área que afeta a comunicação. Fausto Neto (1999) nos exemplifica com a questão da epidemia da AIDS, em que hipóteses mostram como uma “doença discursiva”, que foi afetada pela mídia, no momento em que pesquisas e trabalhos corroboraram com a produção de sentidos por diferentes campos sociais. Para tanto, a doença transformou-se em um assunto midiático, fora da publicização, focando apenas nas afetações do espaço público em contato com outros campos (ciências, educação, comunicação).

Nesse teor e em consonância com a midiaticização, as práticas sociais se organizam em dispositivos, inclusive interacionais e sistemáticos. Podemos dizer que as práticas de midiaticização exploradas na ambiência digital afetam as práticas sociais e as do sistema sociais? Acreditamos que tudo que caracteriza a mídia vem de especificidades da interação humana. Podemos observar que todos os campos, uma hora ou outra, se conectam, se afetam ou se respaldam no outro, ou melhor, nos processos midiáticos.

Contudo, desde as primeiras aparições do ESP até incorporarmos o objeto com outro aspecto do caso, o grupo PCESP, as estratégias comunicacionais foram e são fundamentais como fontes para a construção do objetivo e do problema de pesquisa. Entendemos tal conceito como tentativas de um sujeito/instituição de estabelecer ou instaurar metas via ações na sociedade dos meios. Principalmente, quando nos deparamos com o site do movimento, o qual serve como um suporte que vai além de sua questão estrutural, informacional e doutrinária, pois enxergamos nele vínculos e características em questões conjunturais que o país vive atualmente.

Entretanto, à luz da midiaticização, as estratégias de comunicação ofereceram um caminho empírico promissor para revelar as formas de relações sociais da sociedade com os meios, uma vez que:

A mediação é algo maior do que as concepções de funcionalidades e instrumentalidades como as questões midiáticas foram entendidas da parte de construções teóricas filiadas às escolas ou correntes de investigação, nas quais as mídias não se constituíam em suas questões centrais. A emergência deste conceito de mediação é uma decorrência do próprio desenvolvimento de uma modalidade prática de comunicação que impõe aos campos de conhecimentos demandas de leituras e de interpretações que superariam, por assim dizer, certos “protocolos clássicos”, cujos primeiros movimentos de compreensão dos fenômenos midiáticos trataram de aprisionar o próprio objeto. (FAUSTO NETO, 2006, p. 2).

Entendemos que as práticas socioeducacionais, ao serem afetadas pelo processo de mediação, ensejam uma nova realidade complexificada, uma vez que embates de sentidos e de poderes se travam diretamente associadas às dimensões especificamente comunicacionais. Como exemplo, o site do movimento quando se torna um veículo que visa problematizações, denúncias e provocações que transcendem a discussão específica do ESP e do PCESP, a serviço de teses que são sustentadas nas novas políticas públicas na área da educação e proferidas nos meios digitais.

Assim, esse conceito torna-se singular, pois suas ações e estratégias comunicacionais nos dão indícios de que nosso objeto vai além dos meios digitais e do envolvimento com a mídia. Para tanto, Rodrigues (2001, p. 58) diz que a problemática comunicacional consiste na substituição da razão “dialéctica linear e seu paradigma aléctico por uma espécie de dispositivo tabular de natureza figural ou textual”.

Notamos que com este conceito aliado a mediação, algumas matrizes comunicacionais tomavam forma no processo de funcionamento e articulação das ações. Ou seja, um conjunto de ações tomavam fluxos e se mediazavam quando os sujeitos e instituições exerciam suas táticas. “As sociedades modernas procedem de uma clivagem entre o axiológico o normativo, com a consequente desvalorização das dimensões que escapam à instrumentalização técnica”. (RODRIGUES, 2001, p. 58).

Dialogando com Rodrigues, compreendemos que a teoria do agir comunicacional é uma teoria da sociedade, onde “uma palavra é esperada, mas não enunciada ou uma ação não realizada, mas esperada ou virtualmente sugerida são igualmente atos comunicacionais”. (RODRIGUES, 2001, p. 59). Nessa reflexão do autor vale ressaltar que as estratégias de comunicação são trocas simbólicas estabelecidas entre os sujeitos e o ambiente.

Emergindo da mediação, nosso objeto dá pistas sobre a importância que tem a circulação como aspecto necessário para entendermos os processos comunicacionais, desenvolvidos no âmbito dessas estratégias.

Buscando entender como e quais condições se desenvolvem as ações do objeto, congruências teóricas nos levam a Ferreira (2013, p. 142). O autor esclarece que “estudar

circulação é produzir inferências possíveis sobre valores (des)construídos a partir de usos e práticas relacionáveis às interações com os dispositivos midiáticos”. Por outro lado, Braga (2017, p. 45) traz a circulação como “referência ao processo desenvolvido pelo produto midiático, da emissão à recepção”, enquanto fenômeno comunicacional em vias de midiatização.

À luz das construções conceituais feitas até aqui por alguns autores, é notório que o objeto opera através de discursos e de ações comunicacionais que fortalecem suas estratégias. Dessa perspectiva, tanto o movimento institucional quanto o grupo dos professores desempenham funções na sociedade em midiatização que não só afetam os que interagem, mas transformam os próprios processos de funcionamento e de outras práticas socioinstitucionais.

Compreendemos que com o surgimento de ações tecnológicas, voltadas à comunicação, diferentes campos se apropriaram dos meios a serviço de um processo cultural em que a sociedade produz sentidos, fenômenos, materialidades que circulam em larga escala.

Nesse âmbito a midiatização aparece como processo que emerge de ações, e estas se inspiram em lógicas e referências midiáticas sobre práticas sociais determinadas, como a educativa, a política, entre outras, onde inúmeros circuitos e especificidades surgem com marcas discursivas. É claro que a mídia em si não causa esses fenômenos, mas sim a sociedade “caracterizada por diversos eventos que precisa de processos interacionais novos, porque os atuais não conseguem dar conta do que está em efervescência”. (BRAGA, 2009).

Nessa linha, Sbardelotto (2016, p. 299) trata a mídia como um dispositivo técnico que ganha sentido a partir dos usos e práticas sociais. De encontro a isso, salientamos que alguns fenômenos que capturamos durante a investigação partem do processo de circulação a partir dos usos e práticas em que a sociedade em midiatização opera com o meio. Por exemplo, observamos diferentes imagens capturadas no *Facebook* que trouxeram valor simbólico diante da ação comunicacional, não apenas como imagem, mas como discurso e produtora de novos sentidos.

Considerando as perspectivas dos estudos de Rosa (2015) sobre a circulação das imagens, compreendemos que no processo de midiatização a circulação afeta o discurso imagético, assim como os campos sociais e suas relações entre eles. Exemplo disso, é toda materialidade que compõe a imagem denunciativa dos professores, e a frase/título de impacto que circulou no site e no *Facebook* do ESP gerou novos efeitos e sentidos que demonstram um potencial de circulação e distribuição.

Por conta disso, Rosa (2016) observa que as imagens/vídeos se configuram, hoje, no contexto da midiatização como fatores informacionais em circulação, no momento em que cede “espaço a outras funções como a metáfora visual e a elaboração para o agenciamento de novos fluxos”. (ROSA, 2016, p. 1). Fluxos que levam também a circularem em dispositivos midiáticos múltiplos, potencializando a autonomização da imagem.

Entretanto, acusamos a questão do dispositivo midiático diretamente ligado às estratégias comunicacionais em disputa. Isso vale também ao contexto social, comunicacional e cultural que o país vivencia hoje, em que milhares de instituições se fazem presente no ambiente midiatizado. Assim, do objeto em análise – movimento ESP e grupo dos Professores Contra o ESP – observamos inúmeros episódios produzidos por sujeitos/sociedade que contribuíram para a construção do caso. Como exemplo, a disputa de sentidos nos canais de comunicação por eles midiatizados, em especial o site e *Facebook*. Para tanto, nessa interação dos sujeitos/campos sociais com as tecnologias, identificamos ações que demonstravam o *Facebook* como novo dispositivo discursivo.

Nessa linha de pensamento, o uso da tecnologia como meio de comunicação oferece de forma inovadora novas relações a partir dos meios, em que os discursos resultam dos novos processos interacionais. Ou seja, tanto o movimento institucional quanto o grupo PCESP derivam de um processo social que gera efeitos na sociedade.

Conforme matéria do site Resultados Digitais<sup>1</sup>, em 2019, o *Facebook* contemplou mais de dois bilhões de usuários no mundo, alcançando o primeiro lugar no ranking das plataformas mais acessadas, também, pelos brasileiros que são em média 130 milhões de sujeitos conectados.

Uma vez que a apropriação de redes sociais é uma realidade em tempos de midiatização, muitos brasileiros ficam em média cerca de 4 horas diárias nas redes sociais, isso faz com que muitas empresas, instituições e demais grupos se articulem nas plataformas. Porém, muitos internautas usam o *Facebook*, como mencionado anteriormente, para análise de dados, observações e demais lógicas científicas. Nessa mediação social é possível acompanhar diferentes processos de interpretação de sentidos, aí entra nosso olhar enquanto pesquisadores.

Podemos dizer que o *Facebook* se tornou um elemento estruturante contemporâneo fruto de uma cultura da própria mídia? Anselmino, Reviglio e Diviani (2016) relacionam o surgimento do *Facebook* a uma opinião individual sem mediação direta.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em 14 de dezembro de 2019.

Todos os discursos que são visíveis no *Facebook*, entre aqueles que pertencem à esfera pública e aqueles que são limitados para as áreas da vida privada ou íntima; e também é possível interrogar sobre que articulações (ou deslocamentos) acontecem entre estes diferentes tipos de discurso [...] Então, talvez o *Facebook* seja um campo privilegiado para observar essa imbricação de esferas que parece ser característica deste tempo. (ANSELMINO; REVIGLIO; DIVIANI, 2016, p. 73).

Nessa perspectiva, a comunicação torna-se protagonista social, uma vez que os fluxos comunicacionais circulam “desenfreadamente” com seus circuitos, símbolos e sentidos no *Facebook*. Esse também foi um dos indícios que nos levaram a escolher esse fenômeno midiático (*Facebook*) para construir o caso, pois conforme explica Carlón e Fausto Neto (2012, p. 38), “a midiática desloca a problemática dos meios no âmbito dos campos sociais, e dos próprios meios em si, para a dos processos midiáticos, [...] geradores de novas estruturas e operações discursivas”.

A partir disso, o *Facebook* pode ser considerado um espaço de disputa de argumentação e sentidos, dos quais emergem processos significativos do objeto em investigação no momento em que caracteriza o caso na sociedade em midiática.

Este capítulo teórico, à luz das lógicas de midiática, se insere na reflexão do objeto para, no item a seguir, iniciarmos, dentro das perspectivas teóricas, a análise das ações comunicacionais em disputa.

## 5 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS E AÇÕES DE MIDIATIZAÇÃO

Após o trajeto das questões examinadas até aqui, através de diferentes capítulos, bem como do acionamento teórico proposto pelo objeto, avançaremos com a análise das ações comunicacionais visando analisar de modo comparativo ações comunicacionais e estratégias de midiatização dos dois dispositivos, tomando como lócus de observação, os sites respectivamente, do movimento institucional e o do grupo PCESP, e os perfis de ambos no *Facebook*.

Para isso tratamos de conceituar a importância das metodologias qualitativas, junto a qual se filia a possibilidade do trabalho de análise de caráter comparativo das diferentes estratégias comunicacionais. Assim sendo, entendemos por metodologia qualitativa os critérios que visam determinar se “as descobertas estão embasadas no material empírico, ou se os métodos foram adequadamente selecionados e aplicados. [...] nas relevâncias das descobertas e na reflexividade dos procedimentos”. (FLICK, 2009, p. 24).

Flick (2009) também trata a pesquisa qualitativa como uma escolha metodológica que visa o reconhecimento da análise a partir de diferentes perspectivas e reflexões. No entanto, Becker (1993) apud Zucolo (2014) relata que esse conceito auxilia na compreensão do objeto, em que o pesquisador pode e deve improvisar e resolver os problemas inesperados. “É a estratégia, portanto, que no seu próprio movimento sinaliza os recursos metodológicos de enfrentamento do problema”. (BECKER, 1993 apud ZUCOLO, 2014, p. 34).

Diante disto, esse conceito vai permitir a análise de nosso objeto envolvendo ações comunicacionais dos universos e suas interações dos sites e do *Facebook*, bem como suas dinâmicas e estrutura de funcionamento. Junto a isso, tomamos como referência a questão problema norteadora da investigação: Como se desenvolvem as disputas de sentidos entre o movimento institucional Escola sem Partido e o grupo Professores Contra o Escola sem Partido a partir das lógicas de mídia e midiatização? Vale ressaltar que esta análise se fará nesses universos, nos períodos de 2015 a 2019, que compreende a ascensão do movimento em 2014, e a criação do grupo PCESP em 2015.

Nessa assertiva, ao articularmos os tensionamentos do objeto com o quadro conceitual, vários autores corroboram teórica e metodologicamente para realização da análise, conforme já indicados, no caso a midiatização, circulação, práticas sociais, estratégias e ações comunicacionais, lutas de sentidos. Nessa aproximação, buscou-se diálogos, especialmente, com vários autores que se constituem como nossos interlocutores neste trajeto de análise, desde os mais próximos, no sentido geacadêmico, quanto aos que se manifestam em

complexas e densas bibliografias como Fausto Neto (2001; 2018; 2008; 2006; 2017; 2013; 2010; 1999; 2012), Braga (2012; 2002; 2006; 2001; 2009; 2011; 2015; 2018, 2017), Gomes (2016; 2017), Rosa (2013; 2015; 2016), Rodrigues (2001) , Verón (2012; 1983; 2004), Ferreira (2013; 2009; 2012), dentre outros.

A partir das reflexões do quadro teórico foi possível acionar os eixos de articulações, a fim de descrevermos e identificarmos como se organizam as operações das estratégias comunicacionais do movimento ESP e do grupo PCESP. Para isso, neste processo buscamos algumas especificidades midiáticas do objeto para que pudéssemos construir a análise comparativa que envolve elementos dos sites e do *Facebook*.

Tais elementos contribuem, inicialmente, para esta análise a partir das observações acerca do histórico do objeto, das obras científicas apuradas em torno do objeto, da reflexão teórico-metodológica, bem como dos circuitos que o objeto percorre, inclusive aqueles que se materializam no embate entre estratégias, no meio digital.

### **5.1 Descrição dos aspectos metodológicos**

Vamos desenvolver uma análise examinando as duas estratégias, tomando como referências suas manifestações nos sites e páginas no *Facebook* do movimento institucional e as do grupo PCESP, para que possamos desenvolver a perspectiva comparativa. Inicialmente vamos examinar as estratégias do objeto através de dois subconjuntos específicos para, posteriormente, em um segundo momento, examinar dados mapeados e descritos nas duas estratégias.

Além disso, como meta neste capítulo buscaremos apresentar vínculos imprescindíveis para o funcionamento entre a instituição e sujeitos/atores sociais, além de pistas e dados para responder ao problema de pesquisa.

Lembramos aqui que é através das estratégias comunicacionais que será possível analisarmos o diálogo do objeto com a sociedade via instrumentalização tecno-midiático, como sugere Rodrigues (2001) ao tratar o meio enquanto instrumento. Ou Braga (2018) ao reconhecer que “os arranjos assim como as estratégias sociais que os elaboram, em qualquer área da prática ou do conhecimento, são exemplos do processo comunicacional em ação”. (BRAGA, 2018, p. 19-20).

Assim, iniciaremos a descrição sobre as estratégias a partir do site do movimento ESP respeitando o aspecto histórico, pois tal dimensão inaugura a estratégia de denúncia desenvolvida até aqui como uma das ações mais “usadas” do movimento institucional.

A nosso ver, nosso objeto em análise resulta de transformações culturais e midiáticas que afetam os campos da comunicação, educação e política. Nesse viés, acreditamos que as ações comunicacionais em análise emergem de estratégias que disputam sentidos por meio de ações que corroboram com a transversalidade entre as esferas. Para isso faremos uma inserção no universo de algumas estratégias a fim de proceder a análise de suas operações e relações e diferenças entre elas.

Não pretendemos fazer uma revisão extensa de todos os materiais coletados durante o processo de observação, por se tratar de um período de quatro anos, 2015 a 2019. Seleccionamos referências que são tensionadas pela pergunta-problema da pesquisa, e enunciadas segundo informam os processos observacionais sobre como cada seguimento desenvolve suas ações no âmbito dos sites e página do *Facebook*. As materialidades são extraídas de vários textos que se encontram situados em vários operadores discursivos como: comentários, curtidas, compartilhamentos, textos, vídeos, circuitos, imagens, além de outras marcas que geraram diferentes efeitos de sentidos.

Dizendo de modo mais detalhado sobre a divisão da análise em duas etapas: inicialmente, a partir das estratégias do movimento ESP e a seguir a do grupo PCESP, valorizando a materialidade textual em diversas formas como já descrevemos anteriormente; além de leituras segundo expedientes, como o de gráficos e outros materiais que venham a elucidar várias dimensões das diferentes estratégias. Após a exposição de cada uma delas, faremos considerações de natureza comparativa sobre as estratégias tentando construir inferências, algo importante a ser retomado nas conclusões onde fazemos o fechamento da pesquisa.

Como referência metodológica, vamos tratar os dois universos, parte de um mesmo caso, uma vez que as ações de comunicação se engendram no solo educacional e atividades por diferentes atores que neles têm inserções singulares, sejam como gestores ou educadores. Tanto numa situação como noutra, vamos considerar os materiais comunicacionais enquanto instância na qual as duas estratégias se materializam, e visam construir vínculos de cada um dos segmentos com o universo e realidade do teor educativo, especificamente da escola.

Após a análise das estratégias do movimento ESP, desenvolveremos a leitura delas – constituídas pelas ações do grupo de professores contra o ESP, seguindo a mesma organização da análise inicial, com exames de gráficos e observações acerca das estratégias do objeto. Ao valorizar a perspectiva comparativa, identificaremos possivelmente, outras ações que se enunciam no exame das estratégias, cuja sistematização ensejará revelações mais

nítidas de mecanismos que virão à tona pelo exercício inferencial a ser efetivado, conforme dissemos, após a análise respectiva de cada uma delas.

## 5.2 Das estratégias de denúncia a ações de combate ao Escola sem Partido

Nesse contexto, primeiramente descreveremos materiais do site e do *Facebook* do *Movimento Escola sem Partido*, no período de 2015 a 2019, conforme já mencionado. Nesta categoria iniciaremos a análise a partir dos registros de denúncia dos professores no site do movimento institucional. Conforme apresentamos explicação na Figura 1 do capítulo dois, na página 29, dirigimos nosso primeiro olhar sobre a midiatização a partir desta imagem abaixo, que engendra aspectos que envolvem as primeiras estratégias de **denúncia** no âmbito do site do movimento.

Figura 8 – Página do site escolasempartido.org



Fonte: Escola sem Partido<sup>1</sup>.

Podemos observar que a imagem acima refere-se a uma página institucional do site do movimento, divulgada em abril de 2016, contemplando no espaço central e a direita da

<sup>1</sup> Disponível em: [www.escolasempartido.org](http://www.escolasempartido.org). Acesso em: 10 jun. 2018.

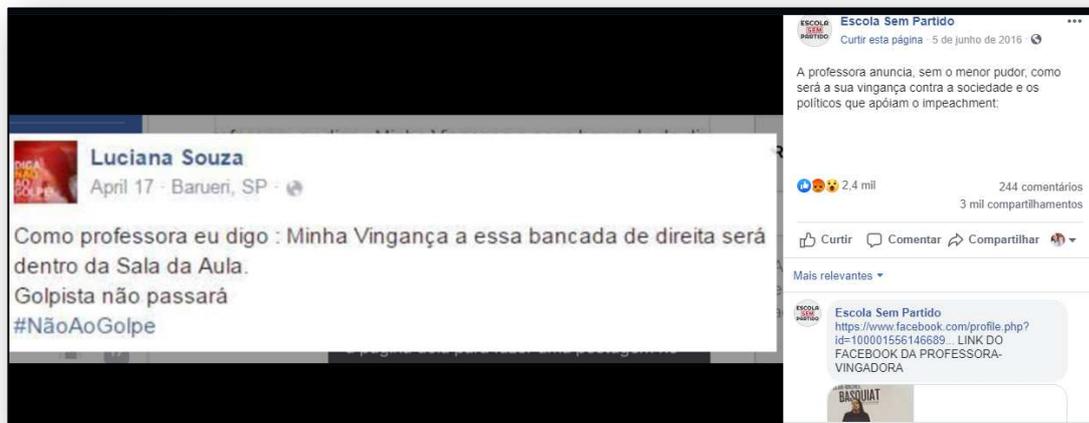
imagem duas fotos com nomes e enunciados. Logo abaixo do título “*Professores revelam-se no Facebook*” há uma mensagem do administrador do site (provedor) que apresenta os conteúdos da mensagem, segundo discurso: “*Nos prints abaixo, colhidos de postagens públicas no Facebook, professores revelam o uso que fazem da liberdade de ensinar*”. Logo, mais abaixo uma outra mensagem do teor de denúncia, referindo a professora Luciana que escreve: “*Como professora eu digo: Minha vingança a essa bancada de direita será dentro da sala de aula. Golpista não passará. #nãoaogolpe*”. Há uma segunda mensagem no qual outro professor, Dornelles Rodrigo afirma: “*Sempre me posicionei em sala de aula. Meus alunos, especialmente na EJA, souberam da minha posição pública à esquerda (inclusive a este governo que ainda está aí). Contudo, a partir de amanhã, adotarei uma postura ainda mais radical. Sempre tive ressalvas com relação a metáforas bélicas. Mas agora será diferente. A partir de amanhã, eu vou para a guerra! E cada aula será uma batalha!*”.

Ambos nos chamam atenção para a divulgação dos perfis dos professores com nome e foto, enquanto denúncia, sem devida “autorização” dos envolvidos. Nessa ação, o administrador do site, segundo descrição acima, faz menção que as imagens são públicas ao denunciar os atores sociais que têm perfis pessoais nessa rede social. Para Steinberg e Traversa (1997, p. 114) apud Anselmino (2016, p. 69), “a midiatização, associada à bagagem técnica que inclui, desloca a oposição entre o público e o privado, a tal ponto que, neste contexto, a mídia vai ser agente das manifestações da dimensão pública do privado”. No entanto, os autores nos fazem refletir sobre as tensões/riscos que os atores sociais assumem perante os processos de midiatização no que diz respeito ao público e o privado., assim como no papel que a mídia também assume diante das lógicas de midiatização nas instalações das redes sociais.

Isso nos leva a refletir outra questão: mesmo em modo público as informações na plataforma social podem ser compartilhadas por terceiros? Verón (2012, p 14, trad. nossa) observa que os usos e relações que as pessoas têm com as redes sociais não passam de vínculos que “comporta uma mutação nas condições de usos nos acessos dos atores individuais, produzindo transformações inéditas nas condições de circulações”.

Diante disso, atentamos, então para o ambiente em que essas imagens estavam inseridas, o *Facebook*, pois ao pesquisarmos no perfil do ESP, conforme a data de junho de 2016, os elementos imagéticos (fotos dos professores) repercutiam essa estratégia denunciativa, gerando disputas de sentidos nos comentários e compartilhamentos das mesmas, conforme veremos a seguir.

Figura 9 – ESP compartilha e expõe em seu *Facebook* professora como objeto de estratégia denunciativa



Fonte: Fanpage Escola sem Partido<sup>2</sup>

Ao identificarmos a fonte inicial da denúncia postada na página do *Facebook* do ESP, em junho de 2016, observamos marcas de midiaticização e disputas desde o enunciado do administrador do perfil: “*A professora anuncia sem o menor pudor como será sua vingança contra a sociedade e os políticos que apoiam o impeachment*”. Ao ser replicada na rede do movimento, o comentário gerou cerca de 2.500 curtidas, 3 mil compartilhamentos e 244 comentários. Entre eles, o perfil da professora foi postado na rede pelo próprio administrador do ESP no *Facebook* (estão entre os administradores da página Miguel Nagib e Beatriz Kics), que provocaram muitas reações como pedidos de denúncia ao Ministério Público (MP).

Outros comentários tinham links para grupos no *Facebook* em que a professora participava, pedidos de demissão, culpando os livros didáticos de serem “comunistas”, pedidos de exposição dos professores, como este: “*É fundamental expor esse tipo de gente, dando o nome e local das escolas onde trabalham, para que os pais das crianças sendo afetadas possam tomar as devidas providências*”; pedidos de gravação de áudio e vídeo para denúncia, além de um comentário referindo que a exposição pessoal pode ser considerada crime: “*Expor uma pessoa assim não é crime? Hipócritas não podem falar nada. Concordo que todo professor deve ser o máximo imparcial possível, mesmo que seja quase impossível, mas expor alguém assim é um absurdo! Quer denuncia-la? Denuncie a si mesmo, hipócrita!*”. Outros comentários instigam violência: “*Eu conversaria com ela numa esquina, à noite*”;

<sup>2</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2K1F0bv>. Acesso em: 10 jun. 2018.

alguns também com xingamentos e outras formas de agressões: “*Fdp, merece tirar férias na Venezuela*”.

Diante disso, buscamos as circunstâncias em que se apresentava o outro caso de denúncia, a de Rodrigo Dornelles, e verificamos que ambas reações promoveram disputas interacionais em rede, conforme imagem a seguir.

Figura 10 – ESP expõe e denuncia em Facebook perfil de professor



Fonte: Fanpage Escola sem Partido<sup>3</sup>.

Nessa ação divulgada a repercussão foi menor, mas não menos importante com a fala: “*sempre me posicionei em sala de aula. Meus alunos, especialmente na EJA, souberam da minha posição pública à esquerda (inclusive a este governo que ainda está aí). Contudo, a partir de amanhã, adotarei uma postura ainda mais radical. Sempre tive ressalvas com relação a metáforas bélicas. Mas agora será diferente. A partir de amanhã, eu vou para a guerra! E cada aula será uma batalha!*”. Entre os comentários dessa postagem na página do ESP no Facebook, há os que abordam questões de imparcialidade do professor, salários dos professores, internautas chamando-o de “comunista”, invocações a Deus para “tomar conta dos alunos”. Além disso, há o posicionamento de esquerda de professores como este: “*Pior que é assim mesmo, se fizessem uma pesquisa acredito que 8 a cada 10 professores tem posicionamento político de esquerda e usam suas aulas como centros de doutrinação esquerdista. Falo isto pois é assim onde estou estudando, fora os cartazes de Karl Marx na sala de filosofia*”.

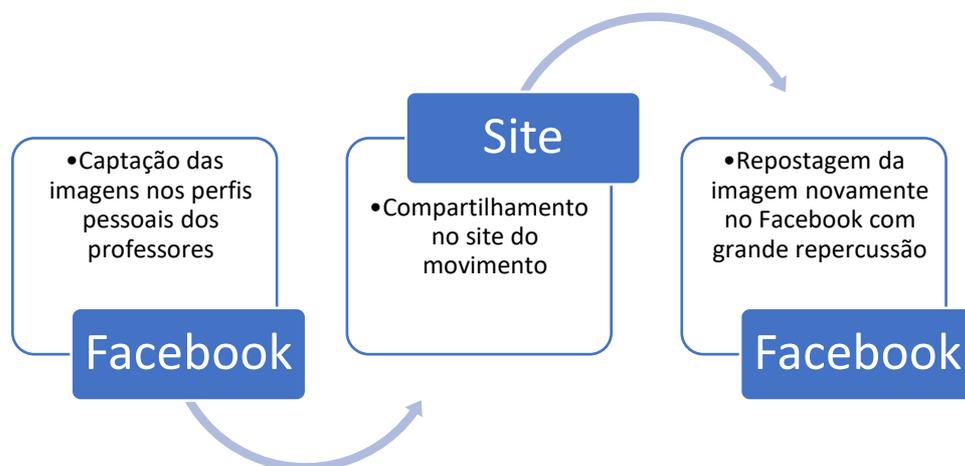
<sup>3</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2XuEflf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

A partir dessa análise foi possível perceber que as denúncias não partiram de uma assembleia de professores, por exemplo, ou da polícia, mas de um suporte de comunicação em que a sociedade, em termos amplos, tem acesso, nesse caso o *Facebook*. Percebemos que a partir da postagem colhida no *Facebook* foram desencadeados diferentes comentários e compartilhamentos ofensivos, e até mesmo obscenos envolvendo os atores que se presentificavam nas imagens.

Além do mais, esse percurso das imagens aponta traços de um processo de deslocamento/circulação – *Facebook*, site Movimento ESP e *Facebook* novamente – visto que esse circuito identifica ações comunicacionais na construção de sentidos. Ou seja, a partir dessa estratégia seus enunciadores “atingem”, de certa forma, o objetivo de divulgar e denunciar professores contrários as suas ideias, bem como oportunizam a interação da sociedade/atores sociais nos canais de circulação dessa imagem.

Essa dinâmica também nos fez perceber os fluxos e circuitos midiáticos que tentaremos ilustrar no esquema abaixo.

Figura 11 – Circuitos da ação denunciativa



Fonte: Elaborada pela autora.

Observamos que o fluxo acima é constituído no *Facebook* a partir de uma ação **discursiva** de cada professor, inserida no site e retoma o local de “nascimento”, o *Facebook*, gerando novos sentidos aos que interagiram com ela e com uma linguagem denunciativa, como já descrevemos. Apesar de no site não constar comentários, no *Facebook* notamos que este circuito, no momento em que a imagem retoma ao seu local de criação, há muito mais comentários e compartilhamentos, como vimos na descrição das imagens anteriores. Das

diferentes reações e práticas que resultaram dessa estratégia, em suma, a maioria das interações são a favor da ação denunciativa.

Destacamos, novamente, que foi após a postagem no site, com a primeira foto de denúncia que tomamos conhecimento dessa ação no âmbito das redes sociais. Ademais, junto à primeira imagem do site – dos professores denunciados – estão elementos que operam práticas comunicacionais de usos e efeitos nos internautas/atores sociais, como os links alinhados à esquerda, com um sistema de relações articuladas com os meios. Por conta disso, em cada item há enunciados lembrando que “existe” doutrinação em sala de aula, como sugere o movimento.

Já o nome de quem capturou as imagens, a fim de replicá-las, não aparece, permanecendo anônimos. Há destaque apenas para os atores que são objeto de ataque das denúncias, no caso os professores denunciados. Ou seja, o denunciante se conteve no anonimato, diferente de toda ação denunciativa ao expor os atores sociais/professores.

Retomando a análise no site, também nos deparamos com outro elemento que gerou disputas e práticas comunicacionais no objeto, um banner publicado no site do Programa ESP, em de 2015, contendo os “Deveres dos Professores”, o que nos chama atenção devido seu sentido de **censura** ao professor no ambiente escolar.

Figura 12 – Banner dos deveres dos professores



Fonte: Site Programa Escola sem Partido<sup>4</sup>.

Este banner, conforme informação no site do Programa, será fixado nas paredes das salas de aulas dos municípios que aprovarem os projetos de lei de sua cidade. Para termos noção dessas mensagens, transcrevemos abaixo, as mensagens cujos conteúdos se reportam sobre os “Deveres do Professor”<sup>5</sup>:

- 1) O Professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos, para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias.
- 2) O professor não favorecerá nem prejudicará os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas.
- 3) O Professor não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas.
- 4) Ao tratar de questões políticas, socioeconômicas e econômicas, o professor apresentará aos alunos, de forma justa – isto é, com a mesma profundidade e

<sup>4</sup> Disponível em: [www.programaescolasempartido.org](http://www.programaescolasempartido.org). Acesso em: 10 jun. 2018.

<sup>5</sup> Disponível em: [www.programaescolasempartido.org](http://www.programaescolasempartido.org). Acesso em: 10 jun. 2018.

seriedade -, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito.

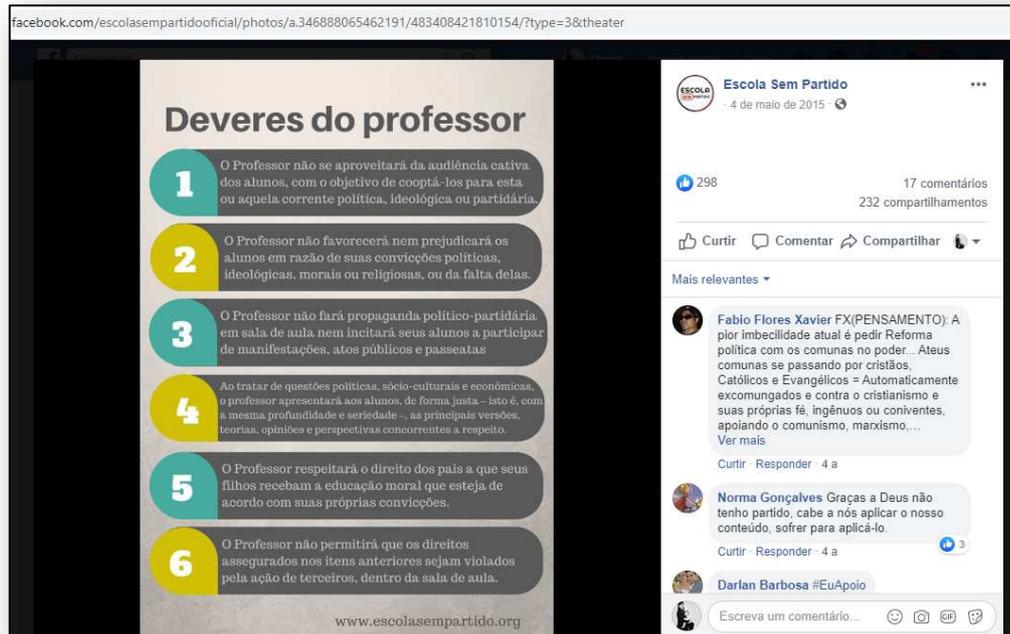
- 5) O professor respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.
- 6) O Professor não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de estudantes ou terceiros, dentro da sala de aula.

Alguns comentários sobre o conteúdo dos seis itens que o banner reúne têm teor de “ameaça”, “proibição”, “modo de relacionamento”. Ou seja, indica o que os professores não devem fazer na esfera educacional, e que os alunos saibam que têm o direito de não ser doutrinado por seus professores. Entre os seis deveres, analisamos ações de censura no modo de ensino do professor, como se restringisse apenas a transmitir o que está no livro, sem opinar, explicar ou fazer os alunos pensarem a respeito. Os deveres 1 e 2 do banner por exemplo, trazem o professor como uma pessoa “malvada”, “prejudicial” aos alunos. Bem como os demais itens que abordam a imagem do professor de forma geral como “desrespeitosa” perante pais e alunos. O banner nos demonstra ações de proibição apenas. Até nos momentos em que o que o professor “poderia” fazer ou “teria” direito em sala de aula, como no item 4 e 5.

Além disso, essas “normas” criadas pelo movimento atentam para diferentes efeitos: relações interpessoais entre professores, alunos, pais e responsáveis, violência verbal e física, baixo desempenho educacional etc. Conforme descrevemos anteriormente não encontramos evidências sobre a real origem do banner dos Deveres dos Professores.

Já na Figura 13, segundo nossas observações, o recorte traz as primeiras disputas de sentidos acerca do banner ao ser compartilhado no *Facebook* do ESP, em 2015.

Figura 13 – Banner dos deveres dos professores segundo via PCESP



Fonte: Facebook ESP<sup>6</sup>.

À direita do banner podemos ver a reação dos atores sociais que, gerou 298 curtidas, 232 compartilhamentos e 17 comentários.

*F.F.X: FX(PENSAMENTO): A pior imbecilidade atual é pedir Reforma política com os comunas no poder... Ateus comunas se passando por cristãos, Católicos e Evangélicos = Automaticamente excomungados e contra o cristianismo e suas próprias fé, ingênuos ou coniventes, apoiando o comunismo, marxismo, inversão de valores e teologia da libertação(CNBB = COMUNISTAS)...fx... Qual será o perfil dos que apoiam ou defendem esse governo lixo, Socialistas = Comunistas, anticristão, ladrão e canalha? Será que são 10 a 20% de militantes imbecilizados, acho que não, será que são alienados e abestalhados, acho que não, será que são desinformados e fantoches? Tal vê, mais na verdade acho que muitos que deixaram de apoiar, e agora veem a verdade e que foram usados, são simplesmente brasileiros e devem sim reconhecer que erraram e sei que não apoiarão uma corja ideológica, de políticos escoria, e que esses mesmos brasileiros que os apoiaram, vão começar a reagir bruscamente contra esse mau que nos assola a todos, independente da cor, raça ou credo (religião, ou falta dela),*

*Lembrem-se reforma política e impitiam ( Impeachment ) são inviáveis, e fomentam a conclusão do totalitarismo e impunidade, pois todos sabemos que todos os partidos são de esquerda e que a um conluio entre eles...fx... Não desistirei vou ate o fim, estamos ai pro que der e vier, tenha calma, ouve uma lavagem cerebral em décadas, e a conscientização é lenta mais esta curando aos*

<sup>6</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2wqFEtA>. Acesso em: 15 jan. 2020.

*poucos a idiotização ...fx...Clamamos Art 142, Intervenção Constitucional Militar...fx...FORA PT, FORA FORO DE SP...fx..*  
*N.G: Graças a Deus não tenho partido, cabe a nós aplicar o nosso conteúdo, sofrer para aplica-lo.*  
*D.B com a fala: #Euapoio.*

Diante dessas falas, outras declarações sugerem que as escolas que instituírem o Programa ESP sejam identificadas com uma espécie de “selo”, conforme sugere um internauta. Outro sujeito comenta o post com uma imagem, a qual gera novos circuitos a partir da fala de um ator social que se dispõe a imprimir a imagem e fazê-la circular, por meio de distribuição de panfletos nas escolas. Em seguida, Nagib participa dos comentários marcando Silvia Nagib.

Figura 14 – Deveres do professor e efeitos de sentidos

The image shows a Facebook post from the page 'escolasempartidooficial'. On the left, there is a graphic titled 'Deveres do professor' (Duties of the teacher) with six numbered items:

- 1 O Professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos, com o objetivo de cooptá-los para esta ou aquela corrente política, ideológica ou partidária.
- 2 O Professor não favorecerá nem prejudicará os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas.
- 3 O Professor não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas
- 4 Ao tratar de questões políticas, sócio-culturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos, de forma justa - isto é, com a mesma profundidade e seriedade -, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito.
- 5 O Professor respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.
- 6 O Professor não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de terceiros, dentro da sala de aula.

On the right, there is a comment from 'Claudemiro Ferreira' with a postcard image titled 'Acorda Brasil!...' showing a green eye with a Brazilian flag iris. Below it are other comments from 'Miguel Nagib Silvia Kicis Nagib' and 'Patricia Barcellos Costa'.

Fonte: Facebook ESP<sup>7</sup>.

Ainda sobre a publicação do banner no Facebook do ESP em 2015, a arte em que o internauta faz referência é esta que diz: “Acorda Brasil!”, com um olho em azul e verde demonstrando referências à bandeira nacional. Após essas referências há um comentário de P.B. que atenta para: “No momento histórico no qual professores e outros servidores públicos são atacados por cães e bombas uma postagem como esta deveria estar acompanhada dos

<sup>7</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2V7AHQU>. Acesso em: 15 jan. 2020.

*direitos dos prof. Ou na opinião de este que não assina o q escreve prof não tem direito?'*". Após este comentário não houve nenhuma outra interação, bastando a única menção, ao que nos parece contrária, encerrar o assunto.

Conforme escrevemos anteriormente, esse banner só seria fixado nas salas de aula caso o município aprovasse o projeto de lei na Câmara de sua cidade. Entretanto, destacamos que encontramos um indício da instalação desse material (banner) no ambiente escolar. Mesmo que essas normas já circulam no ambiente midiático, na medida em que se encontram disponível no site do ESP, do programa ESP e nas redes sociais, e certamente proliferam através de mensagens orais na circulação do ambiente escolar e extraescolar. Observamos sua materialidade conforme sugere matéria<sup>8</sup> da BBC News, em 5 de novembro de 2018, que diz: *"Mesmo sem lei, Escola sem Partido se espalha pelo país e já afeta rotina nas salas de aula"*.

A reportagem da BBC News escrita pela jornalista Ingrid Fagundes traz imagem do banner fixado em uma escola de Florianópolis. No texto, a jornalista reflete sobre a instalação do banner no contexto escolar privado, devido à motivação do diretor.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46006167>. Acesso em: 30 jan. 2020.

Figura 14 – Escola de Florianópolis adere espontaneamente a fixação do banner



Fonte: BBC News<sup>9</sup>.

Apesar do município não aprovar o projeto de lei, a imagem acima, ao que tudo indica, foi acatada no colégio Antônio Peixoto, em Florianópolis, como sugere trecho retirado da matéria jornalística da BBC News.

Na escola Antônio Peixoto, em Florianópolis, o cartaz com os seis deveres do professor está pendurado na parede da secretaria. No canto direito inferior, lê-se a fonte em letras pequenas: Escola Sem Partido. O diretor do colégio, Marcelo Batista de Sousa, também presidente do sindicato das escolas particulares de Santa Catarina, diz que o movimento nada mais fez do que listar "coisas que são óbvias". Batista conheceu o grupo de Miguel Nagib há alguns anos, em um evento promovido pela Federação Nacional das Escolas Particulares. Lá, o diretor conta, ele recebeu seu primeiro alerta contra a doutrinação ideológica. Membros do movimento deram seu depoimento, assim como auto proclamadas vítimas de manipulação dos professores. "De lá para cá, tomei contato com muitas coisas. Tomei conhecimento que o maior

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46006167>. Acesso em: 05 fev. 2020.

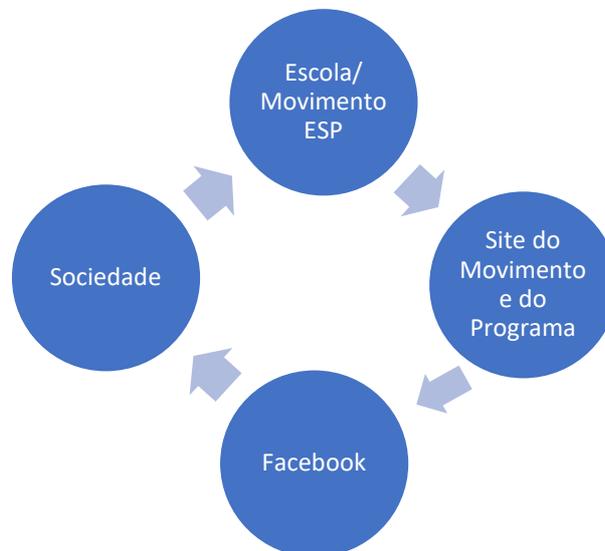
proprietário de escolas públicas do país não é o Estado, mas o MST. Isso é um exagero, penso, mas serve para entender que algumas pessoas se consideram donas da verdade." (BBC NEWS, 2018).

Na matéria publicada pela BBC, a jornalista diz ainda que a escola “adotou” o Escola sem Partido e que o diretor não levanta a bandeira do movimento, apenas o usa “como fonte de orientações”.

Nesse cenário, onde uma instituição educacional adota um modelo de “orientações” sem previsão de lei, nos faz destacar outra estratégia de **adesão**.

Abaixo fizemos um esquema no sentido de reconstituir, a nosso ver, a circulação do banner.

Figura 15 – Fluxo de circulação do banner



Fonte: Elaborada pela autora.

Apesar de não encontrarmos a data exata de produção desse material do banner – apenas quando iniciou sua circulação, em 2015 – ele está presente em diferentes esferas, contextos e práticas educacionais ao mesmo tempo. Embora evidenciamos apenas um vestígio midiático fixado na esfera educacional, professores e demais alunos e docentes já têm noção de sua existência, fazendo-se presente no ambiente midiático.

Dessa forma ele gera disputas de sentidos no ambiente midiaticizado, no momento em que o grupo dos PCESP cria um outro banner como resposta a esse, com o seguinte enunciado: “Direitos dos Professores”. Este circulou somente no *Facebook* e *Twitter* do grupo, conforme veremos mais adiante na análise dos PCESP.

Entretanto, enxergamos esse fluxo partindo de dentro da escola e sendo institucionalizado pelo movimento, circulando midiaticamente primeiro nos sites do movimento e do programa, depois em plataformas digitais (*Facebook*), e ganhando notoriedade na sociedade em geral. Ou seja, esses “deveres” do movimento só ganham cenário nacional a partir dos circuitos gerados no *Facebook*, onde motivam discursos e enunciados que exemplificam o embate.

Para nós, a partir dessas observações, desde o primeiro acesso ao site o internauta se depara com enunciados por todos os lados, referem-se à ideia de que “existe” **doutrinação** em sala de aula, como sugere o movimento desde a página inicial do site do movimento, no menu *Quem somos*, conforme ilustração a seguir.

Figura 16 – Site ESP – Quem Somos



Fonte: Site Escola sem Partido<sup>10</sup>.

Nesse item, o texto traz de forma explícita a marca institucional, pois é assinado por Miguel Nagib, que fala da iniciativa de criação do movimento, das tentativas de divulgação das ideias e da inspiração estadunidense do site: *NoIndoctrination.org*.

*EscolasemPartido.org é uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior. A pretexto de*

<sup>10</sup> Disponível em: <http://escolasempartido.org/quem-somos>. Acesso em: 18 maio 2019.

*transmitir aos alunos uma “visão crítica” da realidade, um exército organizado de militantes travestidos de professores prevalece-se da liberdade de cátedra e da cortina de segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo. Como membros da comunidade escolar – pais, alunos, educadores, contribuintes e consumidores de serviços educacionais –, não podemos aceitar esta situação. Entretanto, nossas tentativas de convencê-la por meios convencionais sempre esbarraram na dificuldade de provar os fatos e na incontornável recusa de nossos educadores e empresários do ensino em admitir a existência do problema. Ocorreu-nos, então, a idéia de divulgar testemunhos de alunos, vítimas desses falsos educadores. Abrir as cortinas e deixar a luz do sol entrar. Afinal, como disse certa vez um conhecido juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos, “a little sunlight is the best disinfectant”.*

*Quando começávamos a pôr mãos à obra, tomamos conhecimento de que um grupo de pais e estudantes, nos EUA, movido por idêntica preocupação, já havia percorrido nosso caminho e atingido nossa meta: [NoIndoctrination.org](http://NoIndoctrination.org).*

*Inspirados nessa bem sucedida experiência, decidimos criar o [EscolasemPartido.org](http://EscolasemPartido.org), uma associação informal, independente, sem fins lucrativos e sem qualquer espécie de vinculação política, ideológica ou partidária. (MIGUEL NAGIB, 2019).*

Nesse contexto, o texto reúne traços **ideológicos** da identidade do movimento, pois o próprio título reflete o ideário: *Quem Somos*. Conforme buscamos averiguar, o site *NoIndoctrination.org* ficou no ar de 2002 a 2010, e contava como canal de denúncias de estudantes que se sentiam doutrinados pelos professores. Não encontramos demais informações, documentos ou imagens sobre o movimento americano. Além disso, o texto acima traz possíveis estratégias a serem desenvolvidas enquanto **políticas apartidárias**, e um alerta à função do professor como um “educador” não digno de sua profissão.

Nota-se, ainda, uma distorção de algumas estratégias, principalmente quando o movimento se declara apartidário sem vínculos políticos, ações que auxiliam na defesa de seus interesses. Porém, conforme nossas observações, na prática o ESP produz o contrário do que declara. Exemplo disso é a própria ligação com a esfera política e seu apoio conservador, como vimos em capítulos anteriores.

Nesse contexto, o link *Objetivos*, conforme figura a seguir, trata das “vítimas de doutrinação”, suas identidades, política de privacidade e as lutas do movimento.

Figura 17 – Site do ESP: metas e objetivos

**ESCOLA SEM PARTIDO** educação sem doutrinação

Apresentação Quem somos **Objetivos** Condições de Uso Privacidade FAQ Fale Conosco

- HOME
- ARTIGOS
- CORPO DE DELITO
- DEFENDA SEU FILHO
- DEPOIMENTOS
- DOCTRINA DA DOCTRINAÇÃO
- DOCTRINAÇÃO PELO MUNDO
- EDUCAÇÃO MORAL
- O PAPEL DO GOVERNO
- LIVROS DIDÁTICOS
- MÍDIA
- MOVIMENTO ESTUDANTIL
- REPRESENTAÇÕES AO MP

## Objetivos

**EscolasemPartido.org** foi criado para dar visibilidade a um problema gravíssimo que atinge a imensa maioria das escolas e universidades brasileiras: a instrumentalização do ensino para fins políticos, ideológicos e partidários. E o modo de fazê-lo é divulgar o testemunho das vítimas, ou seja, dos próprios alunos.

Assim, preservando, por razões evidentes, o anonimato desses alunos (ver Política de Privacidade), o **EscolasemPartido.org** dará conhecimento das mensagens enviadas aos professores e instituições de ensino mencionados, facultando aos primeiros o exercício do direito de resposta.

As páginas de **EscolasemPartido.org** estão abertas a todos os que tenham algo a dizer sobre o tema de que nos ocupamos, não importando a faixa do espectro político-ideológico em que se situem.

Lutamos:

- pela descontaminação e desmonopolização política e ideológica das escolas

Pesquisar  
Ir

**POR UMA LEI CONTRA O ABUSO DA LIBERDADE DE ENSINAR**

**MODELO DE NOTIFICAÇÃO EXTRAJUDICIAL**

**CARTAZ COM OS DEVERES DO PROFESSOR**

*Dia Nacional de Luta contra a Doutrinação nas Escolas*

Fonte: Site Escola sem Partido<sup>11</sup>.

Na Figura 17 não há assinatura no texto, bem como não enfatiza a partir de quem ou do que, que cientificamente, há um “problema gravíssimo” nas escolas e universidades do país. Porém, o que nos chama atenção no texto é o aspecto visual, destacando-se o nome do site que aparece várias vezes grifados atentando para estratégias de doutrinação e gênero textual.

***EscolasemPartido.org** foi criado para dar visibilidade a um problema gravíssimo que atinge a imensa maioria das escolas e universidades brasileiras: a instrumentalização do ensino para fins políticos, ideológicos e partidários. E o modo de fazê-lo é divulgar o testemunho das vítimas, ou seja, dos próprios alunos. Assim, preservando, por razões evidentes, o anonimato desses alunos (ver Política de Privacidade), o **EscolasemPartido.org** dará conhecimento das mensagens enviadas aos professores e instituições de ensino mencionados, facultando aos primeiros o exercício do direito de resposta. As páginas de **EscolasemPartido.org** estão abertas a todos os que tenham algo a dizer sobre o tema de que nos ocupamos, não importando a faixa do espectro político-ideológico em que se situem. Lutamos: **pela descontaminação e desmonopolização política e ideológica das escolas***

*Sabemos que o conhecimento é vulnerável à contaminação ideológica e que o ideal da perfeita neutralidade e objetividade é inatingível. Mas sabemos também*

<sup>11</sup> Disponível em: <http://escolasempartido.org/objetivos>. Acesso em: 18 maio 2019.

*que, como todo ideal, ele pode ser perseguido. Por isso, sustentamos que todo professor tem o dever ético e profissional de se esforçar para alcançar esse ideal. Paralelamente, é fundamental que as escolas adotem medidas concretas para assegurar a diversidade de perspectivas ideológicas nos seus respectivos corpos docentes. Afinal, em matéria de conhecimento, o pior dos mundos é o do monopólio ideológico.*

***Pelo respeito à integridade intelectual e moral dos estudantes***

*Na sala de aula, o professor é a autoridade máxima. Os alunos devem respeitá-lo e obedecê-lo. Por isso, não é ético que o professor se aproveite dessas circunstâncias – isto é, da situação de aprendizado – para “fazer a cabeça” dos alunos.*

***Pelo respeito ao direito dos pais de dar aos seus filhos a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções***

*Esse direito é expressamente previsto na Convenção Americana de Direitos Humanos. A abordagem de questões morais em disciplinas obrigatórias viola esse direito. Daí a necessidade de que os conteúdos morais sejam varridos das disciplinas obrigatórias e concentrados numa única disciplina facultativa, a exemplo do que ocorre com o ensino religioso.*

*Além disso, pretendemos: apoiar iniciativas de estudantes e pais destinadas a combater a doutrinação ideológica, seja qual for a sua coloração;*

*orientar o comportamento de estudantes e pais quanto à melhor maneira de enfrentar o problema; oferecer à comunidade escolar e ao público em geral análises críticas de bibliografias, livros didáticos e conteúdos programáticos; promover o debate e ampliar o nível de conhecimento do público sobre o tema “doutrinação ideológica”, mediante a divulgação de atos normativos, códigos de ética, pareceres, estudos científicos, artigos e links dedicados ao assunto. (SITE ESP, 2019).*

O item dos objetivos traz, praticamente, um manifesto dentro de suas angulações comunicacionais, usos e efeitos da dimensão que o movimento se tornou. O texto acima, por exemplo, faz menções a ações denunciativas, bem como da exposição das mesmas. Aborda a questão da neutralidade assumindo-a como intangível, mas reforça a questão da perseguição por este ideário. Reflete acerca de como o professor deveria se portar em sala de aula, com ética, por exemplo, e menciona de que forma as escolas deveriam proceder. O que observamos é que o movimento se comporta, segundo observações de seus textos, como uma “empresa com funcionários” que devem seguir suas ordens.

Pouco se vê o movimento institucional “defender o professor” ou mesmo como o dito popular “falar bem”, pois nas abordagens o movimento sempre trata de forma geral o

educador como um perigo para a sociedade. Aqui nesse texto há disputas de sentidos em quase todos os parágrafos, inclusive quando descreve as “pretensões”.

No item *Condições de Uso*<sup>12</sup>, o próprio nome já diz a estratégia. O *EscolasemPartido.org* intitula-se “Provedor”, compreendendo a própria organização, seus diretores e empregados. Nele estão descritos responsabilidades e critérios de uso do site, os quais criam vínculos entre a instituição e os usuários. É o que Verón (2004) chama de contrato de leitura<sup>13</sup>. Nesse sentido, a imagem abaixo aborda a questão dos usos e apropriações que o internauta que deseja interagir com o site do movimento cumpra.

Figura 18 – Site do ESP – item Condições de Uso



Fonte: Site Escola sem Partido<sup>14</sup>.

### *I – Mensagens*

*I.1 – O provedor não assume qualquer responsabilidade pelo conteúdo das mensagens, que refletem, exclusivamente, as opiniões de seus autores (“remetentes”).*

<sup>12</sup> Condições de Uso. **Escola sem Partido**. [2019?], Disponível em: <http://twixar.me/wfYn>. Acesso em: 15 mar. 2019.

<sup>13</sup> Conceito descrito no Capítulo 4.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://escolasempartido.org/condicoes-de-uso>. Acesso em: 18 maio 2019.

*I.2 – Os remetentes se comprometem a enviar comentários apropriados às finalidades do site, isentos de conteúdo injurioso ou difamatório, capazes de violar direitos de terceiros.*

*I.3 – Protegida a identidade dos remetentes, nos termos da nossa política de privacidade, não é permitida a utilização de pseudônimos.*

*I.4 – Não será admitida, em princípio, mais de uma resposta para cada mensagem.*

*I.5 – Réplicas e trélicas serão admitidas a critério do provedor, assegurada a igualdade entre as partes.*

*I.6 – O provedor não assume a obrigação de controlar ou supervisionar o conteúdo das mensagens, mas se reserva o direito de fazê-lo, podendo recusá-las ou removê-las do site a seu exclusivo critério.*

*I.6 – Os usuários declaram-se cientes de que as mensagens enviadas ao site são públicas e poderão ser utilizadas pelo público em geral.*

*I.7 – O provedor recomenda que o estudante, antes de enviar uma mensagem, procure documentar da melhor maneira possível os fatos que a motivaram, acumulando registros de incidentes, anotando as datas, a matéria, o contexto e, muito importante, as atitudes e as expressões utilizadas pelo professor. Convém anotar tudo, inclusive os nomes dos colegas que presenciaram os fatos relatados.*

## *II – Responsabilidade*

*II.1 – O provedor não assume qualquer responsabilidade por prejuízos materiais ou morais sofridos ou causados pelos usuários deste site.*

*II.2 – O provedor não assegura a integridade, a exatidão e a atualidade de qualquer das informações contidas no site. O provedor não garante que o site seja livre de qualquer vírus. O provedor não é responsável por qualquer dano relacionado à utilização do site.*

## *III – Nossa posição*

*III.1 – As mensagens exibidas no site traduzem as opiniões de seus remetentes e não refletem, necessariamente, as do provedor. O provedor não subscreve as opiniões expressas nas mensagens, assim como não assegura a sua veracidade, exatidão e confiabilidade.*

*III.2 – O provedor, igualmente, não subscreve as respostas enviadas às mensagens, nem se responsabiliza pelo seu conteúdo.*

*III.3 – EscolasemPartido.org não é vinculado a qualquer instituição de ensino, recebendo contribuições financeiras unicamente de pessoas físicas, associados ou colaboradores. (SITE ESP, 2019).*

É interessante observar que no link *Condições de Uso*, os administradores da página são os “provedores” que se eximem de quaisquer responsabilidades da “replicação” dos depoimentos, textos, vídeos, artigos etc. Além disso, estabelece condições para que usuários tenham acesso aos materiais dentro do site. Comparado ao *Facebook*, por exemplo, essas práticas acima se confundem quando o movimento participa ativamente compartilhando, respondendo comentários, produzindo embate, bem como expondo a identidade de seus usuários.

O item I.7 diz que o provedor recomenda ao estudante documentar os fatos, e entendemos tal recomendação como uma manifestação que induz ao estudante práticas de ações comunicacionais que surtirão efeitos no ambiente midiaticado. Além disso, no momento em que aborda, no item II de Responsabilidade, a seguinte mensagem: II.1 – “*O provedor não assume qualquer responsabilidade por prejuízos materiais ou morais sofridos ou causados pelos usuários deste site*”. Esta mensagem nos faz retomar a primeira análise deste capítulo, a denúncia dos professores. Não achamos indícios se aqueles professores denunciados, com foto e nome no site e nas redes do ESP, moveram alguma ação contra o movimento institucional.

O item III em que cita contribuições financeiras de pessoas físicas, associados ou colaboradores, também nos faz refletir a questão de uma instituição sem fins lucrativos, conforme Nagib assina no texto do menu *Quem Somos*, observado anteriormente: “*EscolasemPartido.org, uma associação informal, independente, sem fins lucrativos e sem qualquer espécie de vinculação política, ideológica ou partidária*”. A complexidade de alguns textos no site retrata, justamente, algumas estratégias que veremos neste capítulo de análise, como por exemplo o apartidarismo.

Como já citado, uma das observações do objeto que nos chamou atenção foi essa questão política. Assim, a imagem abaixo segue traços de aparente partidarismo político e midiaticação, no ano de 2016.

Figura 19 – Votação do PL em 2016



Fonte: *Facebook* ESP<sup>15</sup>.

Atentamos aqui para imagem acima que foi compartilhada pelo movimento ESP no *Facebook*, e traz a ilustração de um outdoor com denúncia de vereadores que votaram contra o Projeto de lei em Teresina. Porém, nos chama a atenção a linguagem usada na arte, como se todas as crianças seriam erotizadas no ambiente escolar, e mais uma vez coloca o professor como um “abusador malvado”. Aqui também há **deslocamento** quando as ruas ganham espaço midiático com estratégias **políticas**.

Nessa ação novos sentidos são produzidos com 22 comentários, 396 curtidas e 144 compartilhamentos. Atores sociais que interagem com a menção corroboram com mensagens como: “*canalhas esquerdosos*” ou “*adulto que fala de sexo com criança é pedófilo. Não permitam que um professor aborde o tema de sexo com seus filhos*”. No mais, observamos que essa ação, de certa forma, toma partido no momento em que se põe contra os vereadores por eles não terem votado no PL.

Já a imagem a seguir é do ano de 2018 e foi capturada no site do Programa ESP.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2vQOuAu>. Acesso em: 15 jan. 2020.

Figura 20 – Site do Programa ESP: Politização



Fonte: Programa Escola sem Partido<sup>16</sup>.

Ainda nas ações políticas do movimento, a ilustração acima consta no site do Programa ESP, que na época das Eleições 2018, para nossa surpresa, estava constituída de links para os internautas “se informarem” dos candidatos que eram a favor do ESP.

De todo modo, a mensagem inicial funciona como uma forma de alerta e pedido para simpatizantes e adeptos interagirem, e está abaixo de uma barra verde com o nome do movimento e menu com a seguinte mensagem: “*Veja nos links abaixo quem são os candidatos a presidente da república, senador, deputado federal, governador e deputado estadual que se comprometeram publicamente a apoiar a proposta do Movimento Escola sem Partido. Se você é candidato e deseja assinar o Compromisso Político Público, clique AQUI. Se você é eleitor, NÃO VOTE EM CANDIDATO QUE SEJA CONTRA O ESCOLA SEM PARTIDO*”.

Abaixo deste texto ilustrativo na página, constam os links para presidente, deputados estaduais e federais e governadores, que ao clicar apareciam nomes de candidatos dispostos a apoiar o Programa ESP caso eleitos. Logo, outra mensagem convida o candidato a se comprometer com a aprovação do Programa.

*Prezado(a) Candidato(a),*

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.programaescolasempartido.org/eleicoes2018>. Acesso em: 07 jan. 2020.

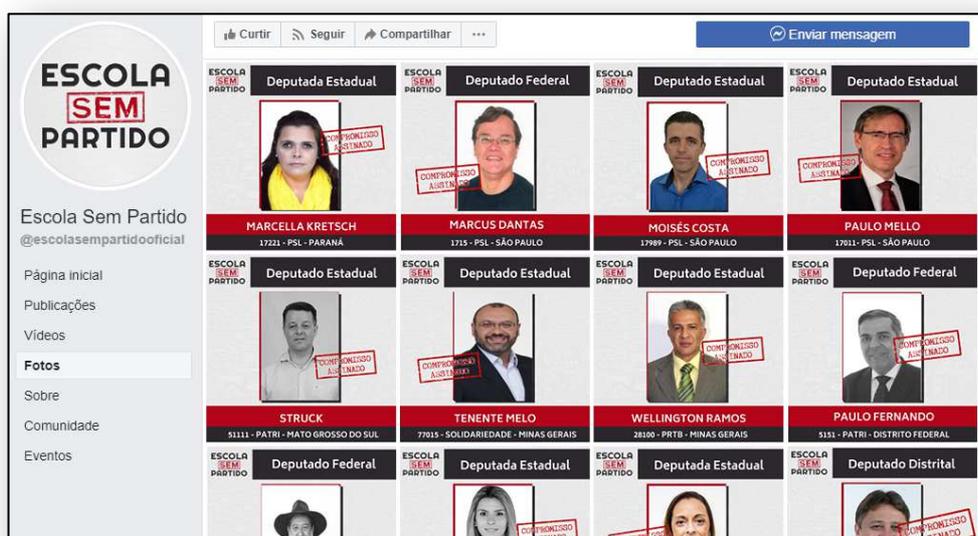
*Para se comprometer publicamente com a proposta do Movimento Escola sem Partido, basta preencher, imprimir, assinar e enviar um dos termos de compromisso abaixo para o e-mail [escolasempartido@gmail.com](mailto:escolasempartido@gmail.com), identificando a mensagem com o assunto “Compromisso político público”. (SITE ESP).*

A partir desse agenciamento de ações políticas explícita, como uma temática diretamente articulada com sua finalidade educativa, observamos o que parece ser um folheto eleitoral, onde todas as informações necessárias estão constituídas na página. Desde o candidato que se compromete com o programa em um clique, bem como do ator social que tem a “opção/sugestão” de decidir em quem votar segundo as necessidades do movimento.

Nessa assertiva acima, observamos que apoiadores do movimento ESP se lançaram na esfera digital divulgando o tema, compartilhando notícias, entrevistas, vídeos de doutrinação, imagens de professores contra a instalação do programa ESP no país, como também solicitando apoio ao candidato à presidência, como veremos a seguir na análise do *Facebook* do ESP.

Nesse viés, ainda no cenário eleitoral do ano de 2018, estratégias **discursivas** do ESP eram divulgadas visando conseguir apoio na esfera do campo político, conforme imagem a seguir onde a página do site é transformada em uma galeria eleitoral.

Figura 21 – *Fanpage* do ESP: enlaces entre escola e política



Fonte: *Fanpage* Escola sem Partido<sup>17</sup>.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2Z9bXX5>. Acesso em: 10 nov. 2018.

Já descrevemos que o movimento ESP tem origem nas bases conservadoras e partidárias, principalmente ao tomar posição sobre a implementação do Programa. Nesta página consta a foto de 124 deputados de direita que apoiaram o ESP e seu programa, e foram “gentilmente” divulgados no perfil institucional do ESP no *Facebook* nos meses de agosto, setembro e outubro de 2018.

Logo, observamos que a foto mais curtida e comentada no *Facebook* destas 124 foi da candidata a deputada estadual Ana Caroline Campagnolo, defensora do ESP e candidata pelo Partido Social Liberal (PSL) de Santa Catarina.

Figura 22 – Enlaces entre escola e política: candidata como apoiadora do movimento



Fonte: *Fanpage* Escola sem Partido<sup>18</sup>.

A imagem acima traz um carimbo do movimento ESP em vermelho escrito: “*Compromisso Assinado*”, com o intuito de passar ao internauta certa confiabilidade. Já a foto no centro da página é de Ana Caroline Campagnolo. Com 700 curtidas, 43 compartilhamentos e 63 comentários em sua maioria de apoio a Ana Caroline, uma reação, em especial, questiona o apartidarismo do ESP e gera debate que inclui o coordenador do ESP, Miguel Nagib:

<sup>18</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2KCqiHL>. Acesso em: 10 nov. 2018.

- U. W.: “Ué... o ESP tem partido?! Achei que o movimento era neutro!! Absurdo!!”

- Miguel Nagib: “Usiel, sem partido tem de ser A ESCOLA, não o movimento. Nem precisa ser muito inteligente pra entender isso... Além do mais, o ESP efetivamente não apoia nenhum candidato, mas recebe o apoio de qualquer um (seja qual for o partido). O movimento se limita a divulgar os candidatos que apoiam e se comprometem com a sua proposta”.

- U. W.: “Miguel Nagib já havia essa proposta no movimento antes?! Pois até onde acompanhei isso não era algo na proposta. Não precisa ser inteligente pra perceber que a coisa pode atravessar se começar a politizar. Se um petista assinar o projeto, e declarar que apoia o ESP, vocês divulgam?!”

- Miguel Nagib: “o “sonho” do ESP é que um petista assine o nosso Compromisso Político Público. Se assinar, publicaremos com destaque: PETISTA APOIA ESCOLA SEM PARTIDO! Mas sabe quando isso vai acontecer? O dia em que o sistema educacional estiver beneficiando os adversários políticos e ideológicos do petismo. já havia essa proposta no movimento antes?! Pois até onde acompanhei isso não era algo na proposta” Se vc está falando do apoio dos políticos ao ESP, você está bastante mal informado sobre o nosso movimento”.

- U.S.: Miguel Nagib hmmm ok! Acho que não preciso mais apoiar então o ESP, vocês são extremamente auto-suficientes. Obrigado pelos esclarecimentos.

- Miguel Nagib: U.S., vai com Deus!

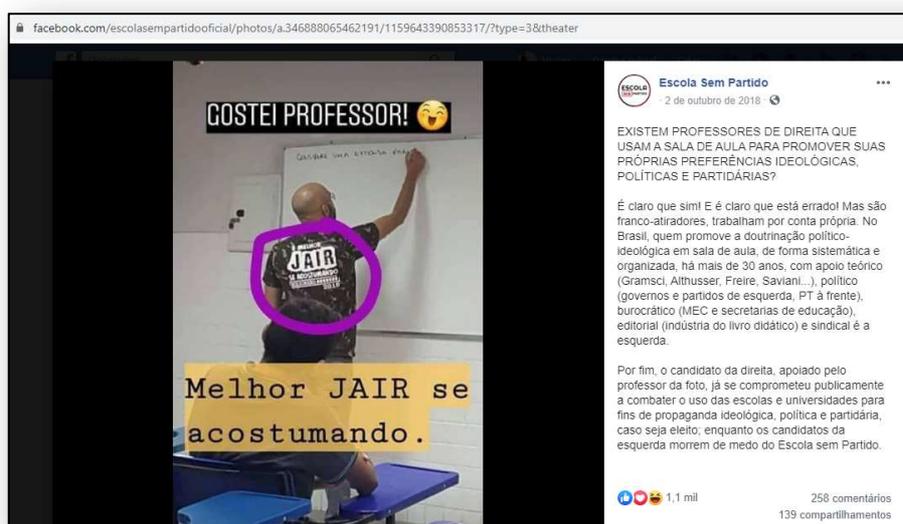
Além dos discursos e circuitos, ambas postagens geraram um espaço de conversação entre seus seguidores no perfil do *Facebook* do ESP, tal estratégia nos traz o exemplo de uma manifestação política no campo da educação e comunicação. A imagem no centro da página está nas cores preto e vermelho (mesma cor do logo do ESP), e tem a foto da professora Ana Caroline, candidata a Deputada Estadual pelo PSL/SC (faz parte da mesma bancada de Jair Bolsonaro). Na imagem tem a seguinte mensagem: “Ana Caroline Campagnolo apoia o Escola sem Partido”, e também os próprios processos discursivos a partir da manifestação dos internautas na rede.

Interessante ressaltarmos duas coisas nessa ação, a primeira, que o administrador da página marca/faz referência ao nome de Ana na postagem – a marcação tem link para sua página pessoal no Facebook; segundo, as falas de Nagib nos comentário acima, mais uma vez, trazem uma complexidade contrária ao que o movimento se “diz ser/mostra/descreve”. Por exemplo, quando o advogado escreve que a escola tem que ser sem partido, não o movimento, exime-se o “apartidarismo”. Ou quando escreve que o ESP efetivamente não apoia nenhum

candidato com um carimbo escrito compromisso assinado e link para o internauta decidir seu candidato, bem como discurso para não votar em candidato que não apoia o ESP, também exime-se o “apartidarismo”. Outro exemplo é quando Miguel escreve o: “sonho” do ESP é que um petista assine o nosso Compromisso Político Público. Ou seja, a análise dessas ações comunicacionais reflete e mostra que o movimento é partidário.

Diante de tais ângulos comunicacionais do movimento ESP no site e *Facebook*, descreveremos outras imagens com exemplos de ações políticas. A figura abaixo mostra um professor em sala de aula com uma camiseta de apoio a Jair Bolsonaro, em uma explícita ação de partidarização durante um ato pedagógico. Para tanto, o corpo docente serve como veículo explícito para exibir a preferência política.

Figura 23 – Enlaces com a política: professor usa camiseta de apoio a Jair Bolsonaro



Fonte: Facebook ESP<sup>19</sup>.

“Melhor JAIR se acostumando” diz a imagem na camiseta de um professor, com apoio à Bolsonaro, em sala de aula durante as Eleições de 2018. O mesmo parece estar expondo na lousa algum conteúdo pedagógico. Bem ao lado da imagem um texto do administrador da página do ESP que traz mensagem sobre “doutrinação política em sala de aula”:

*EXISTEM PROFESSORES DE DIREITA QUE USAM A SALA DE AULA PARA PROMOVER SUAS PRÓPRIAS PREFERÊNCIAS IDEOLÓGICAS, POLÍTICAS E PARTIDÁRIAS? É claro que sim! E é claro que está errado! Mas são franco-atiradores, trabalham por conta própria. No Brasil, quem promove a doutrinação*

<sup>19</sup> Disponível em: <http://bit.ly/37EXnud>. Acesso em: 21 jan. 2020.

*político-ideológica em sala de aula, de forma sistemática e organizada, há mais de 30 anos, com apoio teórico (Gramsci, Althusser, Freire, Saviani...), político (governos e partidos de esquerda, PT à frente), burocrático (MEC e secretarias de educação), editorial (indústria do livro didático) e sindical é a esquerda. Por fim, o candidato da direita, apoiado pelo professor da foto, já se comprometeu publicamente a combater o uso das escolas e universidades para fins de propaganda ideológica, política e partidária, caso seja eleito; enquanto os candidatos da esquerda morrem de medo do Escola sem Partido.*

Contudo, a partir desta declaração observamos a construção de sentidos acerca da fala e da imagem. No momento em que descreve no título que “existem professores da direita que usam a sala de aula para promover suas próprias ideologias”, entendemos que dificilmente existirá uma escola neutra, sem partido. O movimento, por sua vez, conforme suas ideologias, também afirma que está errado, porém, afirma que são uma minoria, e quem promove a doutrinação “há mais de 30 anos”, são partidos de esquerda. Para finalizar, faz referência ao apoio de Jair Bolsonaro com a causa. Então, nos questionamos, se o movimento é contra doutrinação em sala de aula, porque essa publicação, apesar de ter mil curtidas, 139 compartilhamentos e 258 comentários, não teve uma repercussão tão negativa quanto postagens de “professores de esquerda”, conforme sugere a próxima imagem.

Figura 24 – Transformação da sala de aula em ambiente político: atores sociais comentam no Facebook foto de professor sobre apoio a Bolsonaro



Fonte: *Facebook* ESP<sup>20</sup>.

Observamos na Figura 24 uma campanha política em sala de aula, midiaticizada por atores sociais que interagiram com a postagem via *Facebook*. Pela primeira vez, também observamos comentários neutros feitos por apoiadores do ESP, muitos não concordando com a postura do professor e nem usando de linguagem de “baixo escalão”, como se fosse um professor de esquerda com camiseta do Lula, por exemplo. Entretanto, notamos que o embate ocorreu nas interações/comentários e envolveu o próprio movimento ao contrapor as manifestações de seus apoiadores/atores sociais, como o diálogo abaixo:

*A.S: Errado igual, penso que cada um se veste como quer... Uma camisa de direita não teria problema (com uma frase de Churchill ou algo do tipo), mas uma camisa partidária ou de algum candidato é TOTALMENTE ERRADO. Escola sem partido, é sem partido mesmo. Mas quem dera o problema fosse a camisa, professores de história ensinando a "história" que eles acreditam e fazendo a cabeça dos alunos é um problema muito maior e mais urgente.*

*M.A: Sim, eles não estão dizendo que não é errado. Só dando uma noção de dimensões pra alguém não comparar um entusiasmado com todo um sistema e dizer ser a mesma coisa. Mas é óbvio que não pode e não deve fazer isso em sala.*

*ESP: Amadeus, o professor deve se abster escrupulosamente de tentar influenciar a visão de mundo dos alunos. Ele não está lá para fazer propaganda das suas preferências ideológicas. [...] Perfeito, Misael Amaral. É uma pena que às vezes seja necessário explicar o óbvio...*

*M.A: Compartilho de sua frustração rs.*

*Amadeus: Pistolou, foi? Olha o tamanho do ego dos caras, bicho.*

Entendemos essa ação **discursiva** que gerou certo “desconforto” ao movimento também como disputa e **embate de discursos**. Ou seja, quando o movimento institucional, de certa forma, “debocha” de seu apoiador, seu discurso afeta direta e indiretamente a diferentes atores sociais que dialogam com o movimento.

Entretanto, nos questionamos quanto ao envolvimento do ESP nessa ação: por ser um professor de direita, é “errado”, mas com apoio de Bolsonaro tem menos gravidade? Conforme sugere o enunciado? Ou o movimento institucional estaria, nesse caso, sendo apartidário, segundo sua declaração na postagem e nos comentários? Acreditamos que não foi

---

<sup>20</sup> Disponível em: <http://bit.ly/37EXnud>. Acesso em: 21 jan. 2020.

apartidário em sua fala inicial, de apresentação da imagem, mas aparentemente apartidário em suas intervenções nos comentários da foto.

Outra manifestação de **politização** no *Facebook* do ESP, que gerou uma série de disputas de sentido, é a figura a seguir.

Figura 25 – Politização segundo modelos de escola: do PT e do ESP



Fonte: *Facebook* ESP<sup>21</sup>.

A construção imagética em termos comparativos, no perfil do ESP, traz uma erotização de crianças (meninas) dançando dentro da sala de aula, cuja manifestação é associada a escola do “PT”. Em contrapartida, abaixo outra foto produz imagem de crianças (meninas) devidamente uniformizadas e em fila frente à bandeira do Brasil. Para tanto, o administrador da página escreve ao lado: *NÃO CAIAM NESSA MENTIRA! A “Escola Atual” continua sendo a “Escola do PT”. Nada mudou e nada vai mudar, enquanto a “quimioterapia” constitucional do ESP não for aplicada.*

Sobrepondo a imagem há sempre um leitor, um mentor pedagógico que faz a leitura dos textos que aparecem nas formas visuais, por exemplo. Essa postagem gerou mais de mil curtidas, 238 compartilhamentos e 87 comentários sobre a atual educação no Brasil enquanto culpa da esquerda, bem como algumas pessoas se posicionando contra a questão ideológica e o apartidarismo do movimento.

<sup>21</sup> Disponível em: <http://bit.ly/329QTSY>. Acesso em: 19 jan. 2020.

*N.M.: A escola brasileira é a de cima com certeza, uma lástima.*

*C.L.: Escola com partido. Isso é doutrinação partidária.*

*K.A.R.J.: Precisa rever esse conceito de Sem Partido. Esse grupo tem lado e fica claro a cada postagem.*

Logo após essa manifestação de K.A.R.J, outras 20 interações surgiram de combate e embate, comentários e respostas, como a de R.B. ao afirmar: “*A escola sem partido está fazendo propaganda contra um partido. Então ela tem um partido*”. Os demais comentários foram de acusação, xingamento como o de M.B.: “*Quando vemos um "professor" que defende um ladrão analfabeto e uma terrorista assaltante conseguimos entender pq estamos entre os últimos no ranking mundial da educação*”. Ou, de M.P. que pública a foto do perfil do professor e escreve: “*petista de carteirinha*”. Além de I.M que critica a ação do ESP: “*O ESP, que diz que não entende de educação, diz que alguma atividade com funk é errada e alunos em perfil vendo bandeira nacional é correto. Se o projeto não é de educação, que conhecimento em Pedagogia possuem para dizer como a aula deve ser feita e como uma deve ser superior? Se é contra ideologia em sala de aula também teria que lutar pelo que tem na segunda foto. Aí veria que tudo tem bases ideológicas e só o que fica claro é que o ESP só defende as ideologias com que concordam, caso contrário seriam contra escolas civico-militar que chegam a dizer como o cabelo deve ser e até proibir namoros nos corredores. Em resumo, para o ESP falar de homofobia não pode porque pais preconceituosos acham que isso é moral, mas pode até mandar na aparência física da pessoa. Pedir coerência seria um pouco demais*”.

Nessa construção simbólica, ao nosso entendimento, que traz o “funk x “militar”, compõem ações de combate e embate, as quais podem criar vínculos e comover os internautas devido ao conteúdo. Essa imagem comparativa é um grande exemplo de **produção imagética** que envolve uma disputa de sentido entre instituição e usuário (ator social).

A ideia de politização também afeta questões socioculturais e econômicas no momento em que o próprio movimento institucional faz sua análise de escola ideal. Assim, os elementos textuais descritos acima, em convergência com a imagem comparativa, corroboram com a ideia de partidarismo. Conforme Espinosa e Queiroz (2017, p. 61), o movimento ESP é o que há de mais anacrônico na sociedade brasileira pois “busca, sim, implantar uma ideologia obsoleta e inconstitucional em vários matizes”.

Diante dessa questão política, que gera fenômenos e mediações em várias esferas, criamos um diagrama que define bem as conexões que as ações comunicacionais políticas proferidas pelo ESP atingem em diferentes/principais áreas.

Figura 26 – Esfera política afeta todos os campos direta/indiretamente



Fonte: Elaborada pela autora.

Diferente dos outros gráficos, criamos esse esquema atentando para as relações entre os campos – e suas práticas – da comunicação, educação, político e religião, pois entendemos que a esfera política conseguiu atingir todas as áreas em que se relacionou, a partir das ações comunicacionais do ESP que geraram efeitos e transformações na sociedade. Em outras palavras, a educação por meio do movimento institucional que, conseqüentemente, tem atuação midiática e vinculação religiosa compõe a ação política acionada pelo ESP que converge e toma frente do movimento, ganhando “vida”, ficando em primeiro plano, levando a discussão educacional a serviço da política nacional. Aliada a isso, a bancada evangélica é, conforme nossas observações, um dos campos que “saem em defesa” do ESP visando expandir a linguagem conservadora que defende a família tradicional e os bons costumes. Já, os processos de midiatização ao serem afetados – e também afetarem – desenvolvem uma disputa ideológica, em que “a mídia não cria uma nova política”, conforme Gomes (2016), mas afeta de diversas formas a sociedade em midiatização.

Além dessa questão política, da denúncia dos professores no site, outra que nos fez optar por este objeto foi um fenômeno comunicacional/vídeo, compartilhado em outubro de 2018 no perfil do ESP, e que trata de uma clara e explícita estratégia de construção de ponto de vista. O vídeo se vale da imagem de um educador, a fim de comover, conforme nossa análise, alunos, pais e sociedade devido a educadora/professora estar amordaçada.

Figura 27 – Vídeo no *Facebook*: professora fala amordaçada ensejando a montagem de uma estratégia audiovisual



Fonte: Fanpage Escola sem Partido<sup>22</sup>.

Entendemos que essa estratégia audiovisual, que apresenta e uma voz atribuída a uma professora, igualmente (co)construída na mensagem dentro da expectativa das lógicas midiáticas, já referidas anteriormente, se enquadra em protocolos discursivos mostrando a intervenção do enunciador pedagógico no contexto da sociedade midiaticizada. Dessa forma, observamos que a difusão de materiais audiovisuais no ambiente midiaticizado do ESP soa, também, como instrumentos estratégicos de **mobilização**, principalmente, no caso da imagem acima que traz um docente se manifestando a favor do movimento institucional. Nessa ambiência, vale ressaltar que há uma construção de sentido em torno dessa ação. Desde a postura da professora, amordaçada, a cor da roupa preta, manifestando luto, o próprio vídeo que inicia em tons cinzas, bem como sua fala inicial que diz: *“Esse vídeo é para falar da lei da Mordaça. Você já ouviu falar da Lei da Mordaça?[...] Sou professora e faço parte do grupo Mães pelo Escola sem Partido. [...] A Lei da Mordaça foi um nome utilizado por grupos de esquerda para denominar o projeto Escola sem Partido”*.

Esse vídeo foi replicado no perfil do ESP no *Facebook*, é oriundo da página *Mães pela escola sem partido*<sup>23</sup>. Subjacente do movimento institucional, em seu conteúdo a professora de forma irônica e emblemática, estando “amordaçada”, acusa a “esquerda” pelo caos no sistema educacional, e enfatiza a expressão “Lei da Mordaça” – usada por atores sociais contra o ESP.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2wLvUHb>. Acesso em: 22 maio 2019.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/maespeloescolasempartido/>. Acesso em: 19 jan. 2020

No entanto, essa ação gerou mais de um milhão e 800 mil visualizações, 24 mil curtidas, 70 mil compartilhamentos e cerca de 3.100 comentários, sendo a maioria a favor do ESP. Entre os circuitos gerados há internautas parabenizando a professora que se diz a favor do movimento e por fazer parte do grupo.

Partimos então do pressuposto que o perfil institucional no *Facebook* tem capacidade de reconfigurar alguns processos comunicacionais, a partir da disputa de sentidos das práticas/usos das tecnologias na sociedade em midiatização.

Observamos, ainda, que um audiovisual (vídeo), ao ser compartilhado, gera muito mais circuitos e impacto nos atores sociais que interagem com a página do ESP. De tal modo que a circulação do audiovisual no *Facebook* do ESP tem mais “valor” devido ao tom “teatral” de ironia e denúncia da professora. O que vai de encontro com a midiatização crescente dos processos sociais em geral, proposta por Braga (2011, p. 68).

Na sociedade em midiatização, a interação se manifesta mais claramente como um fluxo sempre adiante. Com a emissão de uma mensagem, seja televisual, cinematográfica ou por processos informatizados em rede social, o “receptor”, após apropriação de seu sentido (o que implica a incidência das mediações acionadas), pode sempre repor no espaço social suas interpretações. Isso ocorrerá seja em presencialidade (em conversações, justamente), seja por outras inserções midiatizadas – cartas, redes sociais, vídeos, novas produções empresariais, blogs, observatórios, etc. Os circuitos aí acionados – muito mais abrangentes, difusos, diferidos e complexos – é que constituem o espaço das respostas “adiante” na interação social.

Nessa perspectiva proposta pelo autor, entendemos que essa estratégia do audiovisual, enquanto denúncia ou apenas opinião, auxilia o perfil institucional a potencializar suas ideias. Ainda sobre isso, vale retomar que as manifestações de ideias, na forma de combate e acusação, aparecem claramente no ambiente comunicacional, quando o ESP se desloca para o espaço midiatizado a partir dos inúmeros sentidos gerados por materiais produzidos na esfera midiática do ESP.

Ao longo das observações capturamos outras duas imagens que refletem acerca da questão “sem fins lucrativos”, divulgada pelo movimento.

Figura 28 – Estratégia de comercialização do Escola sem Partido



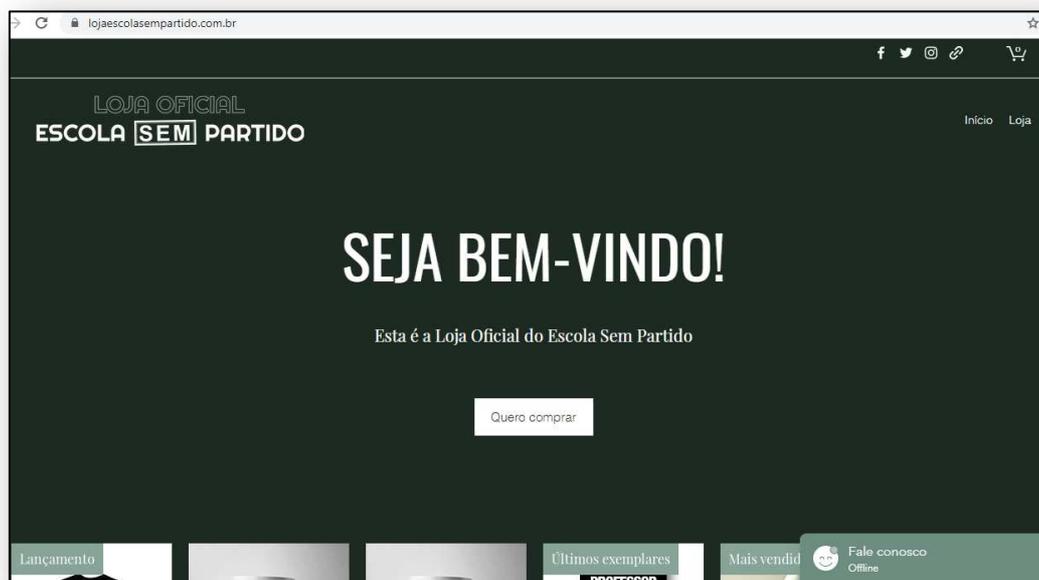
Fonte: Facebook ESP<sup>24</sup>.

Como vimos na análise da página 91 com a Figura 16, em texto assinado por Nagib no item “*Quem Somos*” do menu no site do movimento, no último parágrafo existe a seguinte mensagem: “*Inspirados nessa bem sucedida experiência, decidimos criar o [EscolasemPartido.org](http://EscolasemPartido.org), uma associação informal, independente, sem fins lucrativos e sem qualquer espécie de vinculação política, ideológica ou partidária*”. Porém, a imagem acima nos traz já em seu título: *VISITE NOSSA LOJA [WWW.LOJAESCOLASEMPARTIDO.COM.BR](http://WWW.LOJAESCOLASEMPARTIDO.COM.BR)*. Aqui, as interações foram positivas desde o primeiro comentário de F.L.: *vamos garantir nossos produtos*. Logo, o mesmo internauta escreve outro comentário: “*Amanhã eu chego com essa camisa pra dar aula kkkkkk*”. Abaixo desta interação M.F. escreve: “*Oba! Quero com embalagem decorada com a bandeira do Psol pra enviar pro amigo socialista de 45 anos que mora com a mãe no ABC Paulista. Tem embalagem??*”.

Ao clicarmos no link acima fomos direcionados ao site da loja do ESP.

<sup>24</sup> Disponível em: <http://bit.ly/39Ub1eJ>. Acesso em: 19 jan. 2020.

Figura 29 – Página da loja do ESP na internet



Fonte: Loja Escola Sem Partido (<https://www.lojaescolasempartido.com.br/>).

A página nas cores preto e branco mostra, logo em cima à direita, ícones com link para as redes sociais do ESP, abaixo o nome da página: “Loja Oficial Escola sem Partido”, e no centro boas-vindas a quem acessa o portal. Há também indicação “*Quero Comprar*”, que direciona aos produtos para venda que são: camisetas, canecas, livros, lenços e uma bolsa. Há também a menção: “*Sua colaboração é importante. Adquirindo nossos produtos, você divulga o projeto e financia esta causa*”.

Percebemos, antes de tudo, uma estratégia **comercial** para impulsionar o segmento. O qual não só depende deste site para arrecadar subsídios, mas usa de outro espaço para captar financiamento contínuo e coletivo por meio do canal Apoia-se<sup>25</sup>.

Antes de analisarmos tais relações, achamos necessário trazer a imagem do novo designer do site do movimento, como já descrevemos no histórico, para destacar os circuitos que ocorrem nessa ação comercial.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://apoia.se/como-funciona/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

Figura 30 – Mídiação e estratégia de adesão ao ESP : “Colabore”



Fonte: Site do Movimento ESP<sup>26</sup>.

A imagem acima é do novo site do ESP, o qual conta com o item “Colabore”. Na ocasião, a página traz um vídeo com um trecho de José Dirceu, ex-ministro e chefe da Casa Civil do governo Lula, em que fala do ESP: “*A pior ameaça que vamos viver é o Escola sem Partido*”. Uma vez que o movimento se diz “sem fins lucrativos” nos inquieta estas ações “colaborativas”, de **adesão**. A imagem indica, no canto direito, o número para transferência bancária para que o ator social possa realizar sua colaboração, e abaixo diz: “*Contribuição por cartão de crédito ou boleto clique nesse link Apoia-se.*”. Quando clicamos no link “Apoia-se”, outra página se abre com a seguinte imagem:

<sup>26</sup> Disponível em: <http://escolasempartido.org/contribuir-escola-sem-partido/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

Figura 31 – Ambiente midiaticizado: página Apoia-se

apoia.se/escola-sem-partido

Zé Dirceu reconhece a eficácia do ES... Assistir mais tarde Compartilhar

MAIS VÍDEOS

0:16 / 0:29 YouTube

Precisamos da sua ajuda para manter a luta contra a doutrinação nas escolas!

Atuando desde 2004, o **Movimento Escola sem Partido** é reconhecido nacionalmente como a mais importante iniciativa contra o uso das escolas e universidades para fins de propaganda ideológica, política e partidária.

Graças ao trabalho desenvolvido pelo ESP, aumenta a cada dia o número de pessoas informadas sobre o grave problema da doutrinação, e conscientes do caráter ilícito dessa prática antiética e abusiva que se disseminou pelo sistema educacional.

O uso ideológico, político e partidário das escolas e universidades viola gravemente a

R\$ 647 arrecadados por mês

23 pessoas apoiando

Apoiar agora

Compartilhe:

continua por mês

Esta campanha ainda não definiu uma meta.

Recompensas

Apoio recomendado!

R\$ 5 ou mais

**APOIADOR**

Faça uma contribuição mensal no valor R\$ 5 (ou mais) e receba por e-mail um certificado de Apoiador do **Escola sem Partido**, uma das causas mais importantes para o futuro do país.

Fonte: Site movimento ESP<sup>27</sup>.

Podemos observar que ao entrarmos nessa página há o mesmo vídeo onde José Dirceu aparece falando para pessoas a seguinte frase: “A pior ameaça que vamos viver é o *Escola sem Partido*. Porque a cultura e a educação é onde estão as mentes e os corações”. Abaixo há um texto que faz um breve histórico do movimento, e chama a atenção para o internauta sobre o porquê da importância da colaboração, porém em nenhum momento ressalva para que fins se dá a “colaboração”, segundo texto abaixo.

***Precisamos da sua ajuda para manter a luta contra a doutrinação nas escolas! Atuando desde 2004, o Movimento Escola sem Partido é reconhecido nacionalmente como a mais importante iniciativa contra o uso das escolas e universidades para fins de propaganda ideológica, política e partidária. Graças ao trabalho desenvolvido pelo ESP, aumenta a cada dia o número de pessoas informadas sobre o grave problema da doutrinação, e conscientes do caráter ilícito dessa prática antiética e abusiva que se disseminou pelo sistema educacional. O uso ideológico, político e partidário das escolas e universidades viola gravemente a Constituição Federal e outras leis do país, causando enormes prejuízos aos estudantes, às famílias e à sociedade. Os estudantes são lesados***

<sup>27</sup> O APOIA.se é uma plataforma digital que possibilita a aproximação, o engajamento, a colaboração e a viabilização de fazeres entre seus usuários(as), sejam estes(as) fazedores(as) ou apoiadores(as) de campanhas. Portanto, o APOIA.se funciona como intermediadora da relação de apoio entre fazedores(as) e sua comunidade apoiadora. Disponível em <https://apoia.se/escola-sem-partido>. Acesso em 21 de janeiro de 2020.

*Quando professores militantes e ativistas se aproveitam de sua audiência cativa para tentar transformá-los em réplicas ideológicas de si mesmos;*

*Quando são cooptados e usados como massa de manobra a serviço dos interesses de sindicatos, movimentos e partidos;*

*Quando são ridicularizados, estigmatizados e perseguidos por possuírem ou expressarem crenças ou convicções religiosas, morais, políticas e partidárias diferentes das dos professores;*

*Quando estes lhes sonegam ou distorcem informações importantes para sua formação intelectual e para o conhecimento da verdade;*

*Quando o tempo precioso do aprendizado é desperdiçado com a pregação ideológica e a propaganda político-partidária mais ou menos disfarçada.*

### ***As famílias são lesadas***

*Quando a autoridade moral dos pais é solapada por professores que se julgam no direito de dizer aos filhos dos outros o que é certo e o que é errado em matéria de moral;*

*Quando os filhos, instigados por esses professores, passam a questionar e rejeitar o direcionamento estabelecido por seus pais no campo da religião, da moral e dos costumes, ensejando o surgimento de graves conflitos no seio das famílias.*

### ***A sociedade é lesada***

*Quando recebe, em troca dos impostos que paga, uma educação conhecida mundialmente por sua péssima qualidade;*

*Quando é obrigada a suportar o fardo de uma força de trabalho despreparada;*

*Quando sofre as consequências de greves abusivas, seletivamente organizadas e deflagradas para prejudicar adversários políticos dos sindicatos de professores;*

*Quando custeia o projeto de poder dos partidos que aparelharam o sistema de ensino.*

*Por força da sua credibilidade e expertise, o ESP recebe diariamente uma grande quantidade de denúncias provenientes de todo o país. Além de analisar e dar publicidade a essas denúncias, o ESP encaminha várias delas aos órgãos incumbidos da punição dos responsáveis (como Ministério Público e as secretaria de educação) e orienta juridicamente as vítimas e suas famílias sobre o que pode ser feito, dentro da lei, para se defender dos abusos e buscar a devida reparação. A demanda, contudo, não para de crescer, o que se explica pela crescente*

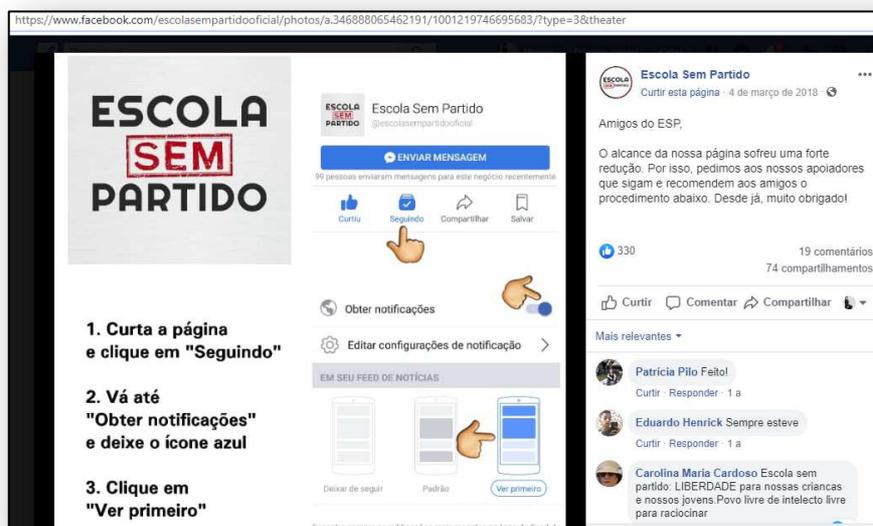
*conscientização da sociedade sobre ilicitude das práticas que caracterizam a doutrinação. Por isso, decidimos abrir essa página para pedir o seu apoio. Faça parte da nossa luta. Ajude-nos a acabar com a doutrinação nas escolas! (ESP, 2020?)*

Entendemos que essa estratégia **político-comercial** faz com que o internauta colabore com o ESP. Já, o texto retirado do perfil do ESP na plataforma “*Apoia-se*”, não possui assinatura, mas reflete que o uso político e ideológico em sala de aula pode trazer prejuízos aos alunos, pais e sociedade. Como a bandeira do movimento ESP é atentar para que “os pais têm direito a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções”, o texto usa uma linguagem que visa subverter a diferenciação entre a educação formal e “partidária”, com o objetivo de alertar a população para que esse trabalho desenvolvido pelo ESP continue a dar publicidade às denúncias, assim como em contato com órgãos responsáveis a receber as mesmas, o movimento solicita apoio. Como uma espécie de brinde, pelo fato de o sujeito colaborar com o movimento, na página alinhado à direita acima, existe três tipos de recompensas: quem apoiar com 5 reais ou mais, mensalmente, receberá por e-mail um certificado de Apoiador. O Parceiro que apoiar com 50 reais ou mais, mensalmente, ganhará adesivos e uma camiseta para “usar em reuniões de pais e mestres. Os doutrinadores entenderão o recado” (ESP, 2020).

Já o Benfeitor que auxiliar com 100 reais ou mais, mensalmente, ganhará adesivos e duas camisetas. Aqui entendemos a ação como um “agrado” aos que apoiarem a causa. Após, na análise comparativa abordaremos a relação com o grupo PCESP que também, segundo suas metodologias e motivações, criou uma página de “benfeitores”.

A próxima imagem indica ações explicativas, e de caráter instrumental, de como proceder para curtir e divulgar a página do movimento institucional no ESP.

Figura 32 – Usos e apropriações do ESP no Facebook



Fonte: Facebook ESP<sup>28</sup>.

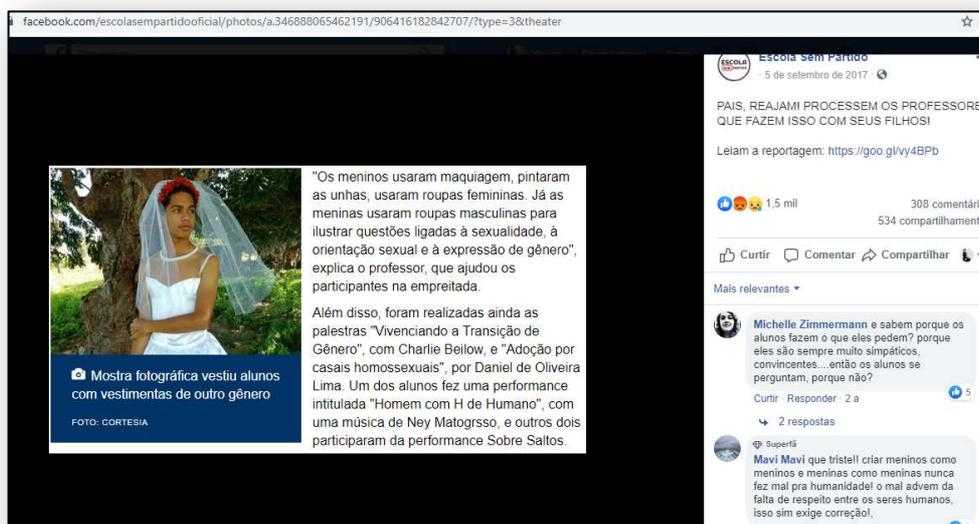
A ação acima, a partir dos **usos e apropriações** compartilhada pela página do ESP, instrui o internauta a interagir com o perfil: “*Amigos do ESP, o alcance da nossa página sofreu uma forte redução. Por isso, pedimos aos nossos apoiadores que sigam e recomendem aos amigos o procedimento abaixo. Desde já, muito obrigado!*”. Ao lado, a imagem indica três instruções: 1. *Curta a página e clique em “Seguindo”*; 2. *Vá até “obter notificações” e deixe o ícone em azul*; e 3. *Clique em “ver primeiro”*.

Em resposta, vários seguidores e manifestantes que apoiam o ESP comentaram que já seguiam o perfil ou começaram a seguir naquele momento, conforme P.P. ao confirmar: “*Feito!*”, ou E.H. que diz: “*Sempre esteve*”.

Nesse viés, o último caso a analisarmos no movimento ESP refere-se à imagem abaixo, apresentando a figura de um menino vestido de noiva.

<sup>28</sup> Disponível em: <http://bit.ly/32aeqDz>. Acesso em: 19 jan. 2020.

Figura 33 – Menino vestido de noiva encenando a ideologia de gênero



Fonte: *Facebook* ESP<sup>29</sup>.

Acima, a imagem central mostra um menino vestido de noiva com mensagem abaixo referente a uma mostra fotográfica onde alunos se vestiram com roupas de outro gênero.

No entanto, a imagem é referente a uma matéria<sup>30</sup> da *Gazetaweb.globo.com*, e foi compartilhada pelo movimento ESP no *Facebook*, com o título: “*Projeto discute identidade de gênero em escola do interior alagoano*”. A reportagem teve como objetivo “estimular o respeito e acabar com o preconceito dentro da escola”. Como a própria imagem sugere com o texto ao lado do menino, os alunos meninos pintaram as unhas, usaram maquiagem e vestimentas femininas para ilustrar “a sexualidade, orientação sexual e à expressão de gênero”.

Ao lado direito da imagem, o discurso do movimento exorta: “*PAIS, REAJAM! PROCESSEM OS PROFESSORES QUE FAZEM ISSO COM SEUS FILHOS! Leiam a reportagem: <https://goo.gl/vy4BPb>*”.

Essa imagem teve 1500 reações (curtidas) e a maioria com emojis de tristeza. Para tanto, os 308 comentários geraram alguns protocolos emergentes pedindo intervenção jurídica, psíquica e militar na escola.

*N.R.B: Estes doutrinadores não tem limites queria ver eles fazerem isto nos países árabes*

*M.C: Mas será possível que os pais estão sem noção, ao permitir essa barbaridade?*

<sup>29</sup> Disponível em: <http://bit.ly/38JtR8d>. Acesso em: 21 jan. 2020.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://glo.bo/2V9OIXd>. Acesso em: 21 jan. 2020.

*V.B.: Obrigar pessoas a se vestirem e agirem como pessoas do sexo oposto.... isso feito numa ditadura... não seria tortura psicológica????*

*J.S.C.F: Acho que os alunos tocam o terror e se revoltam muito pouco atualmente. Não sei como as pessoas ficam surpresas com o comportamento rebelde e destrutivo deles.*

Durante as investigações observamos muitas imagens de crianças e adolescentes compartilhadas no perfil institucional fazendo menção a ideologia de gênero. A questão da ideologia de gênero é um dos temas mais polêmicos em debate pelo ESP, por conta de ser defendida por muitos sujeitos/atores sociais conservadores, que acham que pautas como orientação sexual ou modelos familiares não devem ser discutidas no ambiente escolar. Deve-se a isso, grande parte das imagens que compõem o perfil de fotos do *Facebook* e site do movimento ser respeito ao tema.

Essa estratégia de compartilhar no *Facebook* informações de outras mídias (jornais de grande circulação/sites) acerca de questões ideológicas, com textos que ilustram a ideologia de gênero como uma catástrofe no sistema educacional, nos faz compreender as **gramáticas de produção** que emergem no processo de circulação no âmbito da sociedade em midiaticização. Ou seja, as materialidades que compõem essa ação vão desde a produção da matéria, veiculação no site do jornal, compartilhamento/deslocamento do jornal para o *Facebook* do ESP acompanhada com texto/linguagem e até o repúdio à imagem, supostamente culpando professores pela opção sexual de seus filhos, o que gera inúmeras interações e sentidos de âmbito social. Para tanto, Verón (2006, p. 51) apud Fausto Neto (2016, p.65) nos explica que uma gramática de produção ou gramática de recepção “tem a forma de conjuntos complexos de regras que descrevem operações [...] que permitem definir ora as condições de produção, ora os resultados de uma determinada leitura”.

Por último, a imagem comparativa publicada pelo ESP no *Facebook*, no mês de maio de 2017, faz menção ao grupo contrário PCESP. Nela, o movimento descreve lado a lado quais os Deveres x Direitos dos professores, conforme abaixo:

Figura 34 – Contraposições Deveres vs Direitos dos professores



Fonte: Facebook ESP<sup>31</sup>.

Com teor **vigilante**, o movimento ESP busca sempre compartilhar imagens que geram debate, criminalização ou mesmo empatia diante de seus seguidores. A imagem acima, exemplo disto, expõe o banner do ESP e o banner do grupo contrário PCESP. Acima dos dois banners há a seguinte pergunta: “*Que escola você quer para seu filho?*”. Logo abaixo, à esquerda, o banner do movimento ESP que mostra os “Deveres dos Professores” nas cores verde e amarelo, cores da bandeira do Brasil. À direita, em vermelho (referindo-se ao PT), os “Direitos dos Professores” como um sinal de alerta.

Entendemos que tais mecanismos em forma de denúncia dão visibilidade a atuação do ESP onde a disputa comunicacional nessas duas frentes é notória. Observa-se o ESP com linguagem singular, enquanto defensor de alunos, chamando atenção para o que o professor deve fazer e depreciando a profissão. A partir disso, buscamos observar de modo sistemático as reações geradas por parte de alguns enunciados emitidos por atores sociais, a fim de observar o embate e ações comunicacionais neste post.

*R.T.C: Sem partido!*

*T.S.K.: Sem partido c/ certeza!*

*V.P: TEM QUE PRENDER O CHEFE MÁXIMO DA ORCRIM - LULA. #LULAPRESOJÁ*

*E.A.G.B: 100% Escola Sem Partido.*

<sup>31</sup> Disponível em: <http://bit.ly/39OYkBH>. Acesso em: 21 jan. 2020.

*E.B.C.P: #escolasempartido*

*J.F.C: No item 5 da escola com partido; esse "professor" não tem moral nem ética, muito menos religião... E é isso que eles passam para os alunos, só o que não presta, destrói toda a educação que a família deu durante anos. Em uma lavagem cerebral esses enviados de Satanás distorce a cabeça das crianças e adolescentes. BASTA. ESCOLA SEM PARTIDO JÁ.*

As manifestações acima, escritas por atores sociais, apontam respostas que vão de encontro com a pergunta da imagem citada anteriormente. A partir dos comentários, observamos essa ação/imagem como uma estratégia de **mediação** (forma de comunicação do ESP com os atores sociais) ao incitar os internautas interagirem com a publicação. Porém, ao investigarmos a outra imagem em vermelho, que fala dos direitos dos professores – a entender que seria o banner contrário (PCESP) – o ESP traz mensagens equivocadas, “de forma errada” ou “estratégica”, uma vez que o verdadeiro banner dos “Direito dos Professores” compartilhado pelo grupo dos PCESP descreve outras mensagens, como veremos a seguir.

Antes de iniciarmos a análise do grupo contrário ao ESP, destacamos a demanda comunicacional que o movimento ESP realiza. Desde as primeiras análises observamos o ato denunciativo e depreciativo sobre o papel do professor. O movimento não busca somente descrever o docente enquanto um “monstro/abusador”, mas também o desqualifica através de discursos de ódio.

O movimento também trata a educação de forma desqualificada, como se apenas a partir de suas ideias existiria um modelo ideal. O perfil no *Facebook* é composto por muitas imagens contrárias a atual educação, com crianças em diferentes situações, vídeos denunciativos, e discursos conservadores de apoio à direita no país. O movimento ESP também se veste de uma linguagem simples para aproximar-se da sociedade e demais esferas que perpassam a causa: religião e política.

Diante dessa sustentação e dos conteúdos apresentados dentro dos processos midiáticos do ESP, desponta por outro lado, um movimento contrário, de resistência, que nasce com o objetivo de desconstruir o institucional com apoio de alunos e docentes que buscam o pluralismo de ideias e a liberdade de ensinar.

Diferentemente do movimento ESP que teve sua primeira manifestação de midiatização através do site, o grupo dos PCESP teve sua primeira manifestação midiatizada a partir de um perfil no *Facebook* que, inicialmente, compartilhava ações de repúdio contra os projetos de lei em tramitação no país com ações de resistência.

O grupo PCESP foi criado por atores sociais ligados a área da educação (alunos e professores) visando a denunciar a inconstitucionalidade do programa ESP, como também acompanhar a situação da tramitação dos projetos de lei com base no Escola Sem Partido.

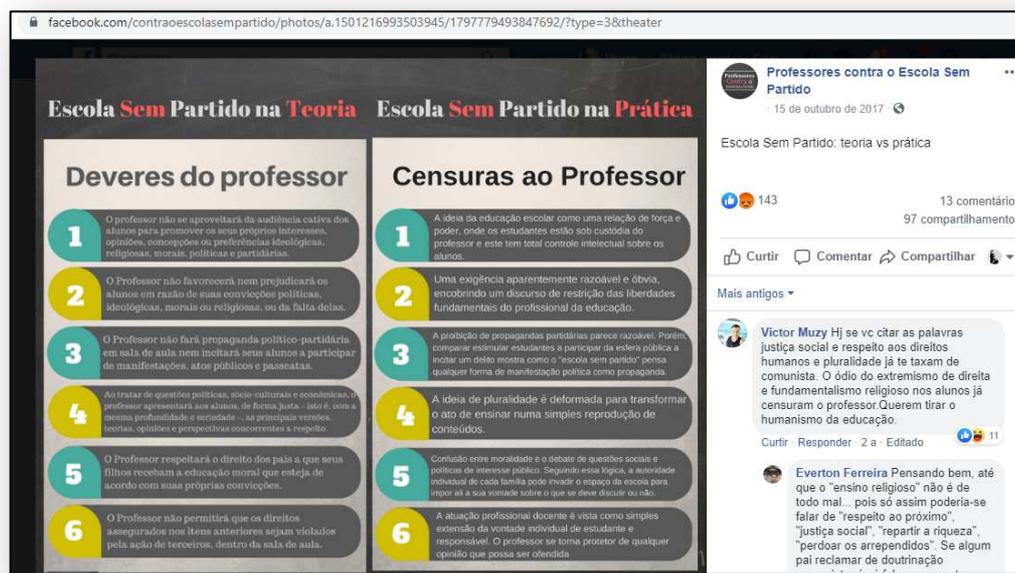
Diante das investigações, capturamos variadas manifestações midiáticas que engendram efeitos na sociedade em que a ação e reação ocorrem simultaneamente. Em sua maioria seus fluxos se dão através de recursos e apoios presentes na esfera educacional, como as obras compiladas no Capítulo 3, por exemplo, os podcasts colaborativos no site do grupo, ou ainda, a atuação dos discursos imagéticos, verbais e não verbais em suas redes sociais (*Facebook, Instagram e Twitter*) que influenciam um processo significativo por meio da mídia na sua atuação comunicativa.

Neste ponto, iniciaremos a análise das ações comunicacionais em disputa, desenvolvidas pelo grupo Professores Contra o Escola sem Partido, a fim de entendermos a natureza de suas estratégias em termos de disputa de sentidos.

Observamos que, estrategicamente, a relação dos PCESP com a sociedade em mediatização, desde o início, foi/é gerar fluxos e intercâmbios que desmontem o discurso do ESP no *Facebook* principalmente, pois notamos que essa plataforma criou um campo de batalha significativo. Ou seja, iniciaremos a análise com o *Facebook* do PCESP por observarmos que suas operações de mediatização, para se contrapor as estratégias do movimento ESP, são importantes para a análise comparativa. Além do *Facebook*, também apresentaremos materiais retirados do site do grupo PCESP, e alguns gráficos que refletem a natureza das mensagens e com quem estas mantem conexões.

Iniciamos a análise do grupo *Professores Contra o Escola sem Partido* com a resposta ao banner publicado pelo ESP, da acima na Figura 34. Essa imagem foi compartilhada no *Facebook* dos PCESP no mês de outubro de 2017, a imagem a seguir traz as mesmas mensagens do banner dos Deveres da Figura 34, porém o banner dos Direitos também da Figura 34 foi substituído por “Censuras ao Professor”.

Figura 35 – PCESP apropria-se banner ESP para fazer comparativo



Fonte: Facebook PCESP<sup>32</sup>

Notamos, aqui, que objetivo desta imagem ilustra de forma diferente do ESP (Figura 34), e tem o intuito de desconstruir as estratégias do movimento institucional. No entanto, ao publicar o comparativo da figura com a chamada: “Escola sem Partido na teoria x Escola sem Partido na prática”, foi uma ação comunicacional em resposta a Figura 34 publicada pelo ESP.

A Figura 35 também traz uma comparação entre os banners dos Direitos e Censuras dos professores erroneamente. Ou seja, assim como o ESP publicou outras falas no banner do PCESP na Figura 34, os PCESP **apropriaram-se** da imagem comparativa inicial para criar como resposta a Figura 35, indicando outros sentidos à linguagem do banner que chamam de Censura.

A diferença é que o ESP transformou o banner dos PCESP com outros dizeres, enquanto os PCESP apropriaram-se do banner verdadeiro do ESP para atentar ao que chamam de “Censura ao Professor”, como se as mensagens compartilhadas pelo ESP fossem ações de censura contra os atos dos deveres dos professores.

Ao lado, há a seguinte mensagem emitida pelo administrador do perfil ao lado: “Escola Sem Partido: teoria vs prática”. Entendemos, ainda, que a ideia nessa ação do

<sup>32</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2SXYHmI>. Acesso em: 21 jan. 2020.

PCESP foi divulgar a mesma imagem do ESP enfatizando que, na prática, o modelo ideal de escola do movimento institucional seria de censura.

Do mesmo modo que a imagem gerou curtidas e compartilhamentos no *Facebook* do movimento institucional, gerou comentários e curtidas em defesa do PCESP: V.M: “Hj se vc citar as palavras justiça social e respeito aos direitos humanos e pluralidade já te taxam de comunista. O ódio do extremismo de direita e fundamentalismo religioso nos alunos já censuram o professor. Querem tirar o humanismo da educação”. E.V completou: “Pensando bem, até que o "ensino religioso" não é de todo mal... pois só assim poderia-se falar de "respeito ao próximo", "justiça social", "repartir a riqueza", "perdoar os arrependidos". Se algum pai reclamar de doutrinação comunista, é só falar que o autor que pregou essas ideias foi Jesus”.

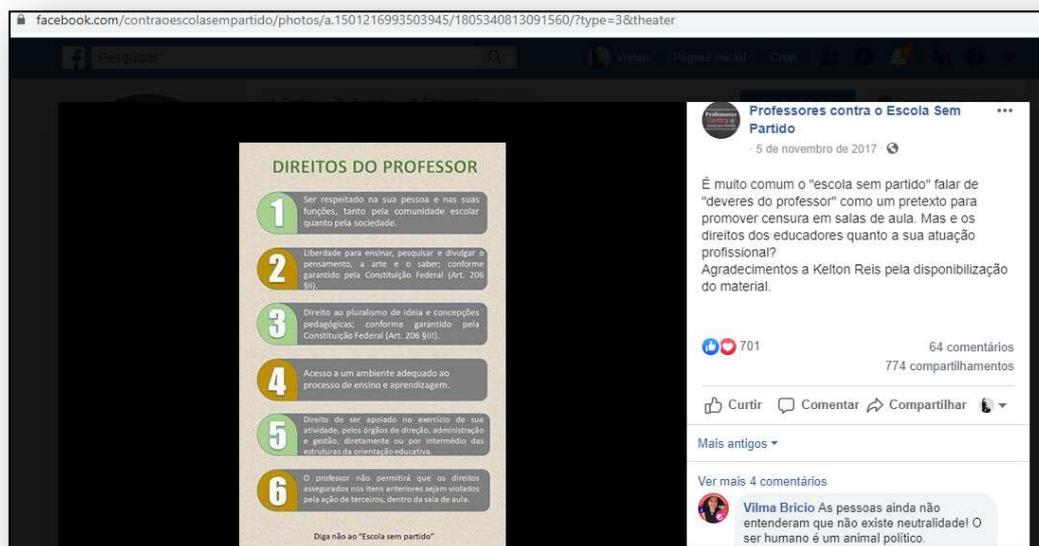
Observamos que as interações acima fazem referência à religião como extremismo de direita. Debate que também observamos no movimento ESP quando se refere à esquerda. No entanto, durante o percurso observador encontramos elementos de que a Figura 35 circulou na mídia, via site, aparentemente “defensor” do ESP: Fapcomunica. A notícia<sup>33</sup> usa exatamente este banner comparativo compartilhado pelo PCESP como uma “disputa” ao movimento ESP, atentando para a contrariedade dos PCESP ao “desconstruirm” a imagem do movimento institucional. O teor da notícia parecia imparcial até o momento em que utilizava dois vídeos de apoiadores do ESP para finalizar a matéria. Porém, a notícia do site Fapcomunica não menciona que foi o ESP que fez, meses antes, a primeira manobra de criar um infográfico com banner/mensagens controversas. Apenas cita o grupo dos PCESP como “página contrária ao movimento expôs controvérsias em relação aos itens apontados como deveres do professor”. (FAPCOMUNICA, 2017)

Compreendemos os processos comunicacionais dentro da sociedade midiaticizada a partir das interações dos sujeitos, que articulam estratégias comunicacionais para alcançar visibilidade e legitimidade, como o banner produzido pelos PCESP “Direitos dos Professores”, conforme figura a seguir.

---

<sup>33</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2HGmEK1>. Acesso em: 02 fev. 2020

Figura 36 – Banner dos Professores Contra o ESP



Fonte: *Facebook PCESP*<sup>34</sup>.

Em resposta ao institucional, o grupo PCESP criou o banner acima, o qual circulou somente no *Facebook* e *Twitter*, sem vestígios do site do grupo. Abaixo descrevemos para um melhor entendimento os Direitos do Professor<sup>35</sup>:

1. Ser respeitado na sua pessoa e nas suas funções, tanto pela comunidade escolar quanto pela sociedade.
2. Liberdade para ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; conforme garantido pela Constituição Federal (Art, 206 pII).
3. Direito ao pluralismo de ideia e concepções pedagógicas; conforme garantido pela Constituição Federal (Art, 206 pIII).
4. Acesso a um ambiente adequado ao processo de ensino e aprendizagem.
5. Direito de ser apoiado no exercício de sua atividade, pelos órgãos de direção, administração e gestão, diretamente ou por intermédio das estruturas da orientação educativa.
6. O professor não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de terceiros, dentro da sala de aula.

<sup>34</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2PbJVHV>. Acesso em: 21 jan. 2020.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://bit.ly/31fpsGE>. Acesso em: 22 maio 2019.

Nas primeiras observações feitas sobre a página dos PCESP no *Facebook*, em 2018, nos deparamos exatamente com a imagem acima, como forma de protesto ao movimento conservador.

Conforme esclarecemos anteriormente, o objeto de pesquisa se dá pela disputa de sentidos acerca da midiaticização das ações do ESP *versus* PCESP. Para tanto, no universo da análise nos propusemos, segundo problema de pesquisa, a estudar de modo comparativo as estratégias.

Diante dos fatos, as mensagens acima viabilizam ações que buscam defender os direitos que os docentes têm no ambiente escolar como de ser respeitado e ter liberdade para ensinar.

Analisamos, ainda, a mensagem escrita pelo administrador do perfil dos PCESP no *Facebook*, a qual aparece à direita da figura compartilhada pelo PCESP, trazendo o seguinte texto: *É muito comum o "escola sem partido" falar de "deveres do professor" como um pretexto para promover censura em salas de aula. Mas e os direitos dos educadores quanto a sua atuação profissional? Agradecimentos a Kelton Reis pela disponibilização do material.*

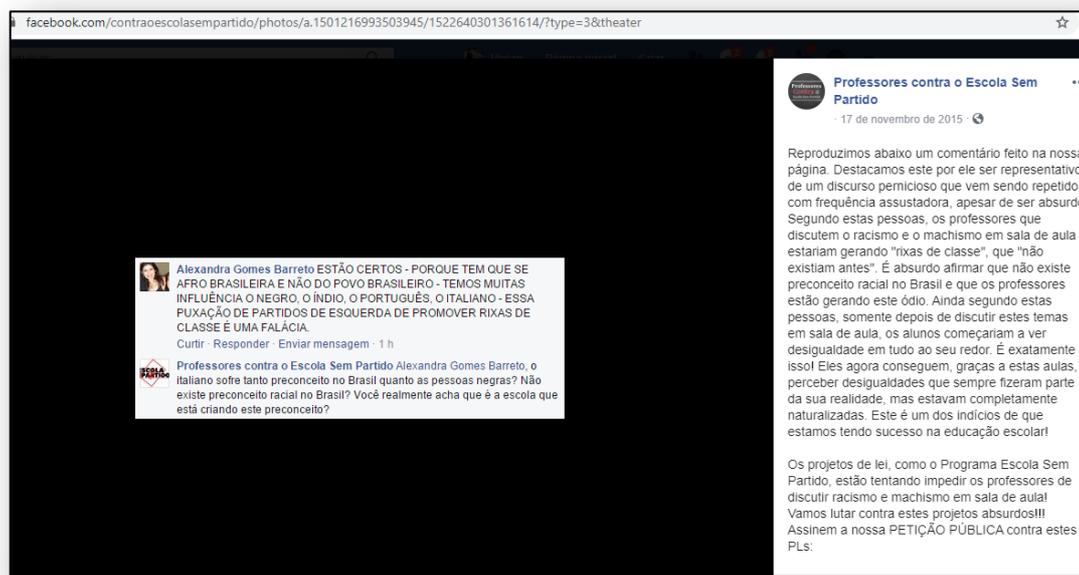
O comentário, além de citar o movimento ESP sobre os deveres por eles compartilhados, chama a atenção para outro fator diferencial, envolvendo, a nosso ver, a questão da **linguagem**. Como vimos anteriormente na análise do ESP, geralmente as mensagens que acompanham as imagens ou vídeos possuem uma linguagem mais “agressiva”, com letras em caixa alta etc. Observamos que nas postagens do PCESP no *Facebook*, apesar de serem de resistência, não possuem esse mesmo teor. Contudo, o texto acima também indica traços de denúncias contra o ESP no momento em que cobra os direitos dos educadores.

Já o compartilhamento dessa imagem gerou interações dos atores sociais que apontam a questão da neutralidade, como a fala de V.B.: *“As pessoas ainda não entenderam que não existe neutralidade! O ser humano é um animal político. Analfabetismo político é confundir política com politicagem, com partidos políticos!!! #nãoescolasempartidos”*.

Além da internauta fazer referência à política em seu comentário, a questão da neutralidade em sala de aula também é debatida pelo grupo contrário, que defende a liberdade e pluralidade de ideias em sala de aula.

Por outro lado, a questão denunciativa nos chamou atenção em seu *Facebook*, para um caso onde o grupo dos PCESP compartilha uma mensagem com nome e foto da denunciada, trazendo a questão da exposição dos sujeitos como falamos nos casos dos professores do ESP. Porém, o próprio grupo alerta para o fato, porque está denunciando a imagem abaixo:

Figura 37 – Traços denunciativos por parte do grupo PCESP



Fonte: *Facebook PCESP*<sup>36</sup>.

A partir desta figura ações de denúncias, vistas até então somente pelo ESP, começam a se manifestar no movimento contrário ao institucional, o grupo PCESP. A imagem central acima foi publicada pelo PCESP em 2015, logo depois da criação de seu perfil no *Facebook*. Nela Alexandra Barreto faz o seguinte comentário: *“ESTÃO CERTOS – PORQUE TEM QUE SE AFRO BRASILEIRA E NÃO DO POVO BRASILEIRO – TEMOS MUITAS INFLUENCIA O NEGRO, O INDIO, O PORTUGUES, O ITALIANO – ESSA PUXAÇÃO DE PARTIDOS DE ESQUERDA DE PROMOVER RIXAS DE CLASSE É UMA FALÁCIA”*. Logo, o grupo dos PCESP responde: *“o italiano sofre tanto preconceito no Brasil quanto as pessoas negras? Não existe preconceito racial no Brasil? Você realmente acha que é a escola que esta criando este preconceito?”*.

Pela primeira vez encontramos postagem **denunciativa** com o mesmo teor de exposição do sujeito e foto como o ESP praticou. No entanto, essa postagem vem acompanhada de um texto explicativo, à direita da foto denunciada, dizendo o porquê desta ação comunicativa estava sendo apresentada a ponto de gerar disputas e circuitos.

*Reproduzimos abaixo um comentário feito na nossa página. Destacamos este por ele ser representativo de um discurso pernicioso que vem sendo repetido com frequência assustadora, apesar de ser absurdo. Segundo estas pessoas, os*

<sup>36</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2P7dSsv>. Acesso em: 25 jan. 2020

*professores que discutem o racismo e o machismo em sala de aula estariam gerando "rixas de classe", que "não existiam antes". É absurdo afirmar que não existe preconceito racial no Brasil e que os professores estão gerando este ódio. Ainda segundo estas pessoas, somente depois de discutir estes temas em sala de aula, os alunos começariam a ver desigualdade em tudo ao seu redor. É exatamente isso! Eles agora conseguem, graças a estas aulas, perceber desigualdades que sempre fizeram parte da sua realidade, mas estavam completamente naturalizadas. Este é um dos indícios de que estamos tendo sucesso na educação escolar! Os projetos de lei, como o Programa Escola Sem Partido, estão tentando impedir os professores de discutir racismo e machismo em sala de aula! Vamos lutar contra estes projetos absurdos!!! Assinem a nossa PETIÇÃO PÚBLICA contra estes*

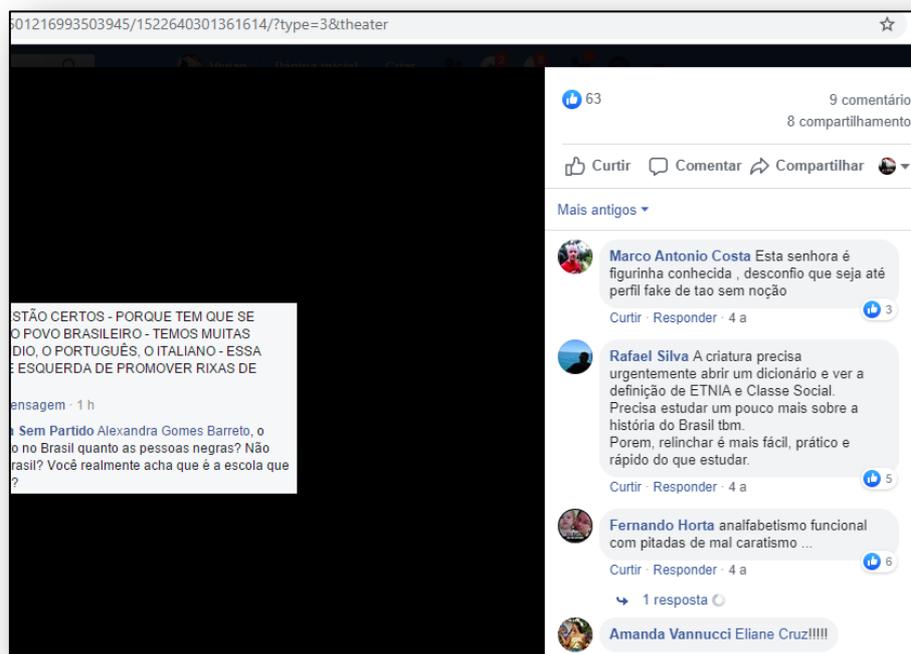
*PLs:*

*<http://www.peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR85668>. (FACEBOOK PCESP, 2015).*

O texto acima, denunciativo e com expressões de lutas e resistência ao Programa ESP, expõem algumas marcas debatidas pela sociedade como racismo, machismo, preconceito, desigualdades etc. Convida também para o acesso de um link que é uma petição pública contrária a instalação do Programa ESP no país, e possibilita atores sociais clicar, assinar e interagir.

Diante desses elementos que geraram curtidas, comentários e novos efeitos, chamou-nos mais uma vez a atenção a questão das *Fake News*, pronunciada em um comentário de um sujeito apoiador do PCESP, na postagem a seguir.

Figura 38 – Apoiadores do grupo PCESP apontam perfis *fakes* em comentários



Fonte: Facebook PCESP<sup>37</sup>.

Podemos observar que, diante das reações da denúncia acima, outros atores sociais opinaram, e M.A.C. nos chama atenção ao falar: “*Esta senhora é figurinha conhecida, desconfio que seja até perfil fake de tao sem noção*”.

As questões de perfis *fakes* ou *fake news* foi uma das mais discutidas no último ano. Os efeitos que essa desinformação causa na sociedade são “manipulações para levar alguma vantagem financeira ou para diminuir o outro”. (GOMES, 2018)<sup>38</sup>.

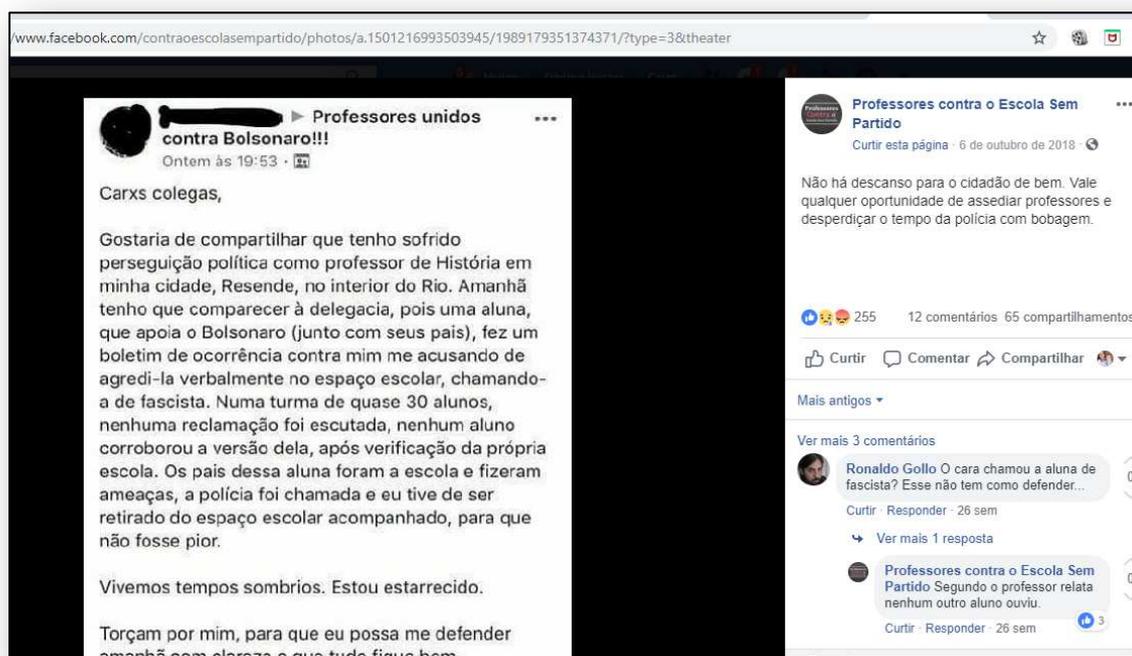
Atualmente, com a sociedade em midiatização e a interação com plataformas que disponibilizam a produção desses falsos conteúdos, ampliou-se a dimensão das *Fake News* e a manipulação de conteúdos que afetam diferentes práticas sociais. Contudo, diante do caso acima, o internauta apenas faz um “alerta” sobre perfis *fakes*. Na prática, entendemos que a educação, ao ser afetada por este fenômeno comunicacional que são as *Fake News*, pode gerar também disputas de sentidos, pois vão ao encontro do que explica Gomes (2018) “esse mundo que estamos vivendo hoje, de uma ambiência em midiatização, [...] de hiperconectividade, transforma ações [...] a pessoa diz coisas na rede que não diria ao vivo, pois baseado no anonimato o que se diz na rede é muito forte”.

<sup>37</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2P7dSsy>. Acesso em: 20 jan. 2020.

<sup>38</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2HIkKc2>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Até o momento desta análise observamos todos os ritmos de denúncias que envolvem o objeto, porém nesse cenário contrário ao institucional trazemos um novo elemento, onde a denúncia parte do professor, como mostra a Figura 39, compartilhada pelo PCESP no *Facebook*.

Figura 39 – Professores e a dupla oposição



Fonte: *Facebook* Professores contra o Escola sem partido.

A imagem acima traz mensagem de denúncia de um professor em um grupo dos Professores unidos contra o Bolsonaro, que diz:

*“Caros colegas, gostaria de compartilhar que tenho sofrido perseguição política como professor de história em minha cidade, Resende, no interior do Rio. Amanhã tenho que comparecer à delegacia, pois uma aluna, que apoia o Bolsonaro (junto com seus pais). Fez um boletim de ocorrência contra mim me acusando de agredi-la verbalmente no espaço escolar, chamando-a de fascista. Numa turma de quase 30 alunos, nenhuma reclamação foi escutada, nenhum aluno corroborou a versão dela, após verificação da própria escola. Os pais dessa aluna foram a escola e fizeram ameaças, a polícia foi chamada e eu de ser retirado do espaço escolar acompanhado, para que que não fosse pior. Vivemos tempos sombrios. Estou estarecido. Torçam por mim, para que eu possa me defender amanhã com clareza e que tudo fique bem”.*

Pela primeira vez nesta análise o professor aparece enquanto **vítima**, dizendo ter sofrido perseguição política. Até então, nos deparávamos com práticas contrárias, de alunos, pais e outros professores que apoiam o movimento ESP. Já, nesse caso, o próprio professor faz a **denúncia** e o grupo PCESP compartilha preservando sua imagem e nome. À direita, acompanha o texto do administrador da página do PCESP: “*Não há descanso para o cidadão de bem. Vale qualquer oportunidade de assediar professores e desperdiçar o tempo da polícia com bobagem*”.

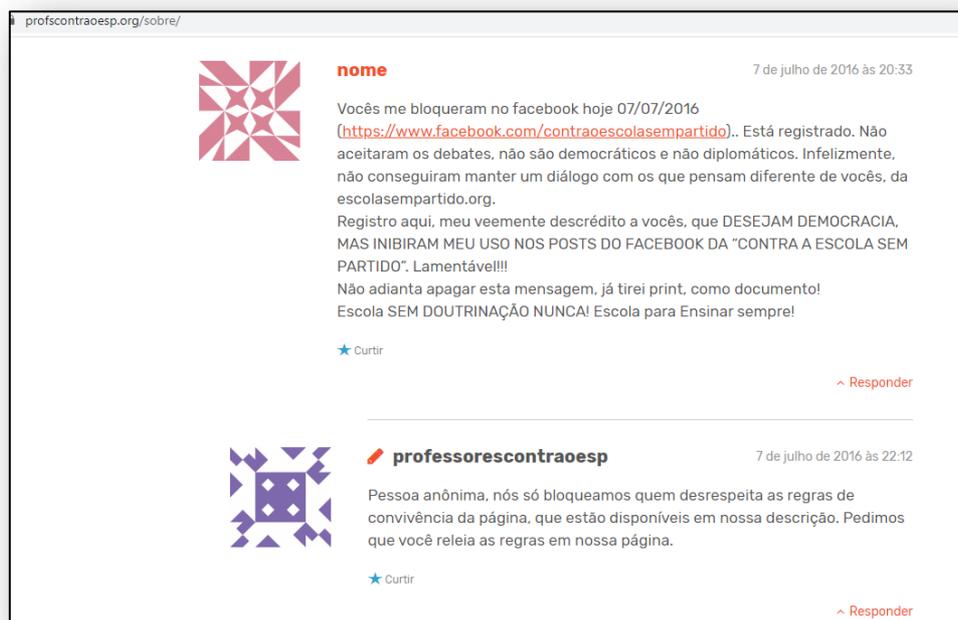
Aqui as disputas de sentidos também ocorrem, por meio da ação denunciativa, pela preservação que o grupo teve com o nome e foto do professor vir à público, e também reações contrárias ao sentido da postagem, como é o caso de R. G. ao induzir: “*O cara chamou a aluna de fascista? Esse não tem como defender...*”. Em seguida o próprio grupo dos PCESP reagiu em defesa do professor, interrogando”: “*Onde está escrito que ele a chamou de fascista?. segundo o professor relata nenhum outro aluno ouviu*”. Outra internauta, B.S.B, também saiu em defesa do docente: “*Vai dar tudo certo colega! Seguimos na luta pela educação de qualidade, embora muitos alunos não entendam isso*”.

Nessa nova ambiência a tecnologia produz debate entre segmentos contrários por meio de seus atores/sujeitos sociais, os quais ditam e fazem o que querem, pois as redes sociais são as grandes possibilitadoras de discursos complexos e (des)valores, e por conta disso, a questão das denúncias e discursos aparecem a todo instante no objeto. No site do movimento institucional e *Facebook*, por exemplo, e no site e *Facebook* do grupo PCESP, com a principal função entre ambos: combate x embate, os quais conforme este estudo geram circuitos caracterizados pelo poder participativo e conversacional entre instituição e atores sociais. Esse seria um processo comunicacional resultante de interações midiaticizadas.

É preciso observar que esses fluxos e materialidade em circulação se dão nas práticas e ações comunicacionais do objeto no contexto educacional e midiático, uma vez que as lógicas do sistema educacional causam efeito no sistema midiático e vice-versa.

Assim, para justificar tais estratégias comunicacionais, bem como os circuitos apresentados até aqui, traremos outros registros que representam resultados das primeiras observações do grupo contrário que nos levou a pistas e manifestações do movimento que, também, passa pela esfera comunicacional. Nela, o embate e disputas de sentidos iniciam na página inicial do grupo dos PCESP.

Figura 40 – Site do Professores Contra o ESP



Fonte: Site PCESP<sup>39</sup>.

A mensagem anônima é de 2016 e denuncia o próprio grupo em sua página com a seguinte mensagem: *“Vocês me bloquearam no facebook hoje 07/07/2016 (<https://www.facebook.com/contraoescolasempartido>).. Está registrado. Não aceitaram os debates, não são democráticos e não diplomáticos. Infelizmente, não conseguiram manter um diálogo com os que pensam diferente de vocês, da escolasempartido.org. Registro aqui, meu veemente descrédito a vocês, que DESEJAM DEMOCRACIA, MAS INIBIRAM MEU USO NOS POSTS DO FACEBOOK DA “CONTRA A ESCOLA SEM PARTIDO”. Lamentável!!! Não adianta apagar esta mensagem, já tirei print, como documento! Escola SEM DOUTRINAÇÃO NUNCA! Escola para Ensinar sempre!”*.

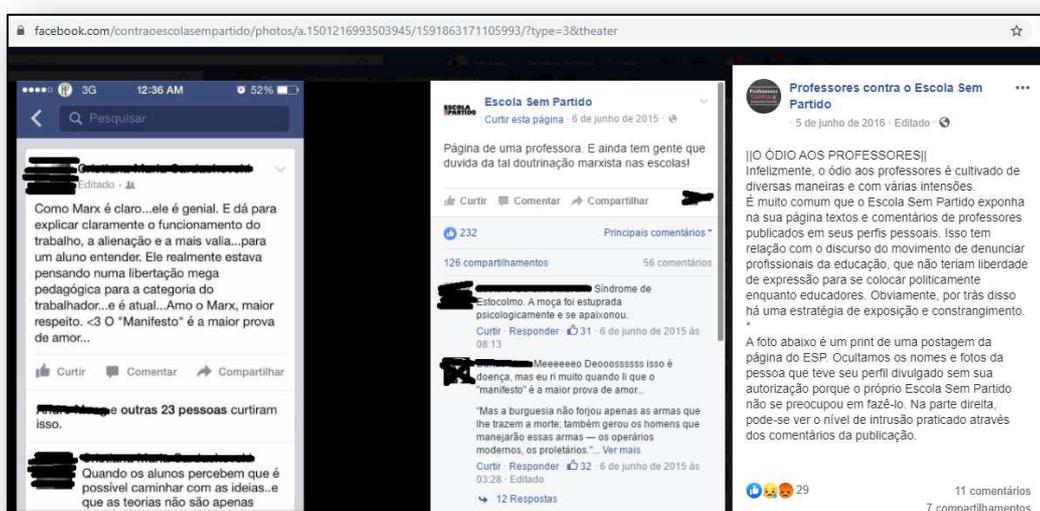
A mensagem suscitou **debate**, segundo a reação dos administradores da página do grupo contrário, que assim a rebateu: *“Pessoa anônima, nós só bloqueamos quem desrespeita as regras de convivência da página, que estão disponíveis em nossa descrição. Pedimos que você releia as regras em nossa página”*. Não achamos as motivações desse debate. Contudo, observamos que esse tipo de embate que ocorreu no site do grupo PCESP, não ocorre no site do movimento ESP, isso porque as interações ou comentários no site eram desativadas, ou seja, ninguém conseguia adicionar comentários no site do movimento institucional.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://profscontraesp.org/sobre/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

Entendemos então que diferente do PCESP, que deixou as notificações de comentários ativas no site, o ESP preveniu-se ou usou de uma estratégia para justamente não entrar em discussões como essa acima.

Indo de encontro com a proposta comparativa, a página do PCESP traz algumas ações comunicacionais parecidas, porém aclaradas de forma diferente da estratégia denunciativa institucional. Um exemplo é a postagem no perfil dos Professores Contra o Escola sem Partido, a qual nela vemos novamente a questão dos discursos afetando o objeto.

Figura 41 – Postagem compartilhada na página dos Professores contra o ESP



Fonte: Facebook Professores contra o Escola sem partido.

Esse texto dos PCESP na página tem mensagem de apoio aos professores frisando a exposição que sofreram:

*“O ÓDIO AOS PROFESSORES. Infelizmente, o ódio aos professores é cultivado de diversas maneiras e com várias intensões. É muito comum que o Escola Sem Partido exponha na sua página textos e comentários de professores publicados em seus perfis pessoais. Isso tem relação com o discurso do movimento de denunciar profissionais da educação, que não teriam liberdade de expressão para se colocar politicamente enquanto educadores. Obviamente, por trás disso há uma estratégia de exposição e constrangimento. \* A foto abaixo é um print de uma postagem da página do ESP. Ocultamos os nomes e fotos da pessoa que teve seu perfil divulgado sem sua autorização porque o próprio Escola Sem Partido não se preocupou em fazê-lo. Na parte direita, pode-se ver o nível de intrusão praticado através dos comentários da publicação.”*

Já o texto da imagem, no canto esquerdo, é de uma professora que tem o nome e rosto preservados, que diz ao postar em seu perfil no *Facebook*:

*“Como Marx é claro... é genial. E dá para explicar claramente o funcionamento do trabalho, a alienação e a mais valia...para um aluno entender. Ele realmente estava pensando em uma libertação mega pedagógica para a categoria do trabalhador...e é atual...Amo Marx, maior respeito. <3 O “Manifesto” é a maior prova de amor...”. Logo, o ESP compartilhou o perfil da professora denunciando-a com a seguinte frase: Página de uma professora. E ainda tem gente que dúvida da tal doutrinação marxista nas escolas!*

Destacamos as reações que todo esse circuito gerou a partir de uma estratégia de citação do discurso do outro como prova. Na própria imagem denunciativa pelo ESP, já havia comentários desrespeitosos como: *“Síndrome de Estocolmo. A moça foi estuprada psicologicamente e se apaixonou.”*, ou *“Meeeeeeo Deooooossss isso é doença, mas eu ri muito quando li que o “manifesto” é a maior prova de amor... “Mas a burguesia não forjou apenas as armas que lhe trazem a morte; também gerou os homens que manejarão essas armas — os operários modernos, os proletários.” Manifesto Comunista - cap 1 É muito amor gente, é muito amor”*.

Ambas reações foram compartilhadas pelo grupo PCESP com os rostos e nomes com tarjas pretas, preservando os denunciantes, porém, o interessante foram as disputas de sentidos mal interpretadas pelos próprios apoiadores do movimento ESP. Esse segundo comentário, por exemplo, de forma irônica iniciou uma série de **combate e embate** entre os internautas que não compreenderam o uso da possível ironia. Dentre as reações está a de um sujeito que trata de forma violenta a questão do estupro, conforme sugere a imagem, e faz alusão à Síndrome de Estocolmo.

No site do movimento ESP há uma seção com o nome Síndrome de Estocolmo, a qual veremos a partir da denúncia a seguir. Outrora, apesar de observarmos que o PCESP não compartilha ou divulga muitas coisas do perfil do movimento ESP em sua página no *Facebook*, entendendo isso como uma estratégia para não dar visibilidade ou popularidade ao institucional. Em contrapartida, há traços vigilantes relacionados a denúncias, como também vimos por parte do ESP.

A imagem abaixo reflete, particularmente, a questão da Síndrome de Estocolmo, a qual segundo o ESP o aluno torna-se vítima do professor.

Figura 42 – Síndrome de Estocolmo – imagem compartilhada pelo PCESP no *Facebook*



Fonte: *Facebook* PCESP<sup>40</sup>.

A imagem central acima, com ilustração do filme “A bela e a fera”, foi retirada do site do movimento ESP, apresentando a seguinte descrição textual:

*Vítima de um verdadeiro “sequestro intelectual”, o estudante doutrinado quase sempre desenvolve, em relação ao professor/doutrinador, uma intensa ligação afetiva. Como já se disse a propósito da Síndrome de Escocolmo, dependendo do grau de sua identificação com o sequestrador, a vítima pode negar que o sequestrador esteja errado, admitindo que os possíveis libertadores e sua insistência em punir o sequestrador são, na verdade, os responsáveis por sua situação. De modo análogo, muitos estudantes não só se recusam a admitir que estão sendo manipulados por seus professores, como saem furiosos em sua defesa, quando alguém lhes demonstra o que está acontecendo. Divulgaremos, neste espaço, episódios que ilustram esse curioso fenômeno. (SITE ESP, 2019).*

Na mensagem o provedor relaciona a doutrinação com “sequestro intelectual”, ou seja, o professor com um sequestrador, a fim de explicitar a suposta “manipulação” na ambiência educacional. Já a ilustração no texto é com uma foto do filme *A Bela e a Fera*, porém, no final da obra cinematográfica, a Fera (representando o professor) era uma “boa pessoa”. Esse **deslocamento** nos faz refletir sobre o papel do professor, seria ele, de fato um sequestrador ou educador?

No canto esquerdo da imagem há uma frase que denuncia e, ao mesmo tempo, alerta a sociedade para os “absurdos” praticados/divulgados pelo movimento ESP: “*Série de*

<sup>40</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2SLABNb>. Acesso em: 23 jan. 2020.

*absurdos. Escola sem Educação. Instrução sem reflexão*”. Já, alinhado à direita há o texto do administrador da página do PCESP no *Facebook*:

*“Série ABSURDOS DO ESCOLA SEM PARTIDO. Parece mentira, mas não é. No site do Movimento Escola Sem Partido existe um item chamado "Síndrome de Estocolmo". Os criadores desta aberração têm a cara de pau de afirmar que o professor é culpado (sempre ele) de um "sequestro intelectual" dos seus alunos! E os alunos, por sua vez, sofreriam com a tal Síndrome de Estocolmo - distúrbio psicológico no qual a vítima se apega emocionalmente ao seu captor. Na retórica desta organização, o professor SEMPRE é representado como um criminoso e o aluno SEMPRE faz o papel de vítima. Agora vejam só: nesta analogia torpe, o Escola Sem Partido aparece como o salvador e, se os alunos defendem seu professor contra as acusações descabidas desta organização, ele tem problemas psicológicos. Parece uma loucura... e é uma loucura. Nos opomos veementemente a esta visão completamente deturpada da relação de ensino-aprendizagem! Os alunos não são vítimas - são agentes ativos na construção do conhecimento escolar no diálogo com os seus professores! Eles não aceitam tudo que o professor fala sem questionar. Muito pelo contrário, questionam tudo. Os professores não são criminosos! São profissionais capacitados para discutir qualquer tema que julguem pertinente para as duas turmas. Por isso somos contra o Escola Sem Partido!*

O texto indica a indignação do administrador do perfil do PCESP no *Facebook* ao abordar o tema da doutrinação, descrita na imagem da Bela e a Fera, retirada do site do movimento ESP. Entretanto, o texto tem um teor de alerta e oposição à imagem, e também faz um protesto em defesa aos professores.

Outra atuação do grupo dos PCESP nas redes sociais é contra a ideologia de gênero proposta pelo ESP. Como observamos anteriormente, o movimento ESP tem várias articulações no *Facebook* que retratam fotos de crianças acerca de diferentes temas como alertas e protestos. Entre as poucas postagens que aparecem de crianças, na página do coletivo contrário encontramos uma de um menino vestido de princesa, conforme Figura seguir.

Figura 43 – Menino vestido de princesa



Fonte: Facebook dos PCESP<sup>41</sup>.

Na figura central tem um menino vestido de princesa, com um fundo verde que lembra um quadro escolar. A mensagem que a imagem junto ao menino mostra tem a seguinte frase: “*Feliz Dia da Visibilidade Trans*”. Já ao lado, a mensagem do administrador do perfil do PCESP: “*Quer saber um pouco mais sobre como os princípios dos direitos humanos garantem o acesso de pessoas trans à escola? Acesse <https://goo.gl/r5PXwW>. Quer conhecer algumas orientações curriculares para educação sexual que ajudem no debate de questões de gênero e sexualidade em sala de aula? Acesse <https://goo.gl/EBUQhG>. #VisibilidadeTrans*”.

Como apresentamos anteriormente, a abordagem de questões de gênero e diversidade sexual nos estabelecimentos de ensino é um dos principais pilares de defesa da “doutrinação ideológica” do ESP. Ao contrário dos PCESP, que compartilham da ideia de dialogar o tema nos ambientes escolares.

No espaço midiático do site do ESP há, inclusive, um modelo de notificação extrajudicial para que pais e alunos “vítimas de doutrinação ideológica” – a qual segundo o ESP fere valores religiosos, morais, políticos e partidários – possa assinar.

Enquanto a imagem do menino vestido de noiva que repercutiu negativamente entre os apoiadores do ESP, essa do menino vestido de princesa atentando para os direitos humanos obteve apoio dos atores sociais que interagiram com a postagem.

<sup>41</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2SHKbAI>. Acesso em: 23 jan. 2020.

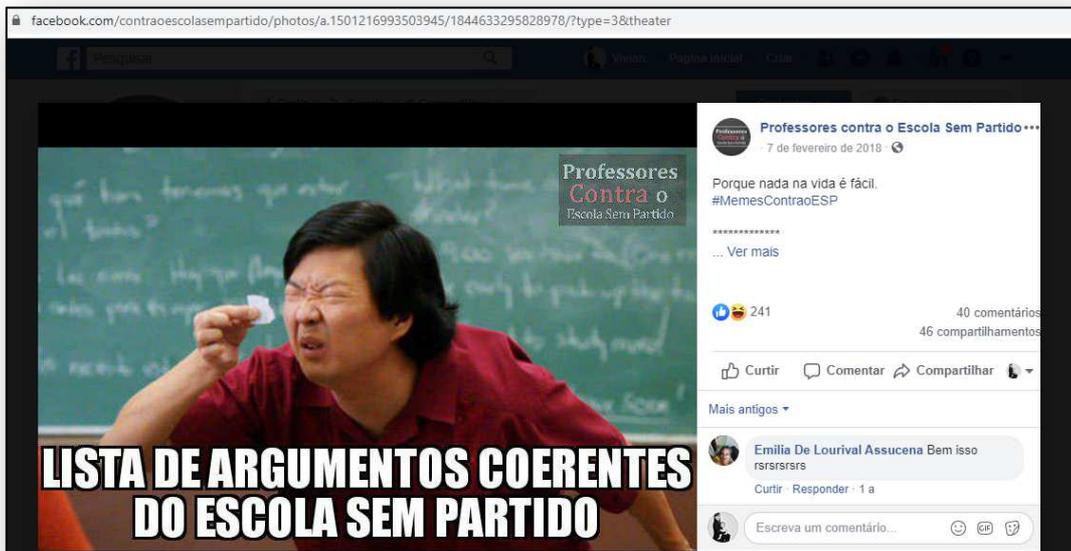
Ensejando um combate e embate no ambiente midiaticizado educacional, a diferença além da questão ideológica são os dois pontos de vista distintos sobre um mesmo assunto. Por parte do movimento institucional, o principal argumento utilizado pelos defensores do ESP para justificar seu posicionamento é que os alunos não são obrigados a serem expostos a “ideologias contrárias” às suas pessoais. Por outro lado, a resistência do grupo PCESP visa na defesa da sociedade como um todo, desde os direitos humanos quanto a promoção do respeito às diferenças.

Apesar dessa imagem ter gerado 105 curtidas e 23 compartilhamentos e cinco comentários, não foi possível analisarmos os comentários na postagem do *Facebook*, pois estavam ocultos. No entanto, a postagem indica, junto a imagem do menino com vestido de princesa, dois links informativos sobre direitos das pessoas trans no ambiente escolar, bem como orientações curriculares sobre gênero e sexualidade em sala de aula.

Nesse contexto, observamos também que quando o ESP compartilha uma imagem, um texto ou um vídeo que fala da “família tradicional”, no seu discurso a imagem da família é denegrada, como se a esquerda fosse destruir a família, transformando jovens e crianças em gays e lésbicas.

Outra forma de combate desenvolvido pelo PCESP é por meio da **linguagem** de memes (imagens com frases de humor). Analisamos entre as várias postagens no *Facebook* que o grupo usa muitos memes para desconstruir, justificar ou combater o movimento institucional e os temas que ele defende, como sugere figura abaixo:

Figura 44 – Meme de combate ao ESP



Fonte: *Facebook* PCESP<sup>42</sup>.

Vemos a imagem acima de forma humorística, com um homem de características orientais em uma sala de aula, olhando para um pequeno pedaço de papel e expressando a frase: “*Lista de argumentos coerentes do Escola sem Partido*”. Ao lado direito acompanha mensagem do perfil que diz: “*Porque nada na vida é fácil. #memescontraoESP*”. Entendemos essa estratégia de **humor** como **combate**, não tão “agressiva e violenta” quanto o institucional, ao desqualificar a partir ataques pessoais e ofensivos, conforme imagem abaixo.

Figura 45 – PCESP compartilha meme ofensivo e autoritário do ESP



Fonte: *Facebook* do PCESP<sup>43</sup>.

Acima, a ação agressiva e autoritária foi retirada e deslocada /mediatizada do site [amigosdadireita.blogspot.com.br](http://amigosdadireita.blogspot.com.br), em 2016, e compartilhada no Facebook do ESP. Com texto que faz críticas a Paulo Freire a imagem exibe um homem vestido de verde fazendo referência a um ditador/militar em cima de um “burro” ilustrada com a cabeça de Paulo Freire. O ditador possui uma lança na mão, a qual na ponta tem uma cenoura pendurada encenando que os seguidores de Freire não têm visão, são burros. Logo, os PCESP compartilharam do perfil do

<sup>42</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2T6G4xc>. Acesso em: 23 jan. 2020.

<sup>43</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2v0LHVt>. Acesso em: 03 fev. 2020.

ESP essa publicação e a repercussão gerou insatisfações com quem criou a charge e a publicou, e com o desrespeito e desqualificação do pensador.

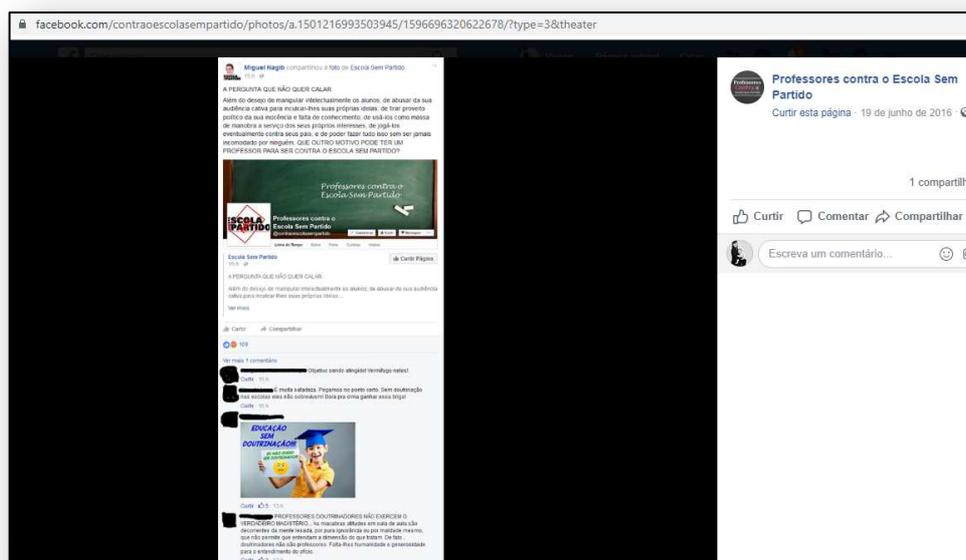
No post o administrador do *Facebook* dos PCESP observa: “*Mesmo depois do criador do movimento "escola sem partido" ter passado vergonha em um debate no Canal Futura falando besteiras sobre Paulo Freire, eles insistem no erro! Como um grupo como esse pode querer definir políticas públicas sobre a educação?*”

*Não é proibido que se faça críticas ao pensamento de Paulo Freire, mas para isso não é necessário representá-lo de maneira ofensiva. É um desrespeito absurdo e não acrescenta em nada”.*

Ações como essa são corriqueiras no perfil do movimento ESP, o que por outro lado, não observamos materialidades tão agressivas e ofensivas quanto essa no *Facebook* dos PCESP.

Nos chamou atenção, ainda, uma outra foto compartilhada pelo PCESP diretamente do perfil de Miguel Nagib no *Facebook*. Conforme já vimos, o ESP usa de estratégias de denúncia com exposição de fotos e nomes de professores/atores sociais que sejam contra o movimento institucional. Nesse sentido, observamos que o PCESP usou da mesma estratégia, mas para um viés diferente, de se **autopublicizar**.

Figura 46 – PCESP compartilha perfil de Miguel Nagib



Fonte: *Facebook* PCESP<sup>44</sup>.

<sup>44</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2vPlpFT>. Acesso em: 21 jan. 2020.

Acima visualizamos um circuito de ações que o ESP faz. Primeiro ele publica em seu *Facebook* o perfil dos PCESP; logo Nagib compartilha em seu perfil pessoal a mesma publicação do ESP. Em contrapartida, os professores contra retratam as ações do movimento institucional e de Nagib em seu do perfil do *Facebook*. Entendemos que além de publicizar o deslocamento da imagem ligando-a diretamente ao seu perfil pessoal, gerou uma série de sentidos e deslocamentos/circuitos que acabaram sendo explorados no perfil do grupo contrário. Nesse caso, o grupo PCESP usou da postagem de Nagib para se **autopromover**, também.

No texto da imagem Nagib escreve: “*A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR. Além do desejo de manipular intelectualmente os alunos; de abusar da sua audiência cativa para inculcar-lhes suas próprias ideias; de tirar proveito político da sua inocência e falta de conhecimento; de usá-los como massa de manobra a serviço dos seus próprios interesses; de jogá-los eventualmente contra seus pais; e de poder fazer tudo isso sem ser jamais incomodado por ninguém, QUE OUTRO MOTIVO PODE TER UM PROFESSOR PARA SER CONTRA O ESCOLA SEM PARTIDO?*”.

Apesar do *Facebook* dos PCESP não ter nenhuma curtida e comentário, a publicação de Nagib, por sua vez, teve 109 curtidas. Além dos comentários que aparecem na imagem, investigamos essa postagem no perfil de Nagib no *Facebook* e haviam 6 comentários, entre eles, os que aparecem na imagem: “*não parem, vocês estão incomodando os vermes certos*”; “*Objetivo sendo atingido! Vermífugo neles!*”; “*É muita safadeza. Pegamos no ponto certo. Sem doutrinação nas escolas eles não sobrevivem! Bora pra cima ganhar essa briga!*”; e “*PROFESSORES DOCTRINADORES NÃO EXERCEM O VERDADEIRO MAGISTÉRIO... As macabras atitudes em sala de aula são decorrentes da mente lesada, por pura ignorância ou por maldade mesmo, que não permite que entendam a dimensão do que tratam. De fato, doutrinadores não são professores. Falta-lhes humanidade e generosidade para o entendimento do ofício*”.

Nessa ação o teor de **vigilância** também se adequa às estratégias do movimento contrário, como se de certa forma os integrantes do PCESP “cuidassem” o que o movimento institucional publica, a fim de compartilhar e contrapor as ideias iniciais do ESP. Essa desconstrução da imagem do ESP é um dos pontos mais frequentes nas estratégias do PCESP midiaticizada no *Facebook*.

Trazemos agora um exemplo onde as áreas da política, comunicação e educação se coafetam em torno de estratégias específicas, conforme mostra a Figura 47. A imagem exhibe, na página do *Facebook* dos Professores contra Escola sem Partido, uma publicação do ESP com

uma faixa no chão apresentando a seguinte mensagem: “*Iniciativa do movimento direita São Paulo e da confraria 40, bandeirão do ESP é destaque em manifestação pró Bolsonaro, hoje na Paulista*”.

Figura 47– Circulação da bandeira do ESP em manifestação pró-Bolsonaro



Fonte: Facebook Professores contra o ESP<sup>45</sup>.

Ao replicar a foto, na página do PCESP é publicada a mensagem: “*Movimento Escola >>SEM PARTIDO<< teve direito a homenagem com bandeirão na manifestação pró-candidatura bolsista de ontem e agradeceu o apoio na sua página. As definições de ironia foram atualizadas. #elenunca #EleNão #eleições2018 #educaçãodemocrática*”. Há também comentários que falam de intervenção militar, não no mesmo contexto do institucional, apenas fazendo alusão aos apoiadores do movimento.

Aa imagem acima é um exemplo literal sobre uma operação de midiatização, pois quando a bandeira ultrapassa o espaço midiático (site e *Facebook*) e vai para o ambiente da rua circulando em uma ação **política**, cria efeitos no contexto da sociedade em midiatização, além de múltiplos enunciados mostrando a disputa pelo poder segundo os processos comunicacionais em circulação.

Esses conjuntos de dados foram sendo apanhados no processo observacional que desenvolvemos junto aos suportes comunicacionais escolares de várias ordens, além dos

<sup>45</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2V5AUns>. Acesso em: 20 out. 2019.

debates que se manifestavam entre distintos campos. Assim, foi possível perceber a importância dos processos de midiaticização nos debates do campo educacional e o enfrentamento político nas redes, pois apontaram pistas muito relevantes nesta análise comparativa. Isso nos leva a observar que no grupo contrário as manifestações também ganham foro ligado às eleições, apesar de não encontrarmos indícios de publicização partidária, como o ESP fez ao publicar foto de candidatos. O que encontramos foram mensagens de apoiadores do PCESP falando sobre “política”, como a seguir.

Figura 48 – PCESP compartilha opinião de apoiador no *Facebook*



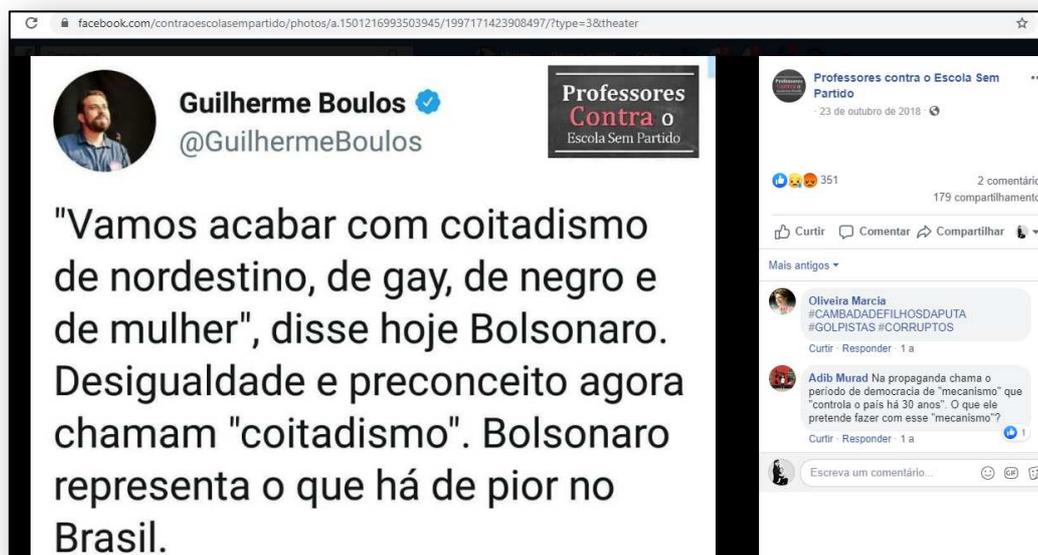
Fonte: *Facebook* PCESP<sup>46</sup>.

A mensagem de B. diz: “*O Brasil é o país onde a Escola sem Partido apoia oficialmente um partido na disputa para presidente*”. Logo, internautas comentaram sobre a postagem trazendo dados sobre o apoio de Jair Bolsonaro ao movimento Escola sem Partido.

Nessa assertiva, os sujeitos e atores sociais, diferentemente do movimento ESP, **discursam** da esfera política de forma **denunciativa**, com dados e informações acerca das eleições, sem apelo político quanto o ESP. Em várias postagens do ESP no *Facebook* no período eleitoral observamos seus apoiadores pedindo votos e compartilhando as fotos dos candidatos comprometidos em aprovar o programa, mas no *Facebook* dos PCESP essa realidade era como forma de protesto, além do compartilhamento de um comentário de Guilherme Boulos no *Twitter*, antes do segundo turno.

<sup>46</sup> Disponível em: <http://bit.ly/32dMONy>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Figura 49 – PCESP compartilha comentário de Boulos durante as eleições 2018



Fonte: *Facebook PCESP*<sup>47</sup>.

O comentário de Boulos compartilhado no perfil do grupo dos PCESP no *Facebook* ocorreu antes do segundo turno entre Jair Bolsonaro e Hadad. A imagem central expressa uma fala de Bolsonaro, segundo Boulos: “*Vamos acabar com coitadismo de nordestino, de gay, de negro e de mulher*”, disse hoje Bolsonaro. *Desigualdade e preconceito agora chamam de “coitadismo”. Bolsonaro representa o que há de pior no Brasil*”, declara Boulos. Apesar do administrador do perfil no *Facebook* não escrever nada alusivo a postagem de Boulos, essa ação de **repúdio** a fala de Bolsonaro gerou 351 curtidas, 179 compartilhamentos e apenas dois comentários, sendo que um deles, O.M. reage com palavras de baixo calão: “*#CAMBADADEFILHOSDAPUTA #GOLPISTAS #CORRUPTOS*”.

Essas disputas de discursos, aqui comparados, indicam onde a enunciação se faz, e como o discurso social aparece nessas páginas, isso evidencia que, de alguma forma, pertencem a agrupamentos específicos. Além disso, as pistas tecidas nesta análise - junto dos conceitos apresentados - sugerem que as estratégias operacionais, em que fluxos e circuitos desses discursos geram efeitos na midiatização, emergem de uma nova oferta, a qual chamamos de oferta midiatizada.

Pensamos esse novo paradigma que traz efeitos culturais e sociais às práticas comunicacionais como uma hipótese que vê no futuro digital a existência de um novo processo midiatizado, onde sua dinâmica é composta por operações que engendram, baseada

<sup>47</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2v0IHZf>. Acesso em: 03 fev. 2020.

nas lógicas de mídia e de midiaticização, a oferta midiaticizada. A partir das interações observadas, os efeitos produzidos no espaço midiático nos fazem retomar o problema de pesquisa: Como se desenvolvem as disputas de sentidos entre o movimento institucional Escola sem Partido e o grupo Professores Contra o Escola sem Partido a partir das lógicas de mídia e midiaticização? Ou seja, nessas esferas trabalhadas e constituídas na midiaticização, tecemos novos sentidos, mediações e conceitos recriados ao sistematizarmos as estratégias.

Nesse contexto, entre os diversos materiais divulgados na época das eleições no *Facebook* por parte do PCESP, encontramos outra estratégia no intuito de **mobilizar** e conseguir mais apoiadores para o grupo PCESP, conforme imagem a seguir.

Figura 50 – Estratégia de captação de apoiadores do PCESP



Fonte: *Facebook* PCESP<sup>48</sup>.

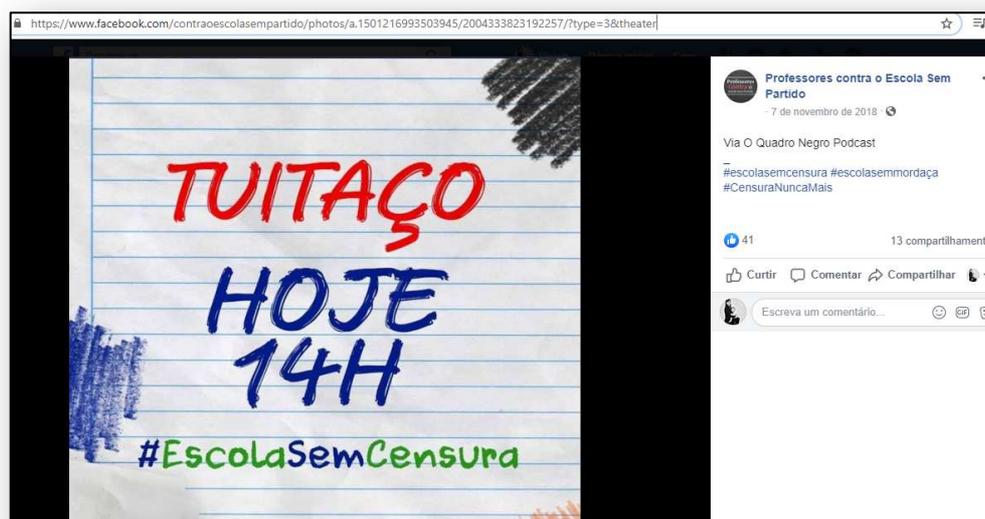
Entendemos essa ação como uma resposta ao vídeo da professora amordaçada, publicado um mês antes dessa ação midiaticizada que circulou em diferentes áreas de atuação nas redes sociais. Na imagem acima, uma mulher com os lábios tapados como se um professor não pudesse falar, tem uma mensagem direcionada à diferentes áreas: “*Sou funcionário público. E sou contra o Projeto de Lei Escola sem Partido*”.

Entendemos essa repetição na imagem expressa em diferentes áreas, como uma **gramática de produção**, onde cada ator social pode compartilhar sua profissão e argumentar acerca do tema central: o combate ao ESP. Nesse processo, o PCESP usou de outra estratégia

<sup>48</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2V69WvZ>. Acesso em: 20 jan. 2020.

para convocar a ocorrência de um combate on-line ao movimento ESP, conforme Figura 51. Nela há um convite a todos a ingressar e usar do *Twitter* para publicar às 14h, a mensagem: #escolasemcensura.

Figura 51 – Operação singular de midiaticização: tuitaço #escolasemcensura



Fonte: Facebook PCESP<sup>49</sup>.

A imagem acima se destaca como um anúncio ou chamado dirigido aos internautas apoiadores do PCESP, gerando **mobilização** entre os apoiadores que rendeu à #escolasemcensura mais de 13 mil *tweets*. Em seguida o coletivo compartilhou do *Twitter* no *Facebook* a relação dos assuntos mais comentados no dia, ficando em terceiro lugar no pódio dos assuntos. De certa forma, essa tática dos professores contra o ESP deu certo, pois é uma complexa e dinâmica ação comunicacional que envolveu a presença de vários coletivos nos circuitos de comunicação, e também de produção de sentidos por parte do universo dos professores, entendida por nós como uma estratégia de midiaticização.

A figura 52 faz a relação dos assuntos mais comentados no *Twitter* no dia do tuitaço.

<sup>49</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2P93aly>. Acesso em: 02 fev. 2020.

Figura 52 – PCESP compartilham resultado do tuitaço



Fonte: Facebook PCESP<sup>50</sup>.

Com a mensagem: “#escolasemcensura nos destaques do #twitterbrasil A luta contra o Escola sem Partido na Camara dos Deputados segue com força!”, o grupo dos PCESP comemoram no *Facebook* a ação de **mobilização** do dia do tuitaço. Para tanto, além da convocação/mobilização, o PCESP usou do *Facebook* para marcar a outra plataforma (#twitterbrasil) no intuito de **publicizar** a ação comunicacional. Gerando novas formas de sociabilidade que impulsionam os efeitos das organizações com a sociedade em midiaticização, o *Twitter* é uma das ferramentas mais ágeis de caráter temporal e de linguagem digital capaz de gerar circuitos na estratégia.

Nesse contexto, o PCESP também aproveita da mídia enquanto estratégia do próprio discurso. Ou seja, a figura a seguir traz mensagens produzidas por uma organização que gerou efeitos no campo das mídias e, conseqüentemente, afetando a sociedade em midiaticização.

<sup>50</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2ukMbpe>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Figura 53 – PCESP compartilha matéria do Estadão



Fonte: *Facebook PCESP*<sup>51</sup>.

Miège (2009, p.110) apud Sbardelotto (2018, p.299) observa que as mídias não são entendidas apenas como aparatos tecnológicos, mas sim como dispositivos “sociotécnicos e socio-simbólicos”, os quais também servem de geradores e de apropriações de imagem.

Acima, por exemplo, o PCESP usou das mídias tradicionais para fazer circular seus interesses de mais uma vez se **autopromover** via outras fontes. No entanto, a imagem diz respeito a um texto/artigo de autoria do próprio grupo dos PCESP. O caso aqui é que a mídia está atribuindo valor a existência deste circuito de comunicação dos professores. Ou seja, notamos que quando a mídia foi afetada por uma produção do PCESP novos atores também interagiram com o grupo.

A imagem exhibe a frase grande em negrito, expressando a suposta falta de transparência do MP em apoio ao ESP: “*O problema do apoio de membros do Ministério Público ao Escola sem Partido*”. O enunciador do movimento dos professores também chama a atenção e descreve que: “*Texto do nosso grupo publicado hoje no Estadão criticando a falta*

<sup>51</sup> Disponível em: <http://bit.ly/3bTMKHI>. Acesso em: 22 jan. 2020.

de transparência com que alguns integrantes do Ministério Público vem declarando apoio ao Escola Sem Partido e indicando as inconsistências da suposta "nota técnica" em defesa dos projetos. <https://bit.ly/2qTddi4>".

Contudo, notamos no perfil do *Facebook*, em algumas ocasiões, que o PCESP republica algo do ESP de outra plataforma, como o caso abaixo:

Figura 54 – *Facebook* do PCESP atenta para postagem do ESP no *Twitter*



Fonte: *Facebook* PCESP<sup>52</sup>.

Antes, explicamos os diferentes circuitos e sentidos que essa imagem produz. Primeiro ela foi publicada no *Twitter* pelo movimento ESP, depois compartilhada no *Twitter* pelo grupo PCESP, e após uma montagem com ambas publicações foi compartilhada no *Facebook* gerando cerca de 400 curtidas, 59 comentários e 91 compartilhamentos,

Em 9 de abril de 2019, o ESP postou no *Twitter* a seguinte mensagem: “*Quer uma dica pra saber se tem algum militante disfarçado de professor dando aula pro seu filho? Acompanhe as postagens dos professores dele nas redes sociais*”.

A mensagem do ESP é usada como forma de **induzir** o internauta a uma investigação, e foi recebida pelos apoiadores do PCESP como ódio e perseguição religiosa, conforme intervenção e a reação de um militante do movimento dos professores, M.E: “*Mas essa*

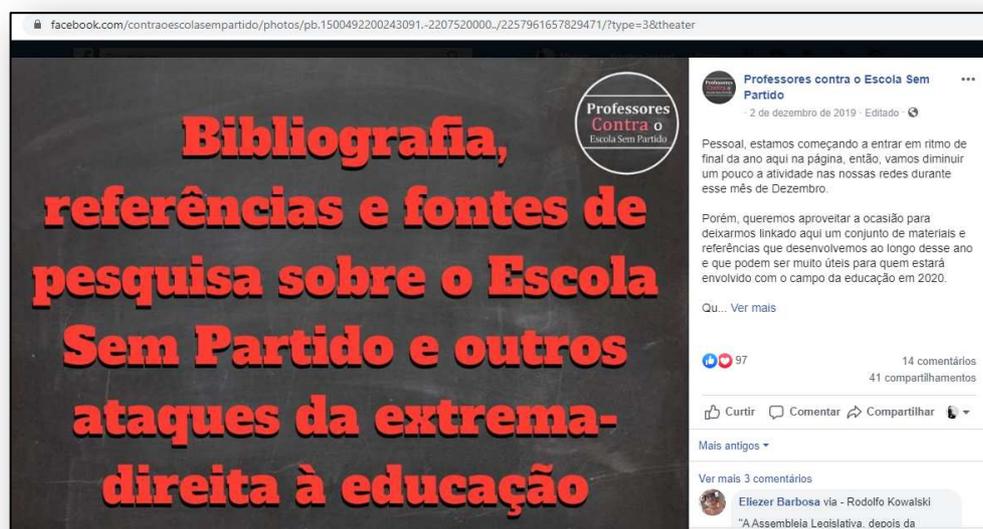
<sup>52</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2ZejELL>. Acesso em: 22 maio 2019.

porcaria desse “partido sem partido”, que parece viver de ódio aos professores, só existe no Brasil?... Isso deve ser alguma invenção dos mentecaptos alienados dos evangélicos”.

Contudo, o desenranhamento do processo comunicacional dessa estratégia nos aponta para lógicas midiáticas do objeto, **discurso/público e privado** (invasão de privacidade) por parte do ESP e marcas **imagéticas/produção de sentidos** por parte de denúncia do PCESP.

Diferente do ESP, durante as observações do perfil do PCESP constantemente o grupo incentiva outras fontes de consultas, como livros, pesquisas e demais informações, fazendo apelo mais amplo para seus circuitos de interlocutores, se posicionando a desenvolver ações culturais conforme imagem abaixo.

Figura 55 – PCESP indicam leituras



Fonte: Facebook PCESP<sup>53</sup>.

Acima um quadro preto com letras vermelhas atenta para dicas de bibliografias e referências: “*Bibliografia, referências e fontes de pesquisas sobre o Escola sem Partido e outros ataques da extrema direita à educação*”.

Com mensagem de agradecimento e apoio, o administrador do perfil dos PCESP escreve:

*“Pessoal, estamos começando a entrar em ritmo de final de ano aqui na página, então, vamos diminuir um pouco a atividade nas nossas redes durante esse mês de Dezembro. Porém, queremos aproveitar a ocasião para deixarmos linkado aqui um conjunto de materiais e referências que desenvolvemos ao longo desse*

<sup>53</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2HEFIsj>. Acesso em: 20 jan. 2020.

*ano e que podem ser muito úteis para quem estará envolvido com o campo da educação em 2020. Queremos também agradecer a todas e todos que nos apoiaram direta ou indiretamente curtindo, compartilhando ou colaborando com a gente ao longo de 2019. Esse ano foi e está sendo extremamente intenso - para o bem ou para o mal - e foi muito bom podermos ter vocês para dividir esses momentos. No fim, é isso que nos permite continuar seguindo em frente. Muito obrigado e boas festas”.* Nossos podcasts <https://open.spotify.com/show/2k2tAXWukPd9KTygtnQr3?si=tYvIC2UFRH2XPby8PL4RyQ./> Nossos vídeos <https://www.youtube.com/channel/UCaSgr2xAd3PxuNMuKEyJ08Q>. Nossos textos, artigos e análises <https://profscontraoesp.org/>. Nossa campanha de financiamento coletivo <https://benfeitoria.com/profscontraoesp>. Levantamento com os projetos de lei que visam implementar a censura em salas de aula [https://www.escolasemmordaca.org.br/?page\\_id=4218](https://www.escolasemmordaca.org.br/?page_id=4218).

Com mensagem de agradecimento aos atores sociais que interagiram no ano de 2019 com o grupo PCESP, o texto **argumentativo** acima capacita/induz seus apoiadores para a “luta” em termos de **produção de sentidos** contra o movimento institucional do ESP, oferecendo bibliografias e informações científicas.

À direita, há comentários que interagem com a publicação onde observamos interações contrárias vindas de apoiadores do movimento do ESP. Isso gerou uma série de outras interações agressivas com discurso de ódio aos professores. Destacamos, sobretudo, a diferença na **linguagem** do movimento ESP e do grupo dos PCESP: um mais agressivo e outro de forma informacional. Abaixo se destaca os ângulos mais agressivos enunciados por atores sociais apoiadores do ESP.

*S.M.M.: “E o que fez o PT no tocante a educação neste país????Mandou passar todos os alunos do ensino fundamental!!!Quem teve a idéia eleitoreira de SÓ REPROVAR OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL APENAS NOS TERCEIROS, SEXTOS E NONOS ANOS????????????????O PT!!!!!! Parabéns ao PT que emburreceu este país!!!!!!Sou professora e sei como funcionava a educação neste país!!!Com o PT era uma catástrofe!!!”.*

*J.C.M.G: “Seus lixos comunistas, vão pra Vuba ou Venezuela”.*

*S.P.M.M.: Flávio Pontes Não cortou gastos em educação!!!O que querem é acabar com o desvio que ocorre em grande parte das universidades.Fui professora durante muitos e muitos anos,e sei como as coisas funcionam!! Estudei na época que você considera DITADURA, e posso lhe dizer que tínhamos uma educação de ponta!!!Pelo visto, você é muito jovem!!!Sabes quem apanhava na época em que os militares estavam no poder??? Baderneiros, assaltantes de banco( Dilma Rousseff participou de um assalto a banco),e também vagabundos que eram experts em fazer bombas Molotov.Voltando ao período em que o PT(a nefasta esquerda) estava no poder tivemos uma educação de quinta categoria!!!*

*A aprovação era maciça!!Aí do professor que reprovasse algum aluno(melhor dizer frequentar de escola),pois para ser reprovado só frequentador de escola,ou nem isso.Nada como chegar aos 64 anos e ter vivido tudo isso!!Conhecer a verdadeira história,e não a mentirosa história ensinada a alunos universitários ingênuos!!!*

*S.M.M.: Morena Mallu Caetano Falcão Não sou petralha burra como você!!!Simples assim!!!Em escola não se impõe aos alunos as nossas opiniões partidárias!!!Deu para entender,ou quer que eu desenhe?????????*

Já as interações menos agressivas em seus discursos e linguagem ficam por conta dos atores militantes do grupo dos PCESP:

*M.M.C.F.: Solange Medeiros de enezes eu também, sinto compaixão de você, querida! Estudaste tanto, e mesmo assim, és uma professora despolitizada. #Lamentável*

*F.P.: Solange Medeiros de Menezes melhor é um cara que corta gastos da educação, despreza os professores e coloca como ministro da educação um homem que não entende nada de ensino, né. Sinceramente, não é preciso ser a favor do PT pra ver que o que este governo tem feito é uma barbarie.*

Aqui temos um exemplo claro de **combate** entre ambas estratégias, bem como um sujeito **apropria-se** do **discurso** do outro para proferir novas ideias e gerar novos efeitos.

Por último, a questão colaborativa/lucrativa também aparece no grupo dos PCESP. Abaixo captamos o perfil do PCESP no *Facebook* divulgando as primeiras contribuições financeiras, vindas da **adesão** de um site colaborativo assim como o movimento institucional.

Figura 56 –Professores Contra o ESP divulga conta no Benfeitoria



Fonte: Facebook PCESP<sup>54</sup>.

A imagem compartilhada no Facebook exibe mensagem no perfil: “*Olha que maneiro! Recebemos nossa primeira contribuição na nossa campanha no Benfeitoria!!! Quer conhecer o nosso projeto? Acesse <https://benfeitoria.com/profscontraoesp>”*. Com o mesmo intuito do ESP, que possui conta no Apoia-se, o perfil do PCESP criou no benfeitoria<sup>55</sup>. No entanto, na descrição diz que visa arrecadar doações para “*expandir as nossas atividades: vídeos, podcasts, artigos, pesquisas e levantamento de dados*”.

Até o momento, janeiro de 2020, o PCESP arrecadou 230 reais, possui 8 assinantes e disponibiliza *podcasts* no perfil como fonte de informação ao contribuinte:

*Quem somos e como atuamos: Desde 2015, quando percebemos com grande preocupação o crescimento de movimentos como o Escola Sem Partido, que pretendiam e pretendem impor a censura em escolas, temos atuado contra todos que fomentam a perseguição política a professores e dentro das escolas. Defendemos, em primeiro lugar, a liberdade de educar e de aprender em um ambiente escolar inclusivo, plural e democrático. Nossos espaços de atuação vem se desenvolveram através das mídias digitais. Assim, nossa proposta se deliniou em torna da produção de materiais de formação política, como vídeos, podcasts, textos, artigos, livros e cursos. Gostaríamos da ajuda de todas e todos para podermos continuar construindo uma infra-estrutura de produção, com os*

<sup>54</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2ue8Bbu>. Acesso em: 24 jan. 2020.

<sup>55</sup> A Benfeitoria é uma plataforma de mobilização de recursos para projetos de impacto cultural, social, econômico e ambiental. <https://benfeitoria.com/proposta>. Acesso em: 24 jan. 2020.

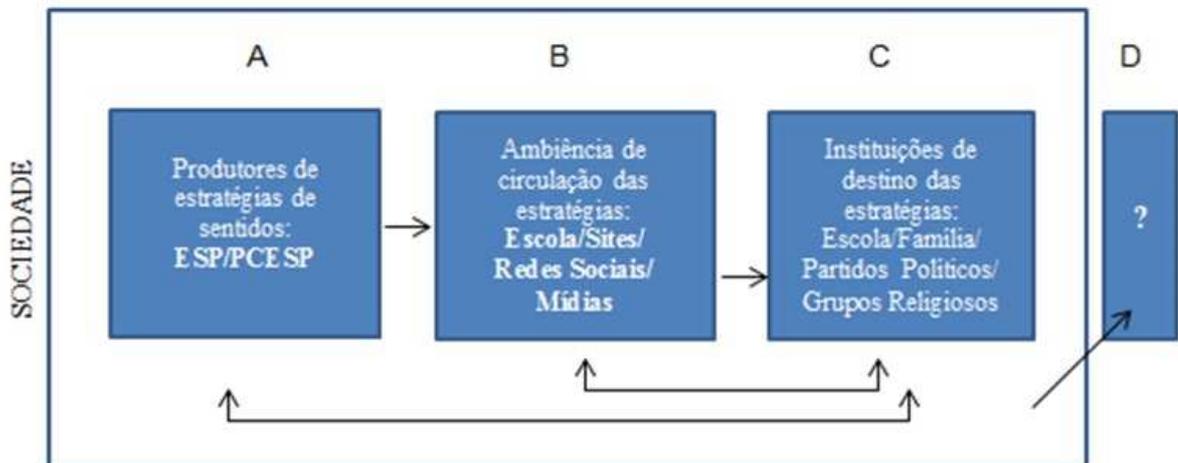
*equipamentos e recursos necessários, e ampliarmos o alcance da nossa mobilização. O que propomos: Manter o nosso site ativo e seguro; Planejar e oferecer palestras e cursos de formação; Investir em equipamentos para a produção dos nossos podcasts e vídeos; Para conhecer mais do nosso trabalho: <https://profscontraoesp.org>; Twitter/Instagram; @profscontraoesp; <https://soundcloud.com/profscontraoesp>; <http://www.facebook.com/contraoescolasempartido>; <http://www.youtube.com/c/ProfessoresContraoEscolaSemPartido>*

Podemos observar nas ações do Professores Contra o Escola sem Partido algumas estratégias muito parecidas, porém mais didáticas, divulgadas ou elaboradas de forma diferente ou menos tendenciosas. O grupo, em suma, visa desconstruir o ESP por meio estratégias informativas por via de informações, textos científicos, entrevistas, *podcasts* sobre diferentes temas. Em contrapartida, o site do grupo foca mais no combate com obras científicas acerca do tema (algumas analisamos no estado da arte) e *podcasts*.

O site do PCESP é bem diferente do movimento do ESP, é mais limpo, sem muitas interações, ramificações e links. Assim como o *Facebook* do PCESP, sem muitas imagens que denegridam a imagem do professor ou outro ator social etc. O PCESP ataca/desconstrói a imagem do movimento institucional por meio de outras operações, como o recurso de memes, entrevistas, dica de livros, textos, movimentos de denúncia etc.

A partir dessas percepções, elaboramos um esquema onde o movimento ESP e o grupo dos PCESP convergem – atingindo a sociedade como um todo – e circulam ao serem afetados pela midiaticização:

Figura 57 – Ambiência/circuito do caso



Fonte: Elaborada pela autora.

Este esquema demonstra a questão das denúncias e discursos do objeto dentro do contexto midiático, uma vez que os meios atravessam todos os campos. Na imagem os circuitos são representados da seguinte forma: produtores de estratégias (ESPxPCESP) que chamamos de **A**; na sequência, o grupo **B** diz respeito à ambiência de circulação das estratégias (sites, redes sociais, escola, mídias etc.); o **C** representa as instituições de destino dessas estratégias como família, escola, partidos políticos, grupos religiosos. E, ainda, o grupo **D** contempla um destino imprevisto, o qual a priori não sabemos. Assim, nessa ambiência, a qual é apresentada pela sociedade, inúmeras práticas desenvolvidas por sistemas geram circuitos, onde o A produz e causa efeito no B que interage com o C, bem como pode interagir também com o A, e outros efeitos retornam a sociedade, e vice-versa. Além de circuitos que não se conhecem, ou seja, o D.

Nesse contexto, a partir do movimento institucional e do grupo PCESP surgem pautas que se inserem nos campos comunicacionais por meio das redes digitais. Essa circulação provém de lógicas de ambas interfaces, e desencadeiam sentidos e novas produções de sentidos, as quais retornam ao espaço da circulação e geram novos acontecimentos/lógicas, mediatizando-se.

Para tanto, é nesse contexto que as relações entre instituições e atores sociais são permeadas pelas lógicas de mídia e de mediação que contemplando novas articulações decorrentes das diferentes práticas sociais.

A partir desta análise o item abaixo traz algumas inferências que visam sistematizar algumas interpretações primeiras, em termos comparativos, sobre as especificidades, divergências e convergências das duas estratégias estudadas.

### **5.3 Apresentando Inferências**

Esta análise se ateve a uma reflexão de caráter comparativo, trazendo materiais que geraram sentidos na sociedade em mediação e examinando peças acerca do objeto aqui estudado. Fazer uma análise desta natureza, buscando evitar que elementos importantes escapulisses a esta perspectiva, é um desafio. Requer lucidez do pesquisador e coerência diante dos fatos.

Assim, esse item se propõe a apresentar inferências provisórias sobre a análise das duas estratégias – movimento institucional e o grupo PCESP – visando destacar, especialmente, um conjunto de referências que dizem respeito a presença da mediação na construção de dois tipos de discursos: o de combate e o de denúncia.

Observamos que a produção de sentidos no funcionamento instituição/escola, em torno de problemáticas e temas sobre o tipo de educação ofertada a crianças e jovens estudantes, no atual contexto educacional do Brasil, é dinamizada por diferentes ações comunicacionais entre as estratégias. Buscamos apontar, de modo sistemático, como funcionam em termos de articulações de discursos midiáticos e escolares, duas práticas sociais cada vez mais entrelaçadas por operações de mediação e ações comunicacionais.

No entanto, as descrições deste item serão ampliadas no capítulo final – a conclusão – quando pretendemos examinar de modo reflexivo a importância e singularidade do trabalho da mediação na produção de sentidos no âmbito de um projeto escolar e educativo brasileiro, atravessado por disputas ideológicas, políticas e pedagógicas.

As duas estratégias já se encontram num cenário mediado, rodeado de estratégias/ações que emergem da elaboração dos seus atores em torno com duas perspectivas, a educação instrumental e uma segunda identificada como participação institucional docente no processo de educação de jovens educandos.

Uma das primeiras observações acerca do objeto em análise diz respeito aos debates centrais do ESP sobre temas como: apartidarismo, denúncia e ideologias, mas que não ficam sem respostas, uma vez que as primeiras observações em torno do PCESP mostram que elas servem como forma de “resposta” ao discurso institucional do ESP.

Nesse cenário ocorrem diversas situações de forma de combate e de ataque ao grupo, principalmente contra os professores, pais e alunos, evidenciando diversos níveis de ações discursivas de contra posição.

Alguns fenômenos comunicacionais e de sentidos são notórios, como a exposição dos das duas estratégias. Por exemplo, o ESP costuma expor os atores sociais antimovimento, expondo nome, fotos, rosto sem preceitos ou “medo” de ferir condições de ética. Já o PCESP, na maioria das vezes, busca preservar o internauta, principalmente em condições de denúncia opta por não exibir sua fonte.

A questão do partidarismo é muito forte, de fato, pois observamos uma aceitação política e partidária de ambos, embora o PCESP não tenha compartilhado indícios de candidatos ou apoiadores políticos como o ESP durante as eleições 2018.

Observamos também que há um embate discursivo em termos de linguagem entre “direita e esquerda”, “conservadores e comunistas”, “bolsomion e petralha” etc., apenas exemplos que nos deparamos nesse processo. Nessa questão também apuramos uma fala “chula, grossa, estúpida e debochada” de um lado, outra mais rebuscada (às vezes), debochada

e formal, algo que caracterizava o funcionamento de certo tipo de discurso político que visa, antes de tudo, o aniquilamento do adversário.

A questão da midiatização presente em ambas as estratégias também contribui para a condução dos materiais em circulação. Além disso, todos os temas de cunho social abordados pelo ESP e pelo PCESP estão imersos na midiatização. Para tanto, suas marcas de intervenção da midiatização em ambos iniciaram desde a criação. O ESP, por sua vez, com um site devidamente confuso, com muitas ramificações, links e uma linguagem simples quase grosseira, discurso com fácil adesão e com dicas de livros didáticos que mostrariam o seu viés ideológico inspirado em modelos arcaicos de educação. O PCESP por outro lado, com pouca interação no site, mas organizado. Com linguagem mais rebuscada visa informar e alertar seus sujeitos com dicas de livros, artigos científicos, bibliografias, *podcast* etc.

Já, o movimento institucional, a partir de vídeos, ganha muito mais visibilidade nas redes sociais que o grupo dos PCESP. Acreditamos que seja pelo tom das denúncias com base e impressões individuais, pela postura e expressão dos sujeitos que falam nos vídeos, comportamento, linguagem depreciativa e marcas que chamam a atenção e causam afetações na sociedade em midiatização. Entendemos isso enquanto uma característica cultural, muitas pessoas preferem assistir a um vídeo polêmico a uma entrevista com temas educativos, por exemplo.

Em contrapartida, quando os PCESP começaram a produzir conteúdo de áudio e demais materiais comunicacionais, notamos que a visibilidade do grupo também aumentou a partir de seus *podcasts* colaborativos. Acreditamos que por ser docentes e convidados que abordam diferentes temas tão essenciais hoje, uma parte da população, especialmente jovens, estão mais abertos e engajados a novos debates, entre eles o político. Como também, um áudio acaba sendo mais fácil e prático de interagir do que um vídeo que precisa do ator social e de aparelho tecnológico para assisti-lo.

Quanto a atuação no *Facebook*, ambas estratégias atuam fortemente, engajando e interagindo com a sociedade em midiatização. Entretanto, notamos distanciamentos e aproximações resultantes do confronto entre os discursos. Todo material postado em outras plataformas tem no *Facebook* ou vice-versa. O ESP, apesar de ter perfil nas principais plataformas sociais (*Instagram, Twitter e Youtube*), é no *Facebook*, principalmente, que os debates e disputas de sentidos se arquetam. A partir de postagens que geram debate, fotos depreciativas, denúncias com linguagens ofensivas, veiculação de peças de propaganda, compartilhamento de informações/notícias da grande mídia (jornais, TV e rádio), vinculação política etc.

Com práticas de formação no campo educativo, o PCESP que também tem conta nas principais redes sociais (*Twitter, Instagram e Youtube*) se engaja com uma narrativa de resistência, menos ofensiva, humorística, informacional e científica. Suas estratégias visam, principalmente, desmobilizar o ESP e o programa ESP em um campo de tensionamento de discursos que é o *Facebook*. Porém, com ideologias diferentes.

Ao pensarmos na influência do objeto a partir das lógicas de mídia/midiatização, nos deparamos com dois processos discursivos que afetam as práticas sociais. Braga (2015) observa que o campo dos media e as tecnologias são dinâmicas que configuram as lógicas das mídias, que podem “se reforçar ou se tensionar mutuamente”. É nessa percepção de Braga que entendemos as concepções de midiatização como uma dinâmica “mais ampla do que o das instituições midiáticas, exigindo incluir aí as alternativas entre o midiatizado e o presencial, suas incidências mútuas, os processos de transformação e as articulações em suas múltiplas variantes”. (BRAGA. 2015, p. 26). Configuramos então os processos do ESP e o PCESP como resultado dessas lógicas que atravessam o campo das mídias a partir das tecnologias, ou vice-versa.

Nessa perspectiva, avaliamos os discursos colaborativos/financeiros que o objeto adotou, porém, observamos que apenas o movimento ESP criou um site para disponibilizar seus produtos/comércio à venda. Já, a questão política invade as duas esferas, uma redação atua de forma mais tendenciosa, pedindo votos, compartilhando candidatos, o outro nas entrelinhas, sem exposição ou preferência. Apesar de não fazer apelo político, pedir voto ou compartilhar foto de candidatos, o grupo dos PCESP tem apoiadores e matrizes na esquerda.

Nessa esfera política observamos que por mais que o PCESP não declare sua preferência política, todo seu discurso é construído em cima de contradições e inconstitucionalidades direcionados a adversários, opositores ou possíveis aderentes. Isso nos faz avaliar que o PCESP tem em suas ideologias discursos políticos de esquerda. Assim como o ESP, explicitamente, nasce nas bases da direita.

Dentro do processo de midiatização do objeto algumas inferências permitiram combate e embate, convite à denúncia, usos e regras, didática, política, religião, apropriação e adesão etc. Isso permitiu que os atores sociais/apoiadores ou militantes de ambos as constatem a partir de visitas no site do ESP ou na página do *Facebook* do PCESP.

Por outro lado, observamos que os processos de elaboração de algumas estratégias permitem a criação de novos sentidos, discursos, mediações, aprendizagem, ensinamentos e, principalmente, as formas de combate e embate que geram disputas de sentidos, a partir da mediação discursiva.

Dessa forma, em alguns momentos o ESP e o Professores contra o ESP se impulsionam dando visibilidade contrária, onde um divulga o outro. As ações comunicacionais dos professores contra o ESP têm como estratégia compartilhar alguns enunciados da página do ESP em sua página do *Facebook*, com o intuito de “desmascarar” ou “desmontar” as estratégias do ESP. O movimento ESP, por sua vez, também replica em sua página do *Facebook* materiais do PCESP, porém com ofensas e reações de ódio aos militantes contrários.

Considerando, nesse cenário, outras afetações das mídias que corroboram nas atividades institucionais do ESP e na resistência dos PCESP, estudamos e analisamos 54 materiais empíricos para identificar e caracterizar algumas práticas ou estratégias, que refletem o engendramento dos fenômenos em disputa.

Para tanto, elaboramos abaixo uma tabela com as principais ações comunicacionais que geram disputa de sentido no ESP e no PCESP.

Tabela 4 – Principais ações e produtos comunicacionais do ESP vs PCESP

<b>Ações ESP</b>	<b>Ações PCESP</b>
Carta (gramáticas de produção)	Podcasts (Produção audiovisual)
Produção de audiovisual (vídeos e memes)	Entrevistas docentes (áudios, vídeos e textos)
Outdoor (Produção imagética)	Redes Sociais
Sites	Site
Redes Sociais	Produção Científica (artigos e textos)
Produção imagética (fotos e imagens)	Produção imagética (imagens e fotos)
Entrevistas na mídia de Nagib (áudios, textos e vídeos)	Banner dos direitos dos professores
Ações de denúncia contra professores	Entrevistas na mídia dos professores
Banner dos deveres dos professores	Palestras

Fonte: Elaborada pela autora.

Nesta tabela visamos destacar as principais ações comunicacionais que se valeram de operações e de princípios de mediação sobre as quais repousa o trabalho de disputas de sentidos, segundo as estratégias dos dois segmentos estudados.

Podemos observar que mesmo que ambas as operações se aproximam, elas também se distanciam devido seus protocolos ideológicos. Diante dessa reflexão, também compreendemos que as estratégias que geram sentidos se manifestam, de fato, no *Facebook* e sites do objeto.

Contudo, esse olhar para as ações do objeto nos sugere, ainda, que as estratégias operacionais, onde fluxos e circuitos geram efeitos na midiaticização, emergem de uma nova oferta, a qual chamamos de oferta midiaticizada. Nela, acreditamos que os efeitos produzidos no espaço midiático são capazes de tecer novos sentidos, mediações e conceitos ao sistematizarmos as estratégias. Como descrevemos anteriormente, essa nova arquitetura nos traz novos saberes tecnodiscursivos midiáticos. Ou seja, novas práticas são acionadas a partir destes circuitos onde o ator social na sociedade em midiaticização interage.

Nesse contexto, apresentamos uma matéria que circulou na mídia e nas redes sociais sobre a aluna de Santa Catarina<sup>56</sup> (SC) que processou o Estado por “doutrinação esquerdista”. Somente este caso que repercutiu na mídia, na internet e criou disputas de sentidos em diferentes esferas: educação, política, jurídica e comunicação, já denota um exemplo de midiaticização. Porém, extrapolando o ambiente *stricto sensu*, bem como os muros educacionais, gerando efeitos na vida pessoal dos envolvidos e da escola; vídeos (da aluna em sala de aula, da mãe expondo a professora denunciada e do ESP sobre o assunto); cartas; processos jurídicos (de ambos os lados: combate x embate); entrevistas; áudios; notícias; envolvimento pessoal (o próprio Nagib ajuizou uma ação no MP contra a professora por improbidade administrativa e; a mãe da aluna solicitando 100 mil reais de indenização (50 mil para a aluna e 50 mil para a mãe) alegando que também foi vítima de doutrinação e prejuízos); bem como os efeitos que esta repercussão trouxe nos atores sociais que interagiram nas redes e internet - sugerimos uma nova oferta midiaticizada. Uma vez que, apenas este caso, ofertou quase todas as ações comunicacionais sistematizadas nos materiais.

Outro exemplo, são as denúncias que aparecem em ambas estratégias tanto no site quanto no *Facebook* quando os atores sociais/instituição ou professores interagem por meio de comentários, compartilhamentos de fotos, vídeos, áudios e demais documentos. Ou mesmo, a carta escrita por Nagib ao desencadear todo esse processo institucional, comunicacional e novas práticas com a criação do movimento.

Outra ação que se coafeta é a questão do discurso presente também no objeto, por meio de circuitos e efeitos que se diferenciam em marcas como a linguagem, postura, usos e apropriações, mobilização etc., a partir de produtos veiculados no site e *Facebook*.

Quanto a motivação política, por mais que o ESP seja visivelmente uma instituição política, as ações aqui estudadas mostram estratégias que visam denunciar e/ou combater

---

<sup>56</sup> Matéria publicada no jornal Folha de São Paulo em 27 de fevereiro de 2020. “Aluna de 16 anos processa estado de SC por doutrinação esquerdista em sala de aula”. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/02/aluna-de-16-anos-processa-estado-de-sc-por-doutrinacao-esquerdista-em-sala-de-aula.shtml> Acesso em 03 de abril de 2020.

pontos de vista em disputa de sentidos, segundo operações midiáticas, ao lado de outras preocupações pedagógicas, como o banner e o outdoor, por exemplo.

A busca de recursos de som e imagem em ambos os grupos também é notória, segundo peculiaridades voltadas para informar ou para reforço de pontos de vista. No entanto, as estratégias visam compartilhar vídeos e áudios que dizem respeito a operações tecno-simbólicas com fins específicos de produção de sentido.

Na relação com outras mídias, o deslocamento/articulações de materiais para seus canais (site e *Facebook*), a fim de promover a autopromoção ou publicidade, são umas das principais competências dos movimentos mobilizados pelas estratégias em estudo.

A sociedade em midiatização está associada a um processo de mudanças e transformações de caráter comunicacional que afetam práticas sociais de diferentes campos e circuitos. Assim, com ajuda do quadro conceitual foi possível analisar algumas características das ações comunicacionais, para tanto, destacamos algumas delas neste momento de fechamento das inferências. Estas indicam marcas do processo de midiatização sobre a prática social estudada, segundo estratégias tanto do movimento institucional como as que envolvem o grupo PCESP.

Além destas, as formas de combate e embate do ESP e do PCESP também pautaram a construção das disputas, uma vez que tanto o movimento institucional quanto o grupo de resistência fomentaram com publicações, fotos, e materiais de modo polêmico, um com outro. Bem como, as interações dos internautas com as duas estratégias acerca de temas que envolvem as noções de resistência e denúncia.

Esta análise, à luz dos conceitos de midiatização, contribuí para atingirmos o objetivo do estudo comparativo das duas estratégias, com o intuito de entender como esses discursos, implementados por instituições/atores, operam sentidos e produzem efeitos na sociedade.

Assim, as estratégias estudadas nos fazem compreender a natureza do nosso objeto, e a importância da comunicação para viabilizar e publicizar pontos de vista que fazem a apologia aos interesses dos segmentos que se defrontaram neste presente estudo.

## 6 INFERÊNCIAS TEÓRICAS E CONCLUSÃO

Esta pesquisa baseia-se em processos observacionais sobre estratégias de comunicação do *Movimento Escola sem Partido* e do grupo *Professores Contra o Escola sem Partido*, cujas manifestações permitiram esta investigação através de conjuntos de capítulos, conforme a estrutura de trabalho desenvolvida. Como mencionado, a análise das estratégias comunicacionais da pesquisa se dá pelo aspecto de funcionamento da midiatização na produção de sentidos – no âmbito de um projeto escolar e educativo brasileiro – atravessado por disputas ideológicas, políticas e pedagógicas.

Para tanto, nos valem também de referências sobre a midiatização em processo por meio de análise comparativa do caso, cujas marcas midiáticas (fotos, vídeos, textos e imagens) se manifestaram no site e no contexto do *Facebook* do movimento institucional, e no site e no contexto do *Facebook* do grupo dos PCESP. Além, de uma nova oferta midiatizada que propomos ao identificar os novos efeitos produzidos no espaço midiático capazes de tecer novos sentidos, mediações e ao sistematizarmos as estratégias. Gerando efeitos na vida dos sujeitos que interagem, segundo várias práticas, que ultrapassam os limites desta pesquisa. Ou seja, novas práticas são acionadas a partir destes circuitos onde o ator social na sociedade em midiatização interage.

Em relação ao Facebook, observamos que tais manifestações estruturais de midiatização – de deslocamento de uma iniciativa educativa para o âmbito comunicacional, abre-se para todas as práticas sociais através de um ingresso de regras. Ou seja, as lutas de sentidos geram-se na escola, mas também quando o movimento do ESP e do grupo PCESP deslocam-se, respectivamente, através de suas páginas para o ambiente do *Facebook*, constituindo estratégias para suas questões através de circuitos.

Esta pesquisa resulta de uma motivação pessoal e intelectual, por acreditar que os contatos entre referências de elementos das práticas da comunicação e educação podem repercutir e transformar a vida de crianças, jovens e adultos, nos contextos de processos educativos e de aprendizados. Em um primeiro momento, a ideia inicial era trabalhar o tema da educomunicação, a qual abandonamos ao observarmos as disputas de sentidos no cenário eleitoral 2018, conforme situamos no início do trabalho.

Entretanto, no cenário eleitoral de 2018, disputas de sentidos acerca do tema Escola sem Partido suscitavam aspectos que envolviam construções simbólicas e significativas geradas a partir desse fenômeno, denúncias e exposição de professores contrários ao

movimento institucional, no site e *Facebook* do ESP, algo que permitiu um deslocamento e definição de um novo objeto.

Assim, a partir de observações das duas ações comunicacionais estudadas, constatamos que os circuitos engendrados por elas operavam com mais eficácia no site e no *Facebook*. Já, a partir da análise no estado da arte, ficou evidente que os principais canais de informação e construção de saberes do movimento ESP e do grupo PCESP foram as novas formas de dispositivos midiáticos que suscitaram a tensão e a circulação das ideias dos atores em disputa, segundo dinâmicas da mediatização em curso, de acordo, ainda, com os estudos mapeados de nossa parte.

Sob tal ângulo, em todas as etapas da pesquisa buscamos trabalhar o objeto a partir do objetivo principal: fazer um estudo comparativo das duas estratégias de mediatização, a do movimento Escola sem Partido e do grupo dos Professores Contra o ESP, a fim de entender como os discursos implementados por instituições/atores geravam sentidos, ofertando efeitos de diferentes naturezas, mas de acordo com óticas distintas.

Sempre preocupada com o viés mediatizado, cuidando os trajetos, conexões, circuitos, novos efeitos e práticas, nossa análise visou descrever os processos discursivos permeados pelo aparelho escolar, mas atravessada pela lógica dos meios de comunicação e da mediatização, conforme propostas elaboradas por Braga (2015). Para tanto, o autor entende que:

A lógica de mídia deve ser então problematizada, sendo tomada como questão a investigar, mais do que como explicação ou denominação das ocorrências em que os processos interacionais da sociedade se mediatizam. Lógicas de mediatização correspondem então a algo muito mais diversificado, menos globalmente apreensível, mais plural – e certamente menos conhecido – do que lógicas da mídia. (BRAGA, 2015, p. 26).

Segundo a perspectiva das lógicas de mídia/mediatização identificamos as articulações do objeto – que produz estranhamento e lutas – em termos de três momentos distintos:

- 1) quando as duas estratégias interagem com a sociedade em mediatização a partir do *Facebook* (enquanto meio/canal contemporâneo de informação);
- 2) quando ambos usam dos protocolos de condições e usos e apropriações mediatizadas para estruturar dinâmicas independentes que nem sempre se contestam;
- 3) quando o ESP passou a discutir a doutrinação ideológica causando efeitos e transformações na sociedade; e o PCESP passou a investigar a

inconstitucionalidade do movimento a partir de lógicas político/conservadoras de direita.

Nesse trajeto, conforme vimos, a pesquisa contemplou materiais de 2015 a 2019, que nos possibilitaram a percepção de que os dois movimentos são muito parecidos, mas diferem sob os ângulos das argumentações discursivas segundo perspectivas doutrinárias e ideológicas. Identificamos, também, que a partir desses discursos, inúmeras estratégias resultaram, inclusive, na criação de outras frentes a favor do movimento institucional que defende a ideia de doutrinação, bem como contrárias ao ESP que defendem a liberdade de cátedra. Ou seja, as ações comunicacionais que partem dessas estratégias enraízam-se na sociedade através da formação de novos grupos, sendo uma das características do ESP ao permear o tecido social gerando um conjunto de coletivos que se constituem em torno de temas como: *Mães pela Escola sem Partido*; *Frente gaúcha Escola sem Mordança*; *Escola sem Partido Já*; *Escola sem Partido – RS*; *Escola sem Partido Limeira*; *Escola sem Partido RJ*; *Escola sem Partido Núcleo Espírito Santo*; *Pais em apoio a Escola sem Partido*; *Fora Escola sem Partido*; *Professores a favor do ESP*; *Evangélicos pelo ESP*; *Escola com Partido*; *Escola sem Partido Oportunidades*; *Alagoas contra o Projeto de Lei ESP*; *Só Escola*; *Escola sem Pátria*; *Movimento Escola sem censura* etc.

Contudo, verificamos que o movimento sai da mídia e desloca-se para a sociedade, segundo novos circuitos, constituindo coletivos de apoio a suas ideologias, como mostramos no *hall* de ações da Figura 57, no esquema da ambiência/circuito do caso.

Embora muitas estratégias operam em temporalidades distintas – pelo ângulo do contexto da mediatização – uma outra característica do movimento ESP é a questão do apartidarismo. Apesar de o movimento institucional dizer que é apartidário, constatamos, a partir do capítulo empírico, que o ESP aponta para a partidarização, explicitando suas filiações e motivações políticas de caráter conservador. O fundador do ESP, por exemplo, tem ligações com instituições de direita e apoiadores políticos e religiosos, conforme estudamos ao longo da dissertação. Inclusive, os diferentes exemplos de produções midiáticas desmentem essa ação apartidária, demonstrando complexidade nos conflitos políticos quando as disputas de sentidos aparecem, no espaço mediatizado e nas imagens, que há partidarismo. Assim, avaliamos que o ESP resulta de um ato político que visa, justamente, coibir a liberdade de cátedra. Fruto de uma instituição criada a partir de uma insatisfação política, por meio de ações como carta, denúncia de professores, discursos no *Facebook*, censura aos professores, Programa Escola sem Partido, banner, site, redes sociais, produções audiovisuais e imagéticas, incitação de pais e estudantes à denúncia etc.

No mais, o ESP nasce no contexto de um ato de coerção de controle com práticas de doutrinação que desenvolvem em suas estratégias comunicacionais ações de cerceamento à liberdade, a regulação, a ameaça.

Por outro lado, quando examinamos as estratégias do grupo dos PCESP, as quais possuem angulações diferentes do institucional, vale lembrar algumas de suas características convergentes com a perspectiva da liberdade de cátedra. Em sua comunicabilidade, por exemplo, alguns valores são exortados visando defender os direitos dos professores, por meio de *podcasts*, entrevistas, produções científicas, produtos imagéticos, palestras, site, redes sociais, banner etc. Contudo, tais estratégias não defendem nem divulgam sua posição político partidária, mas têm “um lugar de fala” com claros interesses de defesa, entre os circuitos e bases inspirados em pontos de vista considerados de esquerda.

Nessas afetações, observamos que o movimento ESP desde suas práticas iniciais, em termos de ações comunicacionais, preocupava-se com a questão do denunciamento no site, por exemplo, demonstrando claramente afetações cujos alvos eram os professores. Isso se intensifica com a chegada das redes sociais, as quais vieram para constituir valor simbólico diante da ação comunicacional, não apenas com imagem e sons, mas como discurso e produtora de novos sentidos.

Quanto à exposição dos sujeitos, ambos coletivos se pautaram de estratégias para difamar ou defender seus ideais. Conforme os materiais estudados, o movimento institucional ao solicitar denúncias e fatos que as comprovassem a doutrinação ideológica em sala de aula, induziu os alunos a captarem vídeos e imagens a fim de divulgar no site do ESP ou no seu *Facebook*, os materiais sem a autorização dos professores. Nesse sentido, apropriaram-se do funcionamento da mídiatização para fazer circular diferentes pontos de vistas acerca do lugar da escola e dos processos educativos.

Conforme o estudo, destacamos no cenário da mídiatização um conjunto de ações que resultou de operações, fluxos com outras plataformas e agendas que mobilizaram o grupo dos PCESP, como o “tuitaço” por exemplo. Já, a questão ideológica por sua vez, gerou inúmeros sentidos por parte do movimento institucional ao deslocar-se para o campo religioso e produzir discursos que envolvessem e “chamassem a atenção” de pais e mães sobre ideologia de gênero e os valores morais da família no ambiente escolar.

Na relação combate x embate o que mais gerou disputa de sentidos foi a questão partidária, como mencionado anteriormente, pois amplos núcleos têm partidos, geram fenômenos e narrativas acerca da questão política, bem como fluxos e circuitos segundo perspectivas distintas, valendo-se de dinâmicas da ambiência da mídiatização.

Interessante ressaltar que a partir deste estudo podemos observar possíveis direcionamentos para outros fenômenos de interação midiaticizada; dados nos mostram, por exemplo, que o *Facebook* destacou-se como recurso tecno-discursivo contemporâneo, por ser uma instância que gerava circuitos fazendo emergir processos significativos na sociedade em midiaticização, com forte espectro radial. Além disso, torna-se um grande banco de dados onde suas práticas e discursos nele enunciadas articulam e atravessam diferentes esferas.

A partir das tabelas que criamos, alguns fenômenos em disputas ampliaram também nosso olhar observacional e com ele a busca por esclarecer o problema da pesquisa. Formulado e estudado a partir das ações comunicacionais, foi possível responder ao problema da pesquisa ao mostrar como se desenvolvem as disputas de sentidos entre o movimento institucional Escola sem Partido e o grupo Professores Contra o Escola sem Partido a partir das lógicas de mídia e midiaticização? Tais lógicas são desenvolvidas por meio de diferentes estratégias, e segundo os processos comunicacionais que resultaram em lutas de pontos de vistas entre os dois coletivos que operam no mundo escolar.

Dentre as ações, capturamos vários temas e questões examinadas e problematizadas pelas estratégias envolvendo questões de múltiplos ângulos, que transformaram a escola em um lugar de embate que se valeu fortemente de uma atividade de midiaticização. Diante da análise comparativa conforme as inferências acima, podemos dizer que os coletivos são parecidos estrategicamente e ao mesmo tempo diferentes nos modos de atuação.

Alguns dos temas por nós mencionados mostram que o estudo da midiaticização nos possibilitou investigar, a partir de processos sociais e midiáticos, níveis de disputa dentro do universo em estudo. Também observamos que tanto o movimento institucional ESP quanto o grupo PCESP geravam efeitos na vida dos sujeitos que interagem, segundo várias práticas, mas o estudo desses efeitos ultrapassa os limites da proposta da pesquisa aqui apresentada.

Nessa trajetória, quando a pesquisa busca pensar o comunicacional tivemos dúvidas e dificuldades, que nos exigiram refletir sobre o passo a passo da pesquisa. Inclusive, examinando a pertinência dos materiais, ignorando, muitas vezes, a própria opinião da autora da pesquisa, ao formular a leitura de textos, desvinculando-se de aspectos que envolviam a amplitude do tema etc.

Quanto aos circuitos gerados pelo movimento institucional, em nossa visão esse deslocamento de estar no site, ir para o ambiente das redes sociais (*Facebook*), depois migrar para a esfera política (Câmaras e Assembleias), deslocando-se para mídia tradicional e por último parar na parede da escola, é um exemplo que mostra que o discurso do ESP circula acionando elementos de processos de midiaticização engendrando novas práticas.

O grupo dos PCESP, dentro de uma tematização, de modo a chamar a atenção de seu apoiador/sociedade, buscou apresentar *podcasts* colaborativos semanalmente com diferentes temas, o que é muito interessante para a produção de sentidos comunicacionais. Destacamos também a sua estratégia jornalística/didática de disponibilizar aos internautas informações de obras científicas, bibliográficas, artigos etc. em seu site.

Visto que o ESP é um movimento em constante desenvolvimento e articulação, destacamos o âmbito de processos interacionais, que nos chamou atenção em seu site (mesmo que confuso), indicando as disputas de sentidos, presumíveis efeitos e discursos dentro da perspectiva comunicacional que o portal traz, as várias ramificações, *links*, *hiperlinks*, frases de impacto, articulações políticas e antipetistas, contradições e linguagem que se reinventam em um fluxo contínuo.

Uma das conclusões desta pesquisa é que percebemos o objeto em três fases distintas: a) criação, experimentação e institucionalização do ESP; b) na mídiatização do ESP e políticas midiáticas novos coletivos são fundados, entre eles o PCESP; e c) novas inferências configuram ainda as Eleições 2018 com marco de ações de resistência e de embate.

Assim, esta dissertação foi desenvolvida com a finalidade de identificar as disputas de sentidos em torno do movimento ESP e o grupo PCESP. De fato há disputas, especificidades e lógicas onde os discursos comunicacionais engendram diariamente afetações e processualidades na sociedade em mídiatização.

Contudo, o processo de investigação nos ensinou também que independente dos campos, o discurso político sempre irá afetá-los, articulando-se com processos comunicacionais e suas complexidades no contexto da sociedade. A pesquisa também nos mostrou que este objeto estudado está em evolução, está em constante crescimento, segundo ações e estratégias visando permear a vida social por meio de embates.

Comprovamos que as duas estratégias usam e apropriam-se dos processos comunicacionais de modo a visualizar nas mídias e plataformas suas ideologias e crenças. Isso nos faz refletir, ainda, sobre o desafio e a importância de investigações futuras que possibilitem conhecer as transformações produzidas pela mídiatização e práticas sociais, no mundo cotidiano dos indivíduos, especialmente, na vida dos atores sociais afetados por este objeto.

Refletimos neste trabalho quanto a percepção das crianças e jovens inseridos no espaço escolar e que já convivem com as “regras” do Programa ESP. Isso nos leva a questionar o que realmente muda no ambiente escolar? Os professores conseguem ser neutros? A exposição dos docentes em sala de aula continua?

Questões como estas nos enchem de dúvidas, porém, acredito que esse tipo de comportamento é de um segmento específico na esfera educacional, pois já citado, acredito que esta nova geração de jovens vem ampliando a visão e defendendo algumas causas mais relevantes.

Cabe fazermos uma reflexão sobre a escolha do título desta dissertação, cuja problemática está situada entre doutrinação de um lado e liberdade de cátedra/expressão de outro. Avaliamos essas práticas enquanto uma falsa dicotomia acerca do objeto, pois na prática estas duas dimensões se manifestam ao mesmo tempo nas duas estratégias, produzindo disputas de sentidos.

No entanto, essa lógica discursiva que visa difundir a ideia de uma educação neutra, conforme o programa do ESP, apenas demonstra que há interesses de outros campos na esfera educacional, como o político, por exemplo. Contudo, à luz das operações que compõem o ESP, observamos também uma forte estratégia de ocultar o controle da escola.

Refletir acerca da mediação é pensar em um processo dinâmico, constante, com inúmeras complexidades onde a sociedade é protagonista. Pois, é ela quem faz emergir, circular e produzir os sentidos e efeitos desse fenômeno.

A mediação gera desafios na sociedade contemporânea, que é afetada pela expansão tecnológica. Compreendemos as articulações dos circuitos comunicacionais em que o objeto/produtor interage com a sociedade/receptor e como organizam estes processos que transformam a todos.

Antes de entrar a fundo nas observações do objeto pensávamos: como essas lutas de sentidos se passam através de práticas de mediação? Agora, com a efetiva análise dos materiais acerca dos estudos em mediação e práticas sociais, bem como o aporte teórico-conceitual dos autores estudados nesta obra, tenho a clara visão de como funciona o engendramento que repercute na sociedade em mediação, as lógicas e discursividades dos dois coletivos.

Para tanto, a contribuição teórica-conceitual em um trabalho não somente é importante para o arranjo tecnológico, como também para articular os conceitos com as estratégias. Ainda que a mediação afeta todas as práticas sociais de modo distinto, a questão do discurso presente nas duas estratégias foi importante ao estabelecer um elo entre os atores e os campos sociais.

Conforme explica Fausto Neto, a mediação das práticas sociais resulta da “criação de uma nova situação de transações entre produtores e receptores [...] diante da constituição

de uma zona de contatos, produzida pelas novas condições de circulação dos discursos sociais”. (FAUSTO NETO, 2012, p. 267).

Diante dos limites desta pesquisa, que buscou o diálogo com conceitos tomados de outros campos e disciplinas, buscamos descrever os mecanismos que hoje articulam mediação com outras práticas sociais como a educacional e a política. Recuperamos singularidades que apontam para a complexidade do objeto estudado, mas também pistas, em caráter seminal, que poderão nortear futuras investigações em torno de tais configurações.

Sendo assim, acreditamos mesmo, e recuperamos algumas pistas do objeto estudado, pois outras são susceptíveis a novos estudos.

## REFERÊNCIAS<sup>1</sup>

- ALGEBAIL, Eveline. Escola sem Partido: o que é, como age, para que serve. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017. p. 63-74. Disponível em: <http://bit.ly/3cnlpgY>.
- ANSELMINO, N. R.; REVIGLIO, M. C.; DIVIANI, R. Esfera pública e redes sociais na Internet: O que é novo no Facebook? **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p. 67-89, agosto, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2VCMsFm>.
- BÁRBARA, I. S. M. S.; CUNHA, F. L.; BICALHO, P. P. G. Escola Sem Partido: visibilizando racionalidades, analisando governamentalidades. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LLP, 2017. p. 105-120. Disponível em: <http://bit.ly/3cnlpgY>.
- BRAGA, José Luiz. Aprendizagem versus Educação na Sociedade Mediatizada. *In*: Encontro Nacional da Compós, 10., 2002, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. Disponível em: <http://bit.ly/2wjHfkX>.
- BRAGA, José Luiz. Autoformação. *In*: CALAZANS, Regina Comunicação & Educação – questões delicadas na interface. São Paulo: Editora Hacker, 2001.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos de comunicação. *In*: Braga, José Luiz *et al.* (Org.). **Matrizes Interacionais** – a comunicação constrói a sociedade. Camina Grande: Eduepb, 2017. p. 43-84.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. *In*: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida (Org.). **Mediação e Mdiatização**: Livro Compós 2012. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012. p. 31-52. Disponível em: <https://bit.ly/2EPPzuF>.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 66-77, jan-abr, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2TsFcoL>.
- BRAGA, José Luiz. Interagindo com Foucault: Os arranjos disposicionais e a Comunicação. *In*: Encontro Anual da Compós, 27., 2018, Minas Gerais. **Anais eletrônicos [...]**. PUC – Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 2018b, p. 1-21. Disponível em: <https://bit.ly/2NM4h8H>.
- BRAGA, José Luiz. Lógicas da mídia, lógicas da midiatização. *In*: FAUSTO NETO, ANSELMINO, N. R.; GINDIN, I. L. (Org.). **Relatos de Investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosário: UNR Editora, 2015. p. 15-32.
- BRAGA, José Luiz. Midiatização: a complexidade de um novo processo social. **IHU On-line**, São Leopoldo, v. 9, n. 289, abril, 2009, s/p. Disponível em: <http://bit.ly/2x3PPon>.
- Braga, José Luiz. Midiatização: a complexidade de um novo processo social. *In*: IHU On-line, 13 de abril de 2009, São Leopoldo. Disponível em: <http://bit.ly/2PGr7AU>.
- BRAGA, José Luiz. Sobre “Mediatização” como processo interacional de referência. *In*: Congresso da Compós, 15., 2006, Bauru. **Anais eletrônicos [...]**, Unesp. Bauru: SP, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2SNAIEx>.
- BRAIT, Daniele. Os protagonistas do ESP. *In*: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org). **A ideologia do movimento Escola sem Partido**: 20 autores desmontam o

<sup>1</sup> Todas as obras foram acessadas entre 2018/1 e 2020/1.

discurso. São Paulo: Ação Educativa, 2016. p. 161-165. Disponível em: <http://bit.ly/2VCDJNl>.

CALDAS, Renan Rubim. Narrativas em movimento: do “Escola sem Partido” à “Educação Democrática”: história pública e trajetórias docentes. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2244.pdf>.

CALDAS, Renan Rubim. O antimovimento social “Escola Sem Partido” e a negação da produção de subjetividades nos espaços públicos. *In*: Simpósio Nacional de História, 29., 2017, Brasília. **Anais eletrônicos** [...], UNB, Brasília, 2017. Disponível em <http://www.snh2017.anpuh.org/site/anais>.

CARA, Daniel. O programa “Escola Sem Partido” quer uma escola sem educação. *In*: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org). **A ideologia do movimento Escola sem Partido**: 20 autores desmontam o discurso. São Paulo: Ação Educativa, 2016. p. 43-48. Disponível em: <http://bit.ly/2VCDJNl>.

CARLÓN, Mario. La cultura mediática contemporánea: otro motor, otra combustión (segunda apropiación de la Teoría de la Comunicación de Eliseo Verón: la dimensión espacial). *In*: CASTRO, Paulo César (Org.). **A circulação discursiva**: entre produção e reconhecimento. Maceió: Edufal, 2017. p. 25-48.

CARLÓN, Mario. Público, privado e íntimo: el caso Chicas bondi y el conflicto entre derecho a la imagen y libertad de expresión en la circulación contemporánea. *In*: CASTRO, Paulo César (Org). **Dicotomía público/privado**: estamos no camino certo? Maceió: EDUFAL, 2015. p. 6. Disponível em: <http://bit.ly/2PHITCC>.

CARLÓN, Mário; FAUSTO NETO, Antônio. **Las políticas de los internautas**: Nuevas formas de participación. 1ª ed. – Buenos Aires: La Crujia, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTILHO, M. M.; DALMOLIN, A. R. Escola Sem Partido: empreendimento moral na educação brasileira. *In*: Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade, 4., 2017, Santa Maria. **Anais eletrônicos** [...], UFSM, Santa Maria, 2017. Disponível em <http://www.ufsm.br/congressodireito/anais>.

CINGOLANI, Gastón. Sobre la distinción medio/dispositivo en Eliseo Verón. *In*: FAUSTO NETO, A.; ANSELMINO, N. R.; GINDIN, I. L. (Org.). **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosario: UNR Editora, 2015, p. 55-70. Disponível em: <http://bit.ly/2x31a8c>.

COLOMBO, Luiza Rabelo. Reflexões sobre o Escola sem partido e seu avanço no campo das políticas educacionais brasileiras. **Entropia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jan-jun, p. 52-68, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/3cr0hpY>.

CONSTANT, V. S.; BRAUER, M.; CORTAT, Z., GOMES, A. P. Universidades corporativas: educação ou doutrinação? **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 167-191, 2005. Disponível em: <http://bit.ly/38kOnL3>.

ESPINOSA, B. R. S.; QUEIROZ, F. B. C. Breve análise sobre as redes do. Escola sem Partido. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017. p. 49-62. Disponível em: <http://bit.ly/3cnlpgY>.

FAUSTO NETO, A. **Comunicação e Mídia Impressa**. Estudos Sobre a Aids, São Paulo: Hacker Editores, 1999.

FAUSTO NETO, A. **Ensinando à televisão**. João Pessoa. Editora universitária/UFPB, 2001. 120p.

FAUSTO NETO, A. Miatização da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo significante. *In: Mediação e Miatização: Livro Compós 2012*. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012a. p. 297-322. Disponível em: <https://bit.ly/2EPPzuF>.

FAUSTO NETO, A. Miatização, prática social-prática de sentido. *In: Encontro Anual da COMPÓS, 15., 2006, Bauru. Anais eletrônicos [...], UNESP, Bauru, 2006*. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_544.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf).

FAUSTO NETO, Antônio. “A circulação além das bordas”. *In: FAUSTO NETO, Antonio, Valdetaro, Sandra (Org.). Mediatización, sociedad y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos*. Rosario: UNR, 2010. p. 2-17. Disponível em: <http://bit.ly/38cWZDK>.

FAUSTO NETO, Antônio. A circulação do impeachment: do artigo de fundo à página virada. *In: CASTRO, P. C. (Org.), A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento*. Maceió: Edufal, 2017. p. 235-256.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos e conceitos. *In: Rizoma*, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, jul-dez., p. 8-40, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/2IbVniW>.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma “analítica” da miatização. *Revista Matrizes*, n.2, abr. 2008. p. 89-105.

FAUSTO NETO, Antônio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? *In: FAUSTO NETO, A.; BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; GOMES, P. G. (Org.). Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 2013, v. 1, p. 43-44.

FAUSTO NETO, Antônio. Narratividade jornalística no ambiente da circulação. *In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Org.) Narrativas comunicacionais complexificadas*, v. 1. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012. p. 46-67.

FAUSTO NETO, A. O conceito de recepção na obra de Eliseo Verón: 1968 – 2013. *Galáxia (São Paulo)*, São Paulo, n. 33, p. 63-76, dezembro de 2016. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198225532016000300063&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198225532016000300063&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 14 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-25542016227957>.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições. ? *In: FAUSTO NETO, A.; BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; GOMES, P. G. (Org.). Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 2013, v. 1. p. 140-155.

FERREIRA, Jairo. Notas de uma auto-análise a partir de um olhar sobre o método. *In: Encontro Anual da Compós, 18., 2009, Minas Gerais. Anais eletrônicos [...], PUCMG, Belo Horizonte, 2009*. Disponível em: <http://bit.ly/2Ia1TXz>.

FERREIRA, Jairo. O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação. *Intexto*, Porto Alegre, n. 27, p. 161-172, dez. 2012. Disponível em: <http://bit.ly/38nyFiE>.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, Artmed, 2009.

- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FRANÇA, Paula F. de Souza; GUGLIANO, Alfredo A. Programa Escola Sem Partido: Repressão ou Liberdade Para o Ensino? **Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad**, v. 4, ed. especial, mai., 2018. Disponível em: <http://bit.ly/32FayL0>.
- FREITAS, Maria Virginia. Jovens, escola democrática e proposta do “Escola sem Partido”. *In: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org). A ideologia do movimento Escola sem Partido: 20 autores desmontam o discurso*. São Paulo: Ação Educativa, 2016. p. 101-108. Disponível em: <http://bit.ly/2VCDJNl>.
- GOMES, P. G.; FAUSTO NETO, A.; FERREIRA, J. (Mesa redonda.). BRAGA, J. L. Miatização e processos sociais na América Latina. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 21., 2008, Natal. Anais eletrônicos [...], Natal, 2008. Disponível em: <http://bit.ly/2VCzQYE>.
- GOMES, Pedro Gilberto. Da anomia ética a um novo pacto social. *In: IHU On-line*, 23 de abril de 2018, São Leopoldo, Disponível em: <http://bit.ly/2Ic6qIK>.
- GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à mídiatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo, RS. Editora: Unisinos, 2017.
- GOMES, Pedro Gilberto. Miatização: um conceito, múltiplas vozes. **Rev Famecos (Online)** Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio-ago, p. 1-20, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2uPiaOy>.
- GONÇALVES, L. C. K. **Pensando a Escola Sem Partido e seus impactos na educação**. 2017. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes, 2017. Disponível em: <https://url.gratis/PaWhO>.
- HEBERLÊ, A. Interações possíveis na mídiatização da ciência. *In: FAUSTO NETO, A. (Org.). Miatização da Ciência: cenários, desafios, possibilidades*. Campina Grande: EDUEPB, 2012, p. 127-141.
- KAPLÚN, Gabriel. Nota sobre la Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual de Uruguay. **Revista Eptic**, v. 17, n. 2, maio-ago., p. 183-187, 2015. Disponível em: <https://url.gratis/h3UiO>.
- KATZ, E. P.; MUTZ, A. S. C. “O espírito da educação petista”: usos e desusos da tradição e figura de Paulo Freire no discurso do movimento Escola Sem Partido. *In: Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação*, 7., 2017, Canoas. **Anais eletrônicos** [...], Canoas, 2017. Disponível em: <https://url.gratis/6zmgz>.
- KATZ, E. P.; MUTZ, A. S. C. A construção de uma identidade docente desejável no discurso do Movimento Escola Sem Partido. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 2, ago. 2018. Disponível em: <https://url.gratis/rmBjb>.
- KATZ, Elvis Patrik. **Escola Sem Partido**: Uma análise das investidas de poder sobre as identidades docentes. 2017. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.
- LEITE, Sandra Nunes. A inovação científica e a circulação midiática do conhecimento. *In: FAUSTO NETO, A. (Org.). Miatização da Ciência: cenários, desafios, possibilidades*. Campina Grande: EDUEPB, 2012, p. 243 – 255.
- LIMA, J. P.; SILVA, W. R.; PORTO JUNIOR, F. G. R. Problematização da proposta “Escola sem Partido” na perspectiva do letramento Ideológico. **Horizontes**, v. 35, n. 3, p. 146-161, set./dez. 2017. Disponível em: <https://url.gratis/nI3D8>.

- LIMA, Jonas P. A visão disciplinar no Escola Sem Partido. **Interletras**, v. 7, n. 27, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://url.gratis/oLT1e>.
- LIMA, L. N. M.; TAVARES, L. Escola Sem Partido”: Uma análise do conteúdo das representações sociais nas Redes e Mídias Sociais. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, v. 25, p. 55-74, set.-dez. de 2017. Disponível em: <https://url.gratis/tkFMs>.
- MACEDO, Elizabeth. As demandas conservadoras do movimento Escola Sem Partido e a base nacional curricular comum. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n. 139, p. 507-524, abr.-jun., 2017. Disponível em: <https://url.gratis/OFGTY>.
- MASSONI, Sandra. Avatares del comunicador complejo y fluido. Del perfil del comunicador social y otros devenires. **Mediaciones**, Bogotá, v. 12, n. 16, p. 152-153, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/3cq1m1v>.
- MIGUEL, L. F. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” – Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 07, n. 15, p. 590-621, 2016. Disponível em: <https://url.gratis/k1se0>.
- MOURA, F. P. de. “**Escola Sem Partido**”: relações entre Estado, educação e religião e os impactos no ensino de história. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2PHHzAT>.
- MOURA, F.; SALLES, D. C. O Escola sem Partido e o ódio aos professores que formam crianças (des)viadas. **Revista Periódicus**, Salvador, n. 9, v. 1, p. 136-160, 2018. Disponível em: <https://url.gratis/ILFiC>.
- PENNA, F.; ALMEIDA, R. F. O trabalho intelectual do professor de história e a construção da educação democrática. Práticas de história pública frente à Base Nacional Comum Curricular e ao Escola Sem Partido. In: ALMEIRA e MENESES (Org.). **História pública em debate: Patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo, Letra e Voz, 2018.
- PENNA, F.; SALLES, D. C. A dupla certidão de nascimento do Escola Sem Partido: analisando as referências intelectuais de uma retórica reacionária. In: MUNIZ, A. C; LEAL, T. B. (Org.). **Arquivos, documentos e ensino de história: desafios contemporâneos**. Fortaleza: EdUECE, 2017. p. 13-38. Disponível em: <https://url.gratis/COAWE>.
- PENNA, Fernando. Programa “Escola Sem Partido”: Uma ameaça à educação emancipadora. In: GABRIEL, C. T.; MONTEIRO, A. M.; MARTINS, M. L. B. (Org.) **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- PICOLLI, Bruno Antônio. Totalitarismo na escola: uma análise dos projetos de lei do movimento Escola Sem Partido. In: Simpósio Nacional de História – contra os preconceitos: história e democracia, 29., Brasília, 2017. **Anais eletrônicos [...]**, UNB, Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.snh2017.anpuh.org/site/anais>.
- PINHEIRO, Cristiano Guedes. **Escola Sem Partido (ESP) versus Professores Contra o Escola Sem Partido (PCESP): tensões e discurso nas redes sociais**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2Ie0dw8>.
- RATIER, Rodrigo. 14 perguntas e respostas sobre o “Escola Sem Partido”. In: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org). **A ideologia do movimento Escola sem Partido: 20 autores desmontam o discurso**. São Paulo: Ação Educativa, 2016. p. 29-42. Disponível em: <http://bit.ly/2VCDJNl>.

RODRIGUES, A. D. **Estratégias da Comunicação**: Questão comunicacional e formas de sociabilidade. 3 ed. Lisboa: Presença, 2001.

RODRIGUES, H. W.; MAROCCO, A. A. L. Liberdade de cátedra e a Constituição Federal de 1988: alcance e limites da autonomia docentes. *In*: CAÚLA, B. Q. *et al.* **Diálogo ambiental**, constitucional e internacional. Fortaleza: Premium, 2014. p. 213-238.

ROMANCINI, Richard. "Vamos tirar a educação do vermelho": o Escola sem Partido nas redes digitais [Internet]. **E-COMPÓS**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 1-28, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/2VBQbN5>.

ROSA, Ana Paula. A circulação intermediária: espaço de cidadania ou mais ou do mesmo? *In*: Conferência Sul-Americana, 4., 2013. **Anais eletrônicos** [...], 2013. Disponível em: <http://bit.ly/2PH3zvD>.

ROSA, Ana. Paula. Atentado em looping: quanto uma palavra aciona uma imagem. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 22, p. 01-20, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2TBFVnm>.

ROSA, Ana. Paula. Imagens em proliferação: a circulação como espaço de valor. *In*: Colóquio de Semiótica das Mídias, 5., 2016, Japaratinga., 2016. **Anais eletrônicos** [...], UFAL, Alagoas, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2VEpUKP>.

ROSA, S. H. D.; MARRONI, F. V. Escola sem partido: reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem na formação do cidadão (a)crítico e a (in)visibilidade das tecnologias da informação e comunicação. **Revista Linguagem e Ensino**, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/1644>.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Comunicação e Política**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

SALLES, Diogo da Costa. As bases do conceito de “doutrinação ideológica” do Movimento Escola Sem Partido na obra de Nelson Lehmann da Silva. *In*: Simpósio Nacional de História – contra os preconceitos: história e democracia, 29., 2017, Brasília. **Anais eletrônicos** [...], UNB, Brasília, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/38frQQ1>.

SANTOS, T. P. **Corpo, sexualidade e resistências o contraste entre as propostas dos projetos denominados Escola sem Partido e as perspectivas foucaultianas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paraíba, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/39gBRxL>.

SBARDELOTTO, Moisés. O "religioso" comunicacionalmente autonomizado: as redes e a reconstrução do "católico". *In*: MIÈGE, Bernard *et al.* (Org.). Operações de midiaticização: das máscaras da convergência às críticas aotecnodeterminismo. Santa Maria: FACOS – UFSM, 2016. p. 295-316. Disponível em: <http://bit.ly/3ajnCbX>.

SILVA, Daniel Pinha. Ampliação e veto ao debate público na escola: História Pública, ensino de História e o projeto “Escola Sem Partido”. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, p. 11-34, set. 2016. Disponível em: <http://bit.ly/38af2uc>.

SILVA, Michel Carvalho. Ciberdemocracia e Educação para cidadania: as possibilidades de empoderamento do aplicativo Colab em Santos (SP). *In*: NAGAMINI, Eliana. (Org.). **Práticas educativas e interatividade em Comunicação e Educação**. Ilhéus, BA: Editus, 2016. p. 31-48.

SOARES, Ismar. **Gestão Comunicativa e educação**: caminhos da educomunicação. comunicação e educação. São Paulo, 23, 2002.

SORAES, Ismar. Educomunicação e terceiro entorno: diálogos com Galimberti, Echeverría e Martín-Barbero. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 15, n. 3, set/dez, p. 57-66, 2010. Disponível em: <http://bit.ly/2ThiD5x>.

SOUZA, Ana Lucia. GONÇALVES, Ednéia. Reeducação das relações raciais e ESP. *In*: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org). **A ideologia do movimento Escola sem Partido**: 20 autores desmontam o discurso. São Paulo: Ação Educativa, 2016.p. 137-148. Disponível em: <http://bit.ly/2VCDJNl>.

VERÓN, Eliseo. “Il est là, je le vois, il me parle”. **Communications**, Paris, n. 38, p. 98-120, 1983.

VÉRON, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VERÓN, Eliseo. Prólogo: La mediatización, ayer y hoy. *In*: CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (Org). **Las políticas de los internautas**: nuevas formas de participación. Buenos Aires: La Crujía, 2012.

YAMAUCHI, C. R. O. **Ética na perspectiva bakhtiniana e a formação crítica docente em tempos de Escola sem Partido**: A palavra como fenômeno ideológico. 2018. Monografia (Especialização em Ensino superior) – CEUNSP, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/2IdbTzc>.

ZUCOLO, Rosana Cabral. **Dispositivos interacionais e interações midiáticas**: um estudo sobre a implementação do projeto Maleta Futura, Canal Futura em Santa Maria e Passo Fundo/RS. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/2I9e7zH>.

## **APÊNDICE A – ENTREVISTA VIA FACEBOOK COM O GRUPO PCESP**

### **Como se deu o surgimento do PCESP? Quem são os fundadores ou responsáveis?**

Somos um grupo de professores e, na época da criação do grupo, estudantes de História da Universidade Federal Fluminense. Nos conhecemos quando o Escola Sem Partido estava começando a ganhar mais projeção através do projeto de lei. Começamos a nos organizar quando percebemos a necessidade urgente de publicizar o debate mais intensamente. Atualmente, os responsáveis continuam sendo as mesmas pessoas que compunham o grupo inicialmente. Basicamente todos nós somos professores e/ou pesquisadores do campo da educação.

### **Quais as principais frentes de combate do grupo?**

Atualmente, nossa atuação tem sido prioritariamente online, através da produção de materiais de formação política e divulgação a respeito não só do Escola Sem Partido e o tipo de ameaça que ele representa, mas também sobre outros ataques à educação (censura a debates de gênero, militarização, privatização, etc.)

### **Quanto à nomenclatura posso usar ao me referir aos PCESP: grupo, movimento ou coletivo?**

Somos um grupo, essencialmente.

### **Os podcasts são colaborativos ou apenas quem faz parte do grupo pode participar?**

São colaborativos. Cuidamos da parte da edição e distribuição, mas estamos sempre abertos a participações de convidados e projetos colaborativos.

### **Quem são responsáveis pelas publicações no Facebook e no site?**

Temos dois membros responsáveis pelas nossas redes sociais: Diogo e Luiza

### **Vocês também recebem denúncias de alunos ou professores contrários ao ESP? Como procedem?**

Sim. Sempre que recebemos denúncias de perseguição, indicamos às pessoas que nos contactam buscar apoio jurídico dos seus respectivos sindicatos e associações, tendo em vista que não podemos dar esse suporte. Também indicamos a leitura de materiais de referência como o "Manual de Defesa contra a Censura nas Escolas."

### **Uma das inquietações que me levaram a estudar o ESP é o fato de divulgarem nome e foto de professores em público (como forma de manifesto a quem se opõe aos ideais do movimento) no Facebook e site deles. Os PCESP preocupam-se com esse tipo de exposição?**

Constantemente, mas sempre buscamos nos antecipar a isso colocando os nossos rostos à frente das páginas. Porém, nunca sofremos ataques diretos do ESP da mesma forma que eles praticam com professores gravados sem autorização, por exemplo

**A atuação dos PCESP se dá em todo país? Participam de diferentes ações e mobilizações?**

Sempre tentamos, mas nossas limitações logísticas fazem da internet e do nosso conteúdo online nossa prioridade.